

**Universidade Federal do Pará
Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Amazônia Oriental
Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas**

Diego Corrêa Furtado

**Entre o extrativismo e a catação:
utilização das sementes de andiroba (*Carapa Guianensis* Aublet.) no Município de
Marapanim (Pará, Brasil)**

**Belém
2012**

Diego Corrêa Furtado

**Entre o extrativismo e a catação:
Utilização das sementes de andiroba (*Carapa Guianensis* Aublet.) no Município de
Marapanim (Pará, Brasil)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental.

Área de concentração: Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Pires Sablayrolles.

Coorientador: Prof. Dr. Luís Mauro Santos Silva.

**Belém
2012**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) –
Biblioteca Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural / UFPA, Belém-PA**

Furtado, Diego Corrêa

Entre o extrativismo e a catação: utilização das sementes de andiroba (*Carapa Guianensis* Aublet.) no Município de Marapanim (Pará, Brasil) / Diego Corrêa Furtado; orientador, Maria das Graças Pires Sablayrolles - 2012.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Belém, 2012.

1. Óleo de andiroba – Marapanim (PA). 2. Sementes oleaginosas – Marapanim (PA). 3. Produtos florestais – Pará. I. Título.

Diego Corrêa Furtado

**Entre o extrativismo e a catação:
Utilização das sementes de andiroba (*Carapa Guianensis* Aublet.) no Município de
Marapanim (Pará, Brasil)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental.

Área de concentração: Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável.

Data da aprovação: Belém - PA: 26/04/2012

Banca Examinadora

Dra. Maria das Graças Pires Sablayrolles (Presidente)
Universidade Federal do Pará

Dr. Flávio Bezerra Barros (Examinador interno)
Universidade Federal do Pará

Dra. Aline Maria Meiguins de Lima
(Examinadora externa)
Universidade do Estado do Pará

Às pessoas do meu convívio diário e aos camaradas de outros tempos e paragens, que, de algum modo, marcaram meu modo de ser e de ver a vida, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, meus familiares e amigos, que, embora não tenham me ajudado a fazer minha problematização, a delimitar meu tema ou a buscar referenciais cabíveis à discussão ora empreendida, muito me apoiaram no sentido de superar os momentos de dificuldades e os dissabores a que todos estamos suscetíveis.

Agradeço aos professores do MAFDS, especialmente na figura de Delma Pessanha Neves e Aquiles Vasconcelos Simões, por introduzirem-me de modo eficiente nas discussões referentes ao campo das ciências sociais, e da professora Graça Pires, pelo competente e dedicado serviço de orientação, lamentavelmente interrompido pelos tais dissabores da vida.

Presto mil agradecimentos ao então mestrando Robertho Marconi Santos Ruas, grande amigo de minha família, que, por seu extremado interesse pelos estudos antropológicos, possibilitou a inserção de valiosos elementos à escrita da presente dissertação. Da mesma feita, gostaria de registrar o apreço pela receptividade com que fomos recebidos em todos os lugares por que passamos na fase de campo da pesquisa.

De considerável importância para a conclusão deste trabalho, também foi a colaboração prestada pelo professor Mauro Silva, que, nos quarenta e cinco do segundo tempo, aceitou cooperar com uma pesquisa que já tinha passado por tantos percalços, intercorrências e reconfigurações, contribuindo com sua leitura atenta e diálogo fraterno.

Por fim, destaco meu apreço à CAPES, pela cessão da bolsa com a qual pude cursar o mestrado sem maiores preocupações em relação à manutenção de meus gastos.

“Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com elas, mas a elas, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-las. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito, é um isto ou aquilo, destratável ou desprezível.”

Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia* (1996).

RESUMO

A andiroba (*Carapa guianensis* Aublet) é uma espécie vegetal típica de florestas de várzea e terra firme, porém verifica-se, no estado do Pará (Brasil), a dispersão de suas sementes, por cursos d'água, até praias. A partir desta constatação, o presente estudo propôs investigar como ocorre a apropriação produtiva e simbólica da espécie pelas pessoas que residem em tais praias, comparando o contexto descrito com a literatura científica, que, até então, concentrou seus esforços no estudo do contexto florestal. O campo de pesquisa foi o município de Marapanim, e como método, foi feito um estudo de caso, associado à observação participante, entrevistas com roteiros semiestruturados, turnês guiadas e debates temáticos. O estudo concluiu que a extração do óleo das sementes de andiroba em Marapanim se baseia em conhecimentos técnicos e construções simbólicas introduzidas por emigrantes de áreas em que a andiroba é típica. Tal extração gera aumento da renda das famílias nos meses posteriores à safra da espécie, porém a inexistência de árvores de andiroba nas praias faz com que os interlocutores expressem dúvidas acerca de sua identificação como extrativistas.

Palavras-chave: Extrativismo. Produto florestal não-madeireiro. Recursos costeiros. Ambiente costeiro. Praia. Recursos naturais.

ABSTRACT

Andiroba (*Carapa guianensis* Aublet) is a plant species typical of semi-flooded or non-flooded forests, but, in Pará state (Brazil), its seeds disperse through water courses, reaching beaches. From such fact, the present study issued to investigate how the productive and symbolic appropriation of this species is performed by human populations who live in the mentioned beaches, also comparing the collected data with the information described in the scientific literature, which, so far, has been concentrating its efforts on the forest context. Field research was at Marapanim municipality, and as study method, it was chosen the case study, associated to participatory observation, interviews with semi-structured scripts, guided visits and thematic debates. The study concluded that the extraction of the andiroba seeds oil in Marapanim is based on technical knowledge and symbolic constructions introduced by people came from areas where andiroba tree is typical. Such work increases familiar income during the months that follow the species period, but the absence of andiroba trees at the local beaches brings doubts on the way how the research subjects express their identification as extractivists.

Keywords: Extractivism. Non-timber forest product. Coastal resources. Coastal environment. Beach. Natural resources.

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1	Imbricações entre os locais de pesquisa	24
Esquema 2	Fenofases de <i>Carapa guianensis</i> na região de Manaus	29
Esquema 3	Fenofases de <i>Carapa guianensis</i> no leste paraense	29
Esquema 4	Famílias praticantes da primeira estratégia produtiva do extrativismo de andiroba em Marudá no ano de 2011	44
Esquema 5	Famílias praticantes da segunda estratégia produtiva do extrativismo de andiroba em Marudá no ano de 2011	45
Esquema 6	Famílias praticantes da terceira estratégia produtiva do extrativismo de andiroba em Marudá no ano de 2011	46
Esquema 7	Famílias praticantes da quarta e quinta estratégias produtivas do extrativismo de andiroba em Marudá no ano de 2011	47
Esquema 8	Famílias praticantes da sexta estratégia produtiva do extrativismo de andiroba em Marudá no ano de 2011	49
Esquema 9	Famílias praticantes da primeira e da quinta estratégia produtiva do extrativismo de andiroba em Camará no ano de 2011	50
Esquema 10	Famílias praticantes da segunda e da quarta estratégia produtiva do extrativismo de andiroba no Camará no ano de 2011	51
Esquema ... 11	Famílias praticantes da quarta e da quinta estratégia produtiva do extrativismo de andiroba no Camará e no Crispim no ano de 2011	53
Esquema ... 12	Famílias praticantes da quarta e da quinta estratégia produtiva do extrativismo de andiroba no Crispim e em Marapanim no ano de 2011	54
Esquema 13	Esquema de análise cruzada referente à crença dos extrativistas no fim das sementes de andiroba nas localidades habitadas e suas repercussões emocionais	99

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	Vista de Marudá	19
Fotografia 2	Vista de Crispim	19
Fotografia 3	Vista do Camará	20
Fotografia 4	Árvore de andiroba adulta	26
Fotografia 5	Raiz de uma árvore de andiroba adulta	26
Fotografia 6	Flor isolada de andiroba (à esquerda) e inflorescência (à direita)	27
Fotografia 7	Fruto da andiroba	27
Fotografia 8	Semente de andiroba encontrada na praia de Marudá	28
Fotografia 9	Extrativista de Marudá coletando semente de andiroba	58
Fotografia ... 10	Extrativista do Crispim que repassa suas sementes de andiroba	59
Fotografia ... 11	Exibição de sementes em processo de abafamento	60
Fotografia ... 12	Descascamento da andiroba em Marudá	61
Fotografia ... 13	Formação da massa da andiroba em Marudá	61
Fotografia ... 14	Óleo de andiroba escorrendo no alumínio no Camará	62
Fotografia ... 15	Óleo de andiroba escorrendo no plástico no Crispim	63
Fotografia ... 16	Armazenagem imprópria do óleo de andiroba em Marapanim	64
Fotografia ... 17	Sabão da andiroba produzido em Camará	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Origem e migrações dos interlocutores	33
Gráfico 2	Faixas etárias dos interlocutores	34
Gráfico 3	Pessoas mediatizadoras do aprendizado acerca do extrativismo de sementes de andiroba	35
Gráfico 4	Comparação entre o montante de renda (em reais) obtido pelas famílias comercializadoras de óleo de andiroba em Marudá, em relação às épocas de entressafra e safra da andiroba	71
Gráfico 5	Comparação entre o montante de renda (em reais) obtido pelas famílias comercializadoras de óleo de andiroba no Camará, em relação às épocas de entressafra e safra da andiroba	71
Gráfico 6	Comparação entre o montante de renda (em reais) obtido pelas famílias comercializadoras de óleo de andiroba no Crispim, em relação às épocas de entressafra e safra da andiroba	72
Gráfico 7	Síntese dos dados referentes à quantidade média de renda mensal (em reais) obtida por famílias de extrativistas durante os meses da safra e os meses da entressafra da andiroba	72
Gráfico 8	Aumentos percentuais médios dos rendimentos das famílias em relação à safra da andiroba	73
Gráfico 9	Formação da renda em um mês da safra da andiroba, nas famílias comercializadoras do óleo	74
Gráfico 10	Frequência de citações acerca da importância da andiroba	75
Gráfico 11	Utilidades em que a renda obtida com a venda de óleo de andiroba é aplicada	76
Gráfico 12	Motivos citados como causa da variação na obtenção da renda da andiroba	77
Gráfico 13	Respostas dos interlocutores quando questionados acerca da posse de caracteres para a inserção no extrativismo de andiroba	87
Gráfico 14	Opiniões dos extrativistas sobre o suposto fim da chegada de andiroba nas localidades visitadas	98

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	16
2.1 ÁREA DE ESTUDO	17
2.2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	21
2.3 INTERLOCUTORES	23
3 A BIOLOGIA DA ANDIROBA	25
4 CARACTERIZAÇÃO DOS INTERLOCUTORES	31
4.1 QUEM SÃO OS EXTRATIVISTAS DE ANDIROBA DE MARAPANIM?	32
5 ORGANIZAÇÃO DO EXTRATIVISMO DE ANDIROBA EM MARAPANIM	38
5.1 ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO DO EXTRATIVISMO DE ANDIROBA EM MARAPANIM	40
5.2. COMPOSIÇÕES GRÁFICAS DAS POSIÇÕES ESTRATÉGICAS	43
5.2.1 Em Marudá	44
5.2.2 No Camará	49
5.2.3 Camará e Crispim	52
5.3.4 Crispim e Marapanim	53
6 QUALIDADE DO PROCESSO EXTRATIVO LOCAL	56
6.1 O CASO DE MARAPANIM	58
7 ANDIROBA COMO COMPLEMENTAÇÃO DA RENDA	67
7.1 ALGUNS CASOS EXTREMOS E MEDIANOS	67
7.2. VARIAÇÃO DA RENDA EM RELAÇÃO À ENTRESSAFRA-SAFRA	69
7.3 O USO DO DINHEIRO GANHO COM A ANDIROBA	74
7.4 MUDANÇAS NOS PADRÕES DE COLETA E COMERCIALIZAÇÃO	76
8 REPRESENTAÇÕES ACERCA DO EXTRATIVISMO DE ANDIROBA	78
8.1 A QUESTÃO DA AUTODENOMINAÇÃO	79
8.2 OS NÃO-EXTRATIVISTAS	82
8.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS VERTIDAS EM MITOS	87
8.4 NOÇÃO DE SUCESSO NO TRABALHO COM A ANDIROBA	94
8.5 A PERCEPÇÃO DE FRAGILIDADE DO SERVIÇO COM A ANDIROBA	97
8.6 EM BUSCA DE UMA NOVA SÍNTESE... ..	104
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS.....	112

1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar na Amazônia, baseada na diversidade de estratégias desempenhadas pelos sujeitos que a praticam, tem um importante papel para a reprodução social e segurança alimentar das famílias da região. Para os habitantes da Amazônia, na época pré-colombiana, tal agricultura se configurava por ser uma atividade extrativa. Com a chegada dos colonizadores portugueses e formação de novos núcleos de ocupação, o extrativismo passou a ser orientado pelos eventuais ciclos econômicos de produtos de interesse (como a borracha, produzida a partir do látex da seringueira - *Hevea brasiliensis* [Willd. ex A. Juss.] Müll. Arg.), determinados por demandas internacionais (RIZEK, 2006).

Porém, novas técnicas agrícolas foram desenvolvidas e o extrativismo passou a ser recorrentemente identificado como atrasado por alguns estudiosos e políticos que se posicionavam a partir de esquemas interpretativos alheios à importância da atividade como meio de complementação da renda familiar não urbana. As leituras da natureza amazônica norteadas pela primazia do potencial do meio físico, por seu turno, também se alinharam para manter as populações residentes em ambientes não urbanos “invisíveis”, marginalizadas, identificando-as como “pouco desenvolvidas”, porém tal quadro foi incapaz de impedir a continuidade da atividade extrativa (GUERRA; MENEZES, 1999; ALMEIDA, 2008).

Na discussão sobre as formas que o extrativismo pode assumir, foram merecedoras de destaque determinadas práticas, bem documentadas, tanto do ponto de vista técnico-biológico das espécies de interesse, quanto do ponto de vista da organização social do trabalho. No Estado do Pará, ganham destaque, no âmbito do extrativismo vegetal, algumas espécies de interesse, como o açaí (*Euterpe oleracea* L.), a andiroba (*Carapa guianensis* Aublet), o babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.), o dendê (*Elaeis guineensis* Jaquim) e a castanha do Pará (*Bertholletia excelsa* H.B.K.) (HOMMA, 2005; JARDIM; MEDEIROS, 2006; SCHWARTZ; NASCIMENTO MENEZES, 2008).

O extrativismo da andiroba, especificamente, abarca tanto a discussão referente aos produtos florestais madeireiros (PFM) quanto aquela referente aos não madeireiros (PFNM). A madeira da andiroba possui mercado estabelecido, é considerada leve e fácil de ser retirada da floresta. As populações da espécie são densas, abundantes e com alta capacidade regenerativa, sendo a madeira empregada na construção civil e naval (SCHULZE; GROGAN; VIDAL, 2008). Como PFNM, a figura central é a semente da andiroba, da qual se extrai o óleo, de usos múltiplos (GUEDES, et al., 2008; WADT et al., 2008).

A andiroba tem importância reconhecida também em várias outras localidades da Amazônia, sendo tema de estudos em Roraima (TONINI et al., 2008; TONINI; COSTA;

KAMISKI, 2009), no Amazonas (HOMMA; MENEZES, 2005; SCHMAL et al., 2006; MENDONÇA; FERRAZ, 2007), no Amapá (GUEDES et al., 2008) e no Acre (KLIMAS et al., 2008; RAPOSO et al., 2007; WADT et al., 2008). Os estudos realizados em Roraima e no Acre até então focalizaram principalmente os aspectos biológicos da espécie, como estrutura populacional, produção e formas de plantio. Aqueles feitos no Amazonas e no Pará, embora incluam as análises biológicas e florestais, também abarcam elementos relativos à temática socioeconômica, incluindo a caracterização do extrativismo e dos extrativistas de andiroba (SANTOS et al., 2004; OLIVEIRA; ARAÚJO; SANTOS, 2009; SANTOS; GUERRA, 2010).

Alguns desses trabalhos são realizados em ambientes de terra firme, e outros na várzea, e, em ambos os casos, são feitas análises relativas à condição de acessibilidade dos extrativistas às áreas ocupadas pelas populações de árvores (FERRAZ; CAMARGO; SAMPAIO, 2002; PLOWDEN, 2004; HOMMA; MENEZES, 2005; MENDONÇA; FERRAZ, 2007; SANTOS; GUERRA, 2010). Condições opostas, em que as sementes de andiroba são encontradas em locais distantes da origem de produção, como praias, são, ao contrário, meramente citadas, mas não contam com análises aprofundadas (COELHO-FERREIRA, 2009; CARNEIRO; BARBOZA; MENEZES, 2010).

Essa configuração parece estar relacionada às frequentes associações instantâneas feitas entre dado local, suas peculiaridades ambientais e as atividades produtivas da população humana ali residente. Partindo-se de uma base materialista, poder-se-ia afirmar que as atividades humanas desenvolvidas em determinado trecho de mundo são direcionadas, potencializadas ou restringidas, pelas características particulares de dado lugar.

Sem contradizer esta colocação, é importante salientar, porém, que a descuidada correspondência entre tipos vegetais componentes da fisionomia florística de um dado ecossistema e a disponibilidade de matérias-primas para processos de transformação pode encontrar surpreendentes desconexões. A pergunta que resta, portanto, é aquela indagação acerca de como um recurso não local pode se tornar uma importante matéria-prima para produtos considerados como essenciais por populações menos abastadas.

O transporte intencional de representantes de uma determinada espécie, de um lugar para outro, e sua possível aclimação podem compor um mecanismo através do qual é possível imaginar os pressupostos anteriores. Não é o caso, porém, da situação encontrada no município de Marapanim, em que, apesar de não saberem onde há árvores de andiroba nas proximidades e, em alguns casos, jamais terem-na visto em sua vida pregressa, algumas pessoas, residentes em bairros costeiros e vilas de pescadores, realizam, anualmente, o extrativismo de andiroba, desde a coleta das sementes, até a extração do óleo e sua venda.

Durante dois ou três meses, geralmente em março e abril, as grandes marés trazem uma quantidade razoável de sementes de andiroba para as praias de Marapanim, como Marudá, Crispim, Paraquembal e Dom Pedro. Diferentemente da floresta, onde as sementes são buscadas por vistas atentas, que vasculham uma confusão de folhas, ou do rio, onde os extrativistas tentam capturar sementes com cestinhas especiais, na praia, as sementes são visíveis à distância, bastando, para juntá-las, abaixar-se. Algumas famílias fazem este exercício pontualmente, em número expressivo, para manter suas metas regulares de coleta e extração, embora até os extrativistas que coletam sementes em passeios diários e tranquilos, ditos mesmo terapêuticos, consigam, em alguns casos, obter quantidades de sementes e óleo consideradas, por eles próprios, bastante satisfatórias.

Este cenário não deve ser visto como mera curiosidade, ou como exceção sem valor analítico, pois não somente o extrativismo de andiroba se caracteriza como atividade com grande potencial de geração de renda, como também deve compor, em cada realidade onde é praticado, um desenho específico na complementação da renda familiar. Se o extrativismo de andiroba realizado nas florestas corresponde a uma participação de tantos por cento, para tantas por cento famílias empreendedoras, que garantia pode-se ter de que os percentuais se aplicam igualmente às praias, se não houver quem se lance ao desafio experimental?

Acrescente-se a percepção mistificada de que, em regiões costeiras pouco urbanizadas, as famílias se dedicam somente à pesca, estando alheias a conhecimentos esperados de povos residentes nas florestas. Ora, se as populações humanas da costa, como se pretende mostrar neste trabalho, podem, dentro de determinados parâmetros de existência, acessar recursos naturais improváveis, existirá algum meio pelo qual tais populações possam acessar conhecimentos improváveis? Estas questões postas, evidencia-se, abaixo, a pergunta de pesquisa central, motivadora dos esforços empreendidos no último ano:

- Como a andiroba, sendo um recurso natural não local ao ecossistema de praia, pode chegar a complementar a formação da renda monetária familiar e também a formação da visão de mundo e autodenominação de seus praticantes dentro de domicílios localizados nesse ambiente?

Como hipótese, sugeriu-se que, apesar de logicamente insuspeito e formalmente imprevisível, o extrativismo de sementes de andiroba em praias traz efetivo aumento na renda domiciliar de famílias de extrativistas nos meses da safra da espécie, de modo que as análises de uso de produtos florestais não madeireiros e uso de recursos naturais em áreas costeiras precisam ser revistos em algumas localidades, bem como seus instrumentos subjacentes de coleta de dados. Além disso, a realização desta atividade, ao estar relacionada à manutenção

de espaços estáveis de convivência familiar e comunitária, acreditou-se, colaboraria para a formação de uma cosmologia peculiar dentro do entendimento que seus praticantes têm sobre sua própria existência. Estas pessoas passariam a formular, portanto, representações acerca de seu trabalho com as sementes de andiroba e de sua autodenominação como extrativistas.

Como objetivos, então, têm-se:

Objetivo geral:

- Compreender as dimensões produtivas e sociais assumidas a partir da utilização das sementes de andiroba por famílias residentes em algumas localidades costeiras do município de Marapanim.

Objetivos específicos:

- Traçar um perfil dos extrativistas de andiroba do local de estudo.
- Reconhecer os modos de organização social e mobilização da força de trabalho relativa ao extrativismo de andiroba nas localidades estudadas.
- Discutir acerca da qualidade do óleo de andiroba adquirido a partir dos procedimentos de processamento das sementes empregados pelas famílias inquiridas.
- Tecer considerações sobre as representações formuladas pelos extrativistas de andiroba acerca de sua autodenominação enquanto tais e as bases subjacentes a seu sistema de compreensão.
- Mensurar a contribuição relativa do extrativismo de andiroba para a formação da renda monetária de famílias extrativistas no município pesquisado.

Quanto à estrutura da dissertação, o trabalho segue com a exposição dos materiais e métodos utilizados para responder a pergunta de pesquisa e satisfazer os objetivos estipulados. Depois, são feitas considerações sobre características morfofisiológicas e fenológicas da andiroba. Em seguida, são explicitadas características dos extrativistas nas localidades visitadas e suas formas de organização familiar e distribuição da força de trabalho para o extrativismo de andiroba. Depois, é feita uma comparação entre o processo de extração do óleo de andiroba realizado nos locais visitados e o que é previsto na literatura. Adiante, restringindo-se a amostra àqueles extrativistas que comercializam produtos oriundos desta atividade, propõe-se uma mensuração de sua produtividade e formação de renda monetária. Por fim, discute-se sobre as representações e auto-representações acerca desse serviço, ora visualizado como atividade intermediária entre modelos mais comuns de extrativismo vegetal e a própria mariscagem de animais.

2 METODOLOGIA

Antes de explicar sobre os detalhes envolvidos na execução da pesquisa que motivou a escrita do presente texto, é interessante (senão mesmo fundamental) compartilhar algumas decisões com as quais houve necessidade de se defrontar durante o delineamento do trabalho de campo. Inicialmente tendo escolhido o município de Salvaterra (no Marajó) como lócus de pesquisa, devido à ocorrência da chegada de sementes de andiroba via maré também nas praias deste município, verificou-se a necessidade de reconsiderar se ali haveria viabilidade para executar-se uma pesquisa com o rigor científico esperado.

A incômoda desconfiança nasceu da dificuldade com que foram travadas as conversas iniciais com a presidente da cooperativa de extrativistas existente no local. Tal cooperativa, em parceria com uma grande empresa compradora de, entre outros recursos naturais, sementes de andiroba, pareceu desconfortável com a presença de um pesquisador, mesmo que este ator meramente estivesse disposto, segundo um projeto de qualificação bastante modesto, a travar uma austera batalha em busca de inofensivos dados de produção, com vistas a uma análise bem mais tecnicista que esta empregada no trabalho final.

As infrutíferas investidas se somaram à certeza de que, mesmo sendo recebido pelos extrativistas de Salvaterra, haveria um sentimento de desconfiança de vários interlocutores em relação aos instrumentos, momentos e aplicadores da coleta de dados. Os filtros por que passariam os discursos dos entrevistados antes de proferidos poderiam ser de difícil (talvez intransponível, devido à escassez de tempo para este tipo de pesquisa) desconstrução, enquanto as informações concedidas pelos representantes da cooperativa e da empresa seriam, não houve dúvidas, imprecisas.

De última hora, chegou a informação de que o fenômeno natural observado em Salvaterra também constituía-se em uma realidade no município de Marapanim, no nordeste paraense. Sem vestígios de impedimentos, e alarmados pelo vertiginoso avanço adentro da safra de andiroba de 2011, pesquisador e colaboradores organizaram uma viagem exploratória a Marapanim, com o intuito de julgar sua adequação à proposta até então formulada. Nesta visita, que durou três dias, foi possível estabelecer contato com várias pessoas, a maioria das quais, envolvidas com o extrativismo de andiroba. As conversas fluíram com naturalidade.

A desconfiança, obviamente, estava presente, pois havia pessoas de fora, verdadeiros forasteiros, fazendo vários questionamentos, como que procurando por algo indefinível para os moradores locais. Com visitas posteriores, porém, os moradores passaram a ficar mais à vontade com as pessoas envolvidas na pesquisa. Passando por casas onde moravam famílias aparentadas, os laços de confiança ficavam cada vez mais consistentes. O receio do que

poderia ter acontecido em Salvaterra não encontrou eco na realidade vivenciada em Marapanim. A fluidez com que se deu o trabalho de campo permitiu, inclusive, a expansão dos objetivos iniciais, especialmente devido ao contato espontâneo com os interlocutores, quase sempre solícitos e atenciosos.

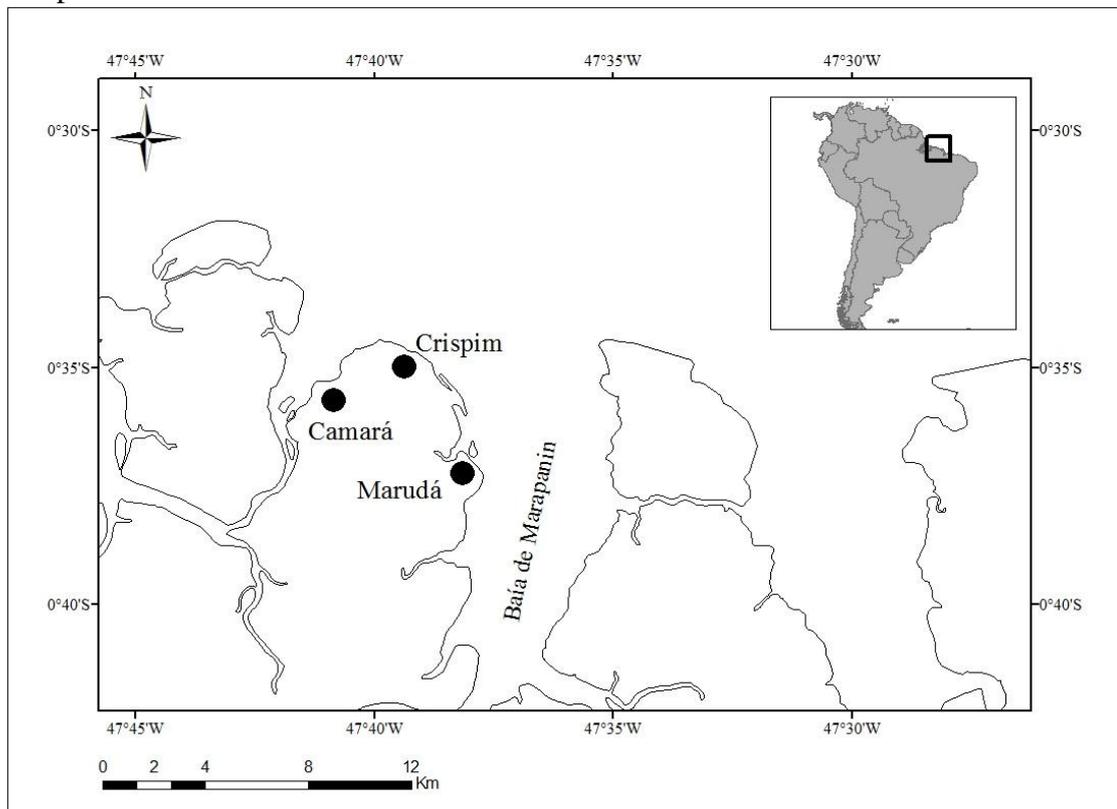
Um elemento deste percurso, no entanto, merece destaque a esta etapa do trabalho. Os três dias de pré-campo, fase anterior ao fechamento definitivo do formato e conteúdo dos instrumentos de coleta de dados, foram fundamentais para que a equipe de trabalho pudesse desenvolver a pesquisa com segurança e rigor metodológico. Como será percebido a partir da leitura das seções referentes à metodologia, a seguir, sem os rápidos e poucos dias de pré-campo, faltariam várias informações necessárias ao preciso delineamento dos roteiros de entrevistas e cronograma de visitas às famílias.

A *internet*, aliás, embora louvada como fonte inigualável de informação, pouco contribuiu para que viessem a ser conhecidos alguns dos mais relevantes dados de suporte à metodologia aqui construída. Que não se estranhe o fato de, já nesta seção da dissertação, serem apresentados dados verificados *in loco*, pois, sem esta fase de “campo prévio”, não haveria, para o presente estudo, fase de campo que se sustentasse sozinha. O campo teve que ser planejado, e o planejamento só teria sido e só foi planejado graças a essas observações prévias, boa parte das quais, revelada a seguir.

2.1 ÁREA DE ESTUDO

O município de Marapanim se situa na região costeira do estado do Pará (Brasil), estando em contato com o Oceano Atlântico. Situado no nordeste paraense, dista cerca de 160 quilômetros de Belém (capital do Pará), sendo formado por uma série de vilas e distritos, além de contar com uma sede municipal (Mapa 1). Foi primeiramente colonizado por índios, sendo, depois, integrado no mapa da atividade pesqueira e recebido migrantes de diversos lugares, como das regiões de Bragança e do Marajó. A vegetação local é primariamente composta por espécies de restinga, manguezal e paisagens antropogênicas, incluindo florestas secundárias em vários estágios de sucessão. A precipitação anual média é de 2600 mm, com maior intensidade entre os meses de dezembro e maio. A estação seca vai de junho a novembro, com precipitações médias inferiores a 60 mm por até dois meses (FURTADO et al., 2006; AMARAL et al., 2008; COELHO-FERREIRA, 2009).

Mapa 1 – Localidades visitadas.



Fonte: Cortesia da Mestra em Zoologia (UFPA/Museu Paraense Emílio Goeldi) Naraiana Loureiro Benone, 2012.

Dentre os distritos de Marapanim, estão as quatro localidades visitadas, Marudá, Crispim, Camará e a própria sede municipal, próximas entre si. A sede urbana de Marapanim se apresenta como um núcleo que conta com boas condições de urbanização, com pavimentação das vias principais e oferta dos serviços básicos de educação e saúde. Tais serviços se mostram aqui centralizados no que diz respeito ao acesso à educação de nível médio e a consultas médicas. Por possuir postos de trabalho em várias instituições de serviço público, Marapanim desponta como local de constituição de assalariamento estável. Por outro lado, o comércio do núcleo urbano do município também garante o assalariamento de demais grupos populacionais. Apesar da condição central, mesmo essa sede urbana apresenta um aspecto de esvaziamento fora do veraneio, com diversas casas fechadas e ruas quase sem nenhum movimento, mesmo à luz de um dia de meio de semana.

O destino turístico geralmente tomado a partir do município de Marapanim é Marudá, que já foi pólo pesqueiro, mas atualmente assume ares de balneário (Fotografia 1). A observação de casas trancadas e sem ocupantes se torna ainda mais acentuada neste local, onde, fora da temporada, os donos de bares e seus funcionários eventuais têm que se sustentar com a minguada presença de famílias belenenses e castanhalenses durante os finais de semana, suas aposentadorias, prestação de serviços como caseiros de propriedades utilizadas

por veranistas, eventuais saídas para pesca e coleta de mariscos e sementes de andiroba (na época da safra, que ocorre durante dois a três meses, sempre no primeiro semestre de quase todos os anos). Outros moradores, que não têm renda ligada ao atendimento do público veranista, mantêm atividades diversas, como a pesca, o serviço na construção e o assalariamento nos serviços públicos locais (escolas de nível fundamental e polícia militar).

Fotografia 1 – Vista de Marudá.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Outro destino turístico disputado nas férias é a praia do Crispim (Fotografia 2), onde existem bares e pousadas.

Fotografia 2 – Vista do Crispim.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Uma parcela significativa da população ali residente está comprometida com atividades como a pesca e a catação de mariscos, que garantem tanto a alimentação habitual quanto a geração de renda para aquelas famílias. Não se percebe claramente nas populações do Crispim uma diversificação de atividades tão marcante quanto aquela observada em Marudá. Primeiramente, por que não existem postos de assalariamento público (estáveis) na localidade, assim como alguns dos residentes declaram ser filhos e netos de extrativistas de vegetais, porém sem o conhecimento das técnicas de processamento possuídas por seus antepassados. As sementes de andiroba, os peixes e mariscos disponíveis no Crispim ocorrem em quantidades consideradas, pelos interlocutores da pesquisa, bastante significativas, o que motiva o deslocamento de pessoas de localidades próximas (como Marudá e Camará) até esta praia, onde podem obter coletas mais abundantes.

No Camará (Fotografia 3), por fim, há uma população possuidora de intimidade com diversos tipos de atividade, e essa versatilidade está baseada na busca por fontes diferenciadas de renda e uso dos múltiplos recursos naturais disponíveis.

Fotografia 3 – Vista do Camará.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A organização local das pessoas nesta vila se adequa ao conceito de *comunidade* apresentado por Berger e Luckmann (1973) e Cuche (1999), em que pode ser detectada a existência de um universo social de significações, símbolos e visões de mundo compartilhadas. As atividades geralmente praticadas são a pesca, a catação de mariscos, a coleta de sementes de andiroba, o processamento dos produtos do extrativismo, a pequena

criação de aves, o cultivo de espécies frutíferas e espécies medicinais diversas nos quintais, os pequenos comércios locais e a eventual venda da mão-de-obra em pontos comerciais de Marudá e Crispim durante a alta temporada de férias.

Algumas pessoas abordadas mencionaram condições instáveis de vida, com falta de assistência básica à saúde (apenas contam com duas agentes comunitárias de saúde, altamente dependentes de Marudá) e riscos associados à solidão de mulheres que chefiam suas famílias sem companheiros. A fragilidade econômica e insustentabilidade desses sistemas de produção decorrem da dependência do seu rendimento financeiro em relação a safras específicas de produtos vegetais e animais. Nesse caso, os laços de reciprocidade e assistência local são acionados, mas não apagam das memórias das pessoas as experiências de insegurança social.

No Camará, os benefícios do turismo são apenas indiretos, pelo deslocamento eventual de moradores em termos de contratação precária de mão-de-obra nos centros recebedores de veranistas, portanto não são percebidas obras públicas de melhoria das condições de saneamento e pavimentação das vias. Desse modo, percebe-se que os comunitários estão à disposição de sua própria sorte, o que somente não inviabiliza a manutenção de seu modo de vida por que os moradores demonstram possuir conhecimentos tradicionais diversos, permitindo a constituição do quadro de múltiplas estratégias produtivas dentro do mesmo estabelecimento familiar. Se no Crispim moram os filhos dos trabalhadores tradicionais polivalentes, no Camará moram os próprios trabalhadores tradicionais polivalentes, que, por assim se caracterizarem, conseguem proceder à sua reprodução social mesmo sem possuírem a mesma visibilidade que possuem os balneários próximos.

2.2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Para esta pesquisa, foi utilizado o método de estudo de caso e as seguintes técnicas de pesquisa: conversas informais, entrevistas com roteiros prévios (Quadros 2 e 3), observação participante, visitas guiadas aos locais de coleta e processamento e debates entre colaboradores técnicos, como familiares que processam as sementes juntos. Tais técnicas foram aplicadas entre os meses de abril e julho de 2011, momento de transição entre o auge da safra da andiroba e seu final, que culminou com o incremento nos esforços de processamento das sementes.

As entrevistas constituem encontros de pessoas face a face, com a finalidade consultiva e formato relativamente sistemático. Trata-se de um artifício eficiente para se obter grande quantidade de informações em pouco tempo. A observação participante, por sua vez, é uma técnica caracterizada por um controle mínimo da situação e participação máxima do pesquisador nos eventos que se desenrolam. Neste caso, o observador fica tão próximo quanto

um membro do grupo que ele está estudando e participa das atividades normais deste. As visitas guiadas, por fim, consistem do acompanhamento de comunitários às áreas onde são desenvolvidas as atividades produtivas (MARCONI; LAKATOS, 2001).

Quadro 1 – Roteiro prévio para as entrevistas (a andiroba na unidade familiar).

- CASA -			
Local:	Número:	Interlocutor (a):	
Adultos:	Adolescentes:	Crianças:	Idosos:
Parte 1 – Atividades produtivas da família ao longo do ano			
Interlocutor (especificar atividades e ganhos):			
Familiar 2:			
Familiar 3:			
Familiar 4:			
Familiar 5:			
Familiar 6:			
Familiar 7:			
Formação da renda (em relação à andiroba):			
Na safra (especificar atividades e ganhos):			
Na entressafra (especificar atividades e ganhos):			
Qual a importância da andiroba para sua família?			
Parte 2 – Etapas do extrativismo de andiroba			
Coleta (Quem? Onde? Por quanto tempo?):			
Cozimento:			
Descanso:			
Quebra (Quem? Onde? Por quanto tempo?):			
Amassamento (Quem? Por quanto tempo?):			
Escorrimento (Quanto tempo? Onde?):			
Fazem sabão?			
Parte 3 – Produtos e rendimento correlato			
Sacas coletadas:		Sacas vendidas/doadas:	
Sacas compradas/ganhas:		Sacas processadas:	
Quantidade de óleo obtido (especificar unidade):			
Quantidade de óleo mantido para uso e doação:			
Quantidade de óleo vendido:			
Preço da unidade:		Vende para quem? Por quanto?	
Por que o ganho com a andiroba varia de um ano para o outro?			
O dinheiro da venda do óleo ajuda? Serve para o que?			

Fonte: Elaboração da equipe de pesquisa, 2011.

Quadro 2 – Roteiro prévio para as entrevistas (a andiroba para o indivíduo).

- MEMBRO DA FAMÍLIA -		
Entrevistado:	Número:	Data:
Parte 1 – Identificação do interlocutor e de sua família		
Qual sua idade? Você nasceu aqui? S() N(), de onde você veio? Quantos anos tinha?		
Seus pais e avós são de onde (onde nasceram, onde cresceram e onde viveram)?		
Qual seu nível de escolaridade?		
Parte 2 – Conhecimentos e posições sobre a andiroba		
O que você sabe fazer com a andiroba? (coletar, fazer óleo, etc.)		
Você sabe diferenciar as sementes boas das ruins? Como é?		
Qualquer pessoa pode trabalhar com a andiroba? Ou só pessoas com algo de especial?		
Com quem aprendeu a trabalhar com a andiroba? Quando? Como? Onde?		
Seus filhos sabem trabalhar com a andiroba? Foi você que ensinou? Para todos?		
Você conversa com pessoas da comunidade que também trabalham com a andiroba? Quem?		
Vocês saem juntos para coletar sementes ou para fazer o óleo?		
Você sabe de onde vêm as sementes que você coleta na praia? De onde? Como você sabe?		
Você tem alguma preocupação com o fim das sementes na praia? Tem medo que acabe?		
Quando você começou a fazer a coleta de sementes de andiroba na praia? Por quê?		
Como você se sente fazendo o extrativismo de andiroba? Quais os sentimentos e pensamentos que você tem em cada etapa do trabalho com a andiroba?		
Por que você faz o extrativismo de andiroba?		
Você se considera um extrativista de andiroba?		
Seu trabalho com a andiroba é importante? Por quê?		

Fonte: Elaboração da equipe de pesquisa, 2011.

2.3 INTERLOCUTORES

A pesquisa foi feita com 52 pessoas, residentes em 39 casas, entre homens e mulheres, nos distritos de Marudá (26), Crispim (9) e Camará (13) e na sede urbana de Marapanim (4). A definição dos interlocutores se deu a partir de indicações feitas pelas pessoas de cada local. Os moradores apontados como extrativistas contumazes de andiroba foram procurados e, quando encontrados, foram solicitadas a participar da pesquisa e, em seguida, a indicar outras pessoas que também trabalhavam com a andiroba, fosse somente na coleta, somente no processamento ou em ambos.

Acredita-se não ter havido problemas decorrentes deste método de abordagem, pois as indicações não foram feitas somente pelos extrativistas, mas também por moradores locais que não trabalhavam com a andiroba, porém tinham referências de extrativistas. Por diversas vezes, inclusive, quando um laço de indicações fechava-se, foi necessário abordar transeuntes aleatoriamente, para pedir-lhes informações de extrativistas ainda não visitados. Embora não seja possível informar com exatidão o número total de extrativistas no município de

Marapanim, nem nos distritos visitados, presume-se terem sido entrevistados 68% dos extrativistas reconhecidos como referências locais nesse trabalho (Tabela 1).

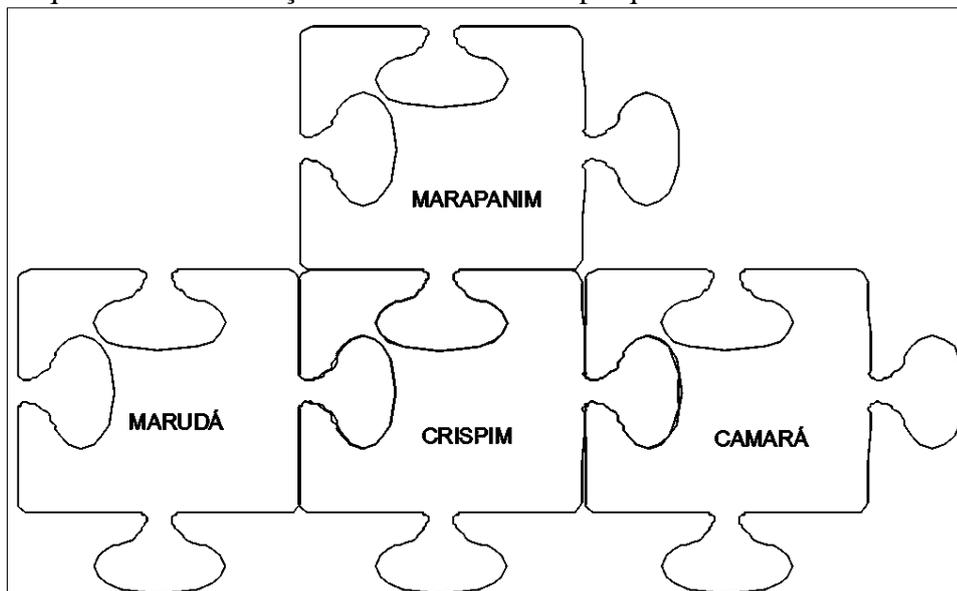
Tabela 1 – Extrativistas entrevistados nas localidades visitadas em Marapanim.

Localidade	Casas visitadas	Extrativistas entrevistados	Extrativistas mencionados	Quantidade relativa
Marudá	19	26	35	74%
Crispim/Marapanim	9	13	20	65%
Camará	11	13	20	65%
TOTAL	39	52	75	68%

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Por critérios metodológicos, as duas famílias visitadas que moram na sede urbana de Marapanim foram, ao longo do trabalho, contabilizadas juntamente com os moradores do Crispim, devido terem ali morado por muitos anos, ainda terem o lugar como ponto de encontro da família para a coleta de sementes de andiroba e conservarem os velhos laços de amizade e compadrio com os antigos vizinhos.

Esquema 1 – Imbricações entre os locais de pesquisa.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

3 A BIOLOGIA DA ANDIROBA

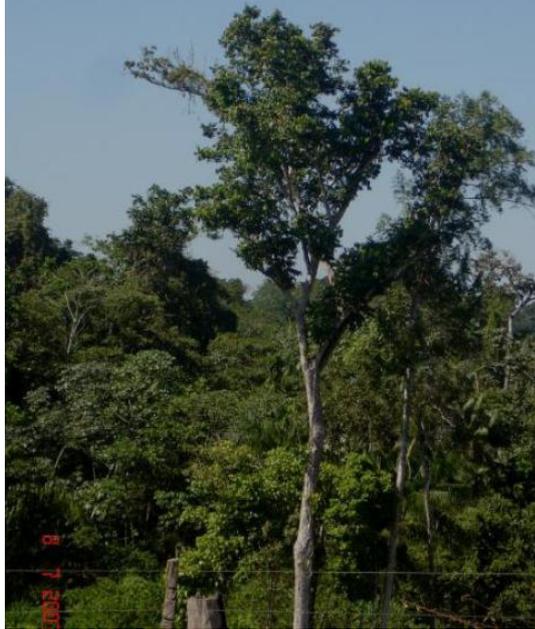
Antes de propriamente relatar as observações e discorrer sobre as percepções obtidas a partir do trabalho de pesquisa realizado em Marapanim, percebeu-se ser interessante e coerente apresentar alguns elementos característicos da espécie *Carapa guianensis*, dada a necessidade que se possa sentir de visualizar mais proximamente o recurso natural cujo modo de utilização ora é analisado. Nas próximas páginas, portanto, encontra-se uma esclarecedora, embora sintética, revisão acerca de aspectos biológicos (fisiológicos, ecológicos e fenológicos) referentes à andirobeira e às sementes de andiroba.

Carapa guianensis ocorre no sul da América Central, na Colômbia, na Venezuela, no Suriname, na Guiana Francesa, no Brasil, no Peru, no Paraguai e nas ilhas do Caribe. No Brasil, está presente desde o nível do mar, até 350 metros de altitude, ao longo de toda a bacia Amazônica. Esta espécie pode ser encontrada tanto nas florestas de terra firme quanto em várzeas e igapós (florestas temporariamente alagadas), nas margens de rios e riachos e na proximidade de manguezais (FERRAZ, 2003).

Em estudos realizados na região central da floresta amazônica, Ferraz, Camargo e Sampaio (2002) discorreram acerca de uma variedade de características da andiroba, no que tange a suas peculiaridades biológicas, seja do ponto de vista morfofisiológico, seja do ponto de vista fenológico. Segundo os autores, as árvores de andiroba possuem elevada altura (Fotografia 4), em média no intervalo entre 25 e 35 metros, podendo atingir até 55 metros, sendo, portanto, consideradas espécimes componentes do dossel e do sub-dossel, preferencialmente nas áreas úmidas de florestas de terra firme, em várzeas e áreas alagáveis ao longo de igapós. O tronco tem até 200 centímetros de diâmetro (MAUÉS, 2008). O fuste da árvore apresenta uma tendência de possuir entre 20 e 30 metros de altura, podendo apresentar raízes em forma de tábuas (sapopemas) (Fotografia 5).

A copa tem tamanho médio, é densa e geralmente projeta uma sombra intensa sobre o chão abaixo. A casca do tronco é grossa, vermelha ou acinzentada. A andiroba é uma angiosperma, ou seja, apresenta folhas modificadas formando flores, as quais, no caso, são muito pequenas (cada pétala mede até oito milímetros de comprimento), tetrâmeras e formam uma inflorescência grande (panícula – cacho composto em que os ramos decrescem da base para o ápice, assumindo forma piramidal – de 20 a 90 centímetros de comprimento) (Fotografia 6). A planta é monoica, mas as flores são unissexuais (FERRAZ; CAMARGO; SAMPAIO, 2002).

Fotografia 4 – Árvore de andiroba adulta.



Fonte: Oliveira, 2008.

Fotografia 5 – Raiz de uma árvore de andiroba adulta.



Fonte: Oliveira, 2008.

O fruto é uma cápsula globosa ou sub-globosa (Fotografia 7) com seis a oito valvas, com ou sem deiscência. Cada fruto pode abrigar até 16 sementes. A cápsula é desfeita quando ocorre a queda do fruto ao chão e o impacto causa a desestabilização da estrutura e conseqüente separação das sementes, que se espalham sobre o solo, podendo chegar a depositar-se em locais relativamente distantes da planta-mãe. As sementes são marrons, apresentando angulações laterais (Fotografia 8), devido à compressão feita entre si, quando da formação do fruto. A partir de um mesmo fruto, podem ser originadas sementes com

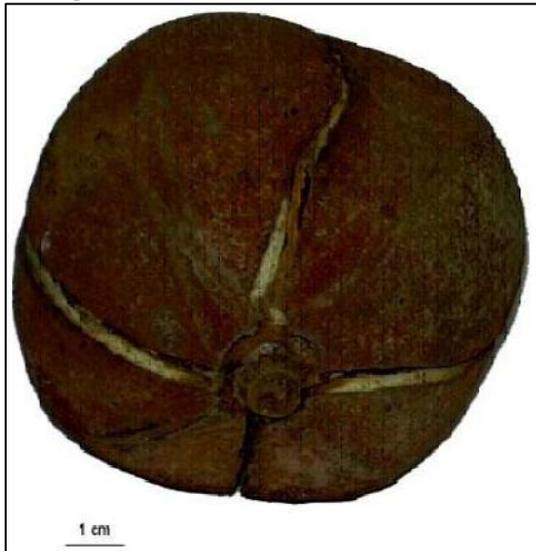
tamanhos consideravelmente diferentes. A germinação da plântula é hipógea e criptocotiledonar, pois o cotilédono permanece sob o solo (FERRAZ; CAMARGO; SAMPAIO, 2002; FERRAZ, 2003).

Fotografia 6 – Flor isolada de andiroba (à esquerda) e inflorescência (à direita).



Fonte: Maués, 2008.

Fotografia 7 – Fruto da andiroba



Fonte: Pinto, 2007.

As árvores de andiroba geralmente estão associadas a árvores de ucuúba (*Virola guianensis*) (cuja semente também foi encontrada nas praias visitadas em Marapanim), e as sementes de ambas as espécies são flutuantes, podendo sofrer dispersão hidrocórica, sendo levadas ao sabor de cursos d'água. As sementes podem ser danificadas antes ou depois da germinação, por roedores, que predam ou enterram as sementes (impedindo sua coleta, sem necessariamente inviabilizar a germinação), por insetos predadores (broca, formigas, coleópteros), gerando perdas superiores à metade da quantidade total das sementes produzidas (FERRAZ; CAMARGO; SAMPAIO, 2002; PLOWDEN, 2004).

Fotografia 8 – Semente de andiroba encontrada na praia de Marudá.



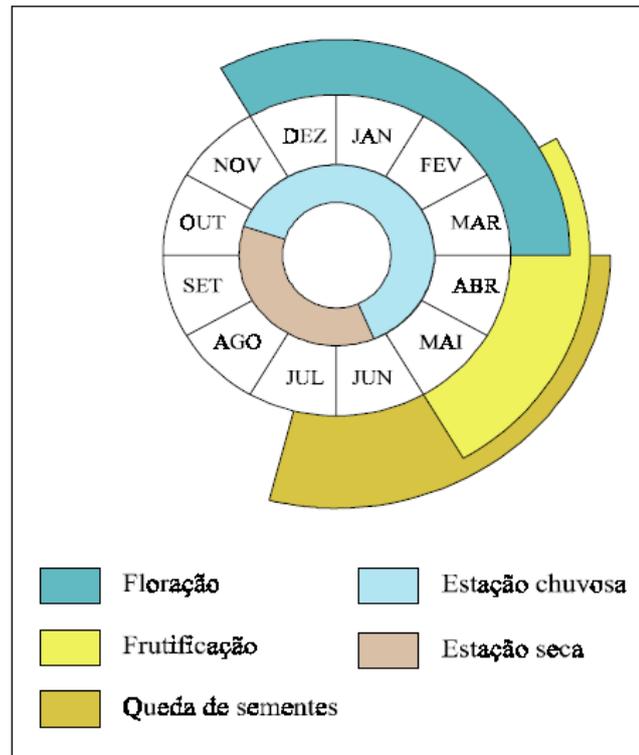
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Devido à maior susceptibilidade de plantas da andiroba a insetos predadores quando em ambientes menos fechados que em capoeira, torna-se dificultosa a plantação em ambientes não florestados, porém sua utilização em sistemas agroflorestais, na recuperação de áreas úmidas degradadas e no enriquecimento florestal já foi descrito (FERRAZ; CAMARGO; SAMPAIO, 2002), sendo, a espécie *Carapa guianensis*, considerada clímax, com crescimento rápido e demandante de luz (MAUÉS, 2008) (embora tenha plasticidade e consiga se desenvolver em diferentes tipos de ambientes [GUEDES et al., 2008]).

As épocas de florescimento e frutificação da andiroba variam entre os lugares onde ela ocorre. Na região de Manaus (Amazonas, Brasil), Ferraz, Camargo e Sampaio (2002) informam haver floração de dezembro até março, frutificação de março a maio e queda de sementes de abril a meados de julho (Esquema 2). No leste do estado do Pará, por outro lado, Shanley (2005) registrou o período entre os meses de agosto e outubro como fase de florescimento e, entre janeiro e abril, frutificação (Esquema 3).

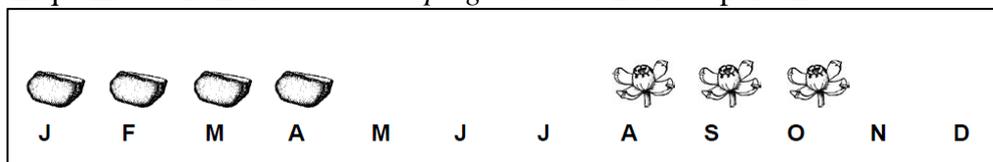
No caso dos dois trabalhos, os autores fizeram ressalvas, no sentido de afirmar existir variações entre um ano e outro, tanto em relação às datas de início e fim de cada período, mas, principalmente, nos termos quantitativos da produção de sementes. Há casos, segundo Ferraz, Camargo e Sampaio (2002), em que pode ocorrer frutificação durante todo um ano (evento não verificado nas falas dos entrevistados em Marapanim, provavelmente devido à mudança no regime de chuvas à época em que as sementes chegam às praias locais).

Esquema 2 – Fenofases de *Carapa guianensis* na região de Manaus.



Fonte: Ferraz, Camargo e Sampaio (2002).

Esquema 3 – Fenofases de *Carapa guianensis* no leste paraense.



Fonte: Shanley (2005).

Segundo o padrão relatado nas pesquisas, a queda dos frutos tende a ocorrer no período chuvoso, período, este, que facilita a disseminação das sementes, pois os fluxos hídricos constituídos se encarregam de carregar as sementes até igarapés e rios, podendo favorecer não somente a colonização de novas áreas, mas também a disponibilidade da andiroba para populações residentes em áreas onde a andirobeira não é típica (BOUFLEUER, 2004; MAUÉS, 2008).

Embora se tenha buscado na literatura ligada ao tema, não foram encontradas informações acerca de alguma porcentagem aproximada referente à quantidade de sementes de andiroba que sofrem dispersão hidrocórica, nem sobre o nível de qualidade dessas sementes, embora, em campo, tenha sido possível verificar um nível aparentemente satisfatório de fitossanidade nas sementes, quando coletadas pouco tempo após sua chegada à praia.

Uma hipótese para a dificuldade em encontrar pesquisas versadas nestas minúcias pode nascer da observação das metodologias empregadas em alguns trabalhos, em que se nota a preferência pelo estudo da andiroba na terra firme, devido ao fato de este ecossistema oferecer vantagens para o pesquisador que pretende estudar determinados aspectos relacionados à andiroba. Alguns destes aspectos são: produtividade das árvores (TONINI et al., 2008), monitoramento da sobrevivência das sementes e correlações entre características morfológicas das árvores e produção de sementes (MELLINGER, 2006). Nestas situações, os mecanismos de dispersão das sementes, por não incluírem os cursos d'água, nem as inundações periódicas, simplificam a tarefa de validar as hipóteses sugeridas pelos pesquisadores.

Apesar de interessante tema a ser desenvolvido, estas preocupações de ordem técnica não constituíram interesse para realização deste trabalho, pois procurou-se, primordialmente, compreender o processo de construção do uso do recurso natural até então apenas biologicamente abordado. Deste modo, o próximo capítulo desta dissertação inicia a exposição das situações e constatações nascidas do contato com algumas das pessoas responsáveis pelo extrativismo de andiroba em Marapanim.

4 CARACTERIZAÇÃO DOS INTERLOCUTORES

Nesse capítulo, onde se pretende apresentar em maiores detalhes os extrativistas tomados por participantes da pesquisa ora desenvolvida, achou-se apropriado construir sua classificação enquanto tais com base na constituição de sua história compartilhada, ou, mais claramente, a partir dos eventos pelos quais uma grande parcela deles passou. As experiências de vida responsáveis por fazer, dessas pessoas, extrativistas de andiroba, ao exibirem determinadas semelhanças entre si (mostradas mais adiante), inclusive em termos do espaço geográfico habitado, podem ser consideradas constituintes da história compartilhada. Esta história compartilhada traz, em seu bojo, os elementos que tornaram viável a formação de um conjunto de subsistemas produtivos familiares organizados em torno da semente de andiroba e seu processamento. De acordo com Rahmeier (2007, p. 34):

Em meio a uma coletividade, a história compartilhada pelos indivíduos gera entre os mesmos um tipo de comportamento semelhante. Certas atitudes, vocabulário, tom de voz para cada situação, caracterizam as pessoas que convivem dentro de um mesmo contexto, identificando-as com o mesmo. Esse conjunto de características é reproduzido no dia-a-dia, configurando o habitus de um grupo social.

Ampliando-se (ou especificando-se) o conceito, a leitura do restante deste capítulo será esclarecedora em demonstrar como, ultrapassando-se uma história compartilhada mais ampla, formadora da comunidade como um todo, há, também, ocorrência de fenômenos desdobrados no palco comunitário, porém circunscritos a algumas famílias ou alguns comunitários, mas não todos. A coleta e o processamento da andiroba em Marapanim, por exemplo, não é uma realidade para todos os moradores daquele município, porém, para os moradores para quem o é realidade, existe um cenário propício para que tal situação se constitua real, e este cenário foi e vem sendo historicamente construído, assim como compartilhado.

Torna-se, então, urgente uma visualização concreta de traços da existência cotidiana dos interlocutores da pesquisa. Ao invés de fotografias ilustrativas do que aqui se pretende demonstrar, preferiu-se apelar ao recurso da imaginação. Para tanto, um rápido exercício daquilo compreendido como “pôr-se no lugar do outro” será requerido, a fim de que a leitura dos dados quantitativos presentes mais adiante se torne não somente mais didática (por não aceitar fugir às representações simbólicas), mas, igualmente, menos tediosa.

E essa história começa cedo, às cinco horas da manhã. Enquanto chove e o frio se espalha, a mulher acorda o esposo, os filhos, genros, noras e netos. Apesar do insistente sono, eles seguem até a praia, onde encontram vários vizinhos. Durante a madrugada, a maré foi

grande, uma típica “maré de lanço”. O volume de água deslocado, desde terras supostamente conhecidas, traz, para aquela população praiana, um recurso insuspeito.

No horizonte, o sol ainda não dá sinal de estar nascendo. Adultos, crianças e até idosos agacham-se para juntar, espalhadas pela faixa de areia, sementes de andiroba. O uso deste recurso é corriqueiramente considerado “tradicional” para populações humanas residentes em áreas de floresta, principalmente na várzea. Mas como imaginar que, na praia, ambiente facilmente mobilizado para a pesca e a catação de mariscos, seria possível realizar a coleta de um produto florestal?

Voltando à praia, as sementes são coletadas e postas dentro de sacas, que serão arrastadas até as casas das famílias. As dificuldades da coleta, relatadas em referência ao expressivo esforço físico empregado no serviço, não chegam a ser sentidas por todos, tal a sensação de ludicidade percebida nesta etapa, em que ocorre uma intensa socialização entre vizinhos e núcleos familiares distintos. Além do que, em uma safra de dois a três meses, as incursões à praia com objetivo de coletar sementes de andiroba são realizadas, em geral, apenas duas ou três vezes. Podem durar até seis horas, sendo, de qualquer modo, pouco frequentes.

Faria sentido, em uma análise rasa, crer que as sementes de andiroba fossem repassadas para outras pessoas, talvez de outros lugares, onde existisse o extrativismo “tradicional” de andiroba. Estes repasses de matéria realmente são feitos, mas se pode observar, na praia ora visualizada, a falta de necessidade e de consubstanciação desse procedimento. A maior parte das famílias sabe processar suas sementes de andiroba.

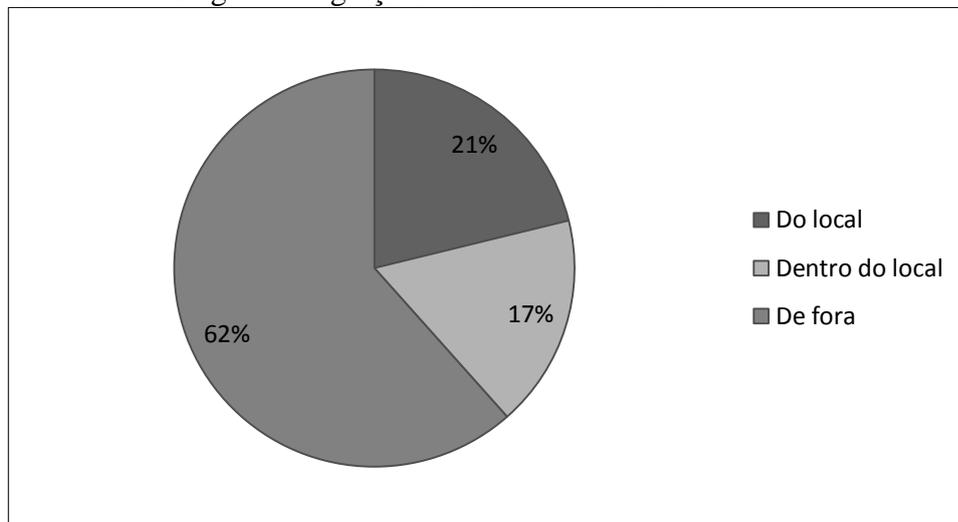
O cenário acima vislumbrado não chega a ser irreal, embora não seja necessariamente particular. Poderia ser um ou qualquer um dos casos conhecidos na fase de campo desse estudo. Sem ainda adentrar em maiores detalhes acerca da composição do trabalho familiar ou de sua organização produtiva relacionada ao extrativismo de andiroba, é fundamental, para agora, iniciar a exposição de algumas percepções sobre as características dos indivíduos envolvidos no extrativismo de andiroba nos locais de pesquisa, em termos quantitativos.

4.1 QUEM SÃO OS EXTRATIVISTAS DE ANDIROBA DE MARAPANIM?

A explicitação dos elementos considerados relevantes para a constituição da chamada história compartilhada e para a caracterização social das pessoas entrevistadas circulará ao redor dos eixos da origem de migrações, faixa etária dos interlocutores, processos de socialização e aprendizado neste trabalho, constituição numérica da família e sua mobilização em termos de disponibilidade familiar de mão-de-obra para os trabalhos geradores de renda monetária e não-monetária.

A maioria dos extrativistas inquiridos informou ter nascido fora do município de Marapanim (Gráfico 1), tendo, estes, vindo principalmente de Bragança e proximidades (31% do total). Outros lugares citados como origem de migração foram: Marajó, Castanhal, Igarapé-açu, Santa Maria do Pará e São Francisco do Pará. Deve-se considerar, porém, que algumas das pessoas que informaram ter nascido dentro de Marapanim são descendentes de imigrantes das proximidades de Bragança, de modo que o número de interlocutores possuidores de laços com Bragança e proximidades passa a ser de 42% do total.

Gráfico 1 – Origem e migrações dos interlocutores.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Não é enganosa a suposição de que as migrações em direção a Marapanim, vindas de Bragança, tenham ajudado a guinar o extrativismo de andiroba no município, pois 82% dos emigrantes de Bragança declararam algo parecido com o que a dona T.M.F., do Camará, relatou:

“Desde os cinco anos, minha mãe e minha avó me levavam para juntar a andiroba no mato, no meio das árvores. Eu só não cozinhava, por que era muito nova. O sabão, eu aprendi a fazer com meu pai. Ele usava três litros de óleo de andiroba, dez litros de água e uma lata de soda [cáustica].”

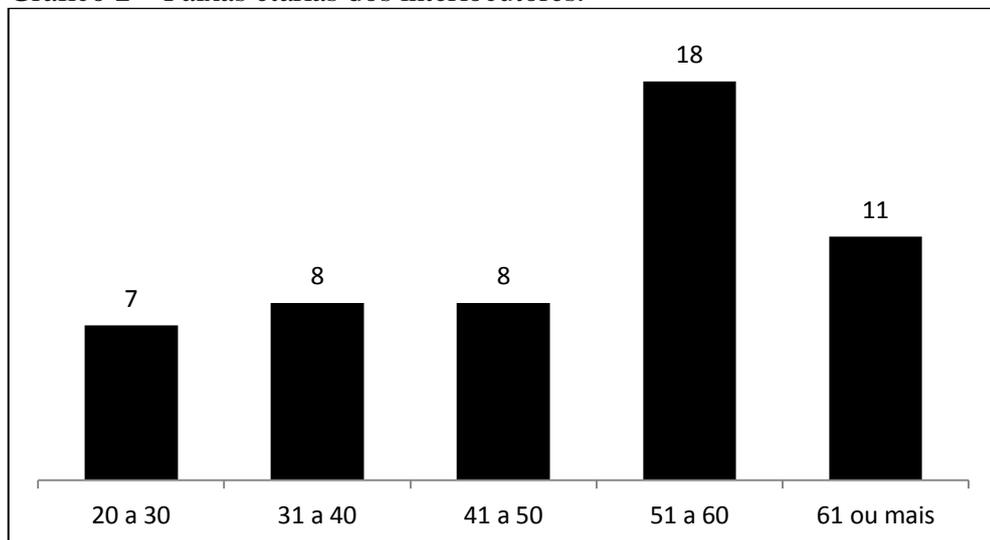
Três emigrantes de Bragança, por outro lado, disponibilizaram informações opostas, como M.J.M.A., do Camará:

“Lá em Bragança, a gente via as árvores de andiroba e as sementes caíam e estragavam, porque não tínhamos a tradição de tirar o óleo, não sabíamos o

que era preciso fazer. Só fui aprender quando cheguei no Camará. Minha cunhada, a <<O.M.A.>>, sempre morou perto daqui de casa, e quando eu a visitava, observava como era aquele trabalho, e passei a me interessar.”

A média de idade dos interlocutores é de 49 anos, tendo sido, a quantidade de extrativistas mais velhos que 50 anos, superior à metade do conjunto de entrevistados (Gráfico 2). Cabe mencionar que, embora o trabalho infantil em algumas etapas do serviço seja corriqueiro, nenhuma criança foi entrevistada, simplesmente pela não coincidência entre as visitas do pesquisador às residências e a presença das crianças em suas casas.

Gráfico 2 – Faixas etárias dos interlocutores.



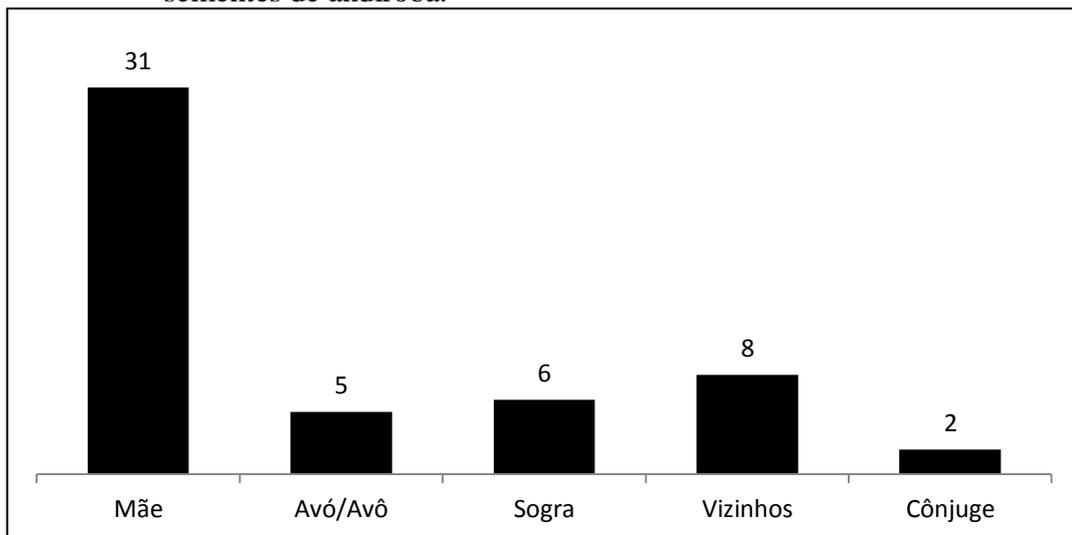
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Segundo os artigos pesquisados, o trabalho no manejo da andiroba se caracteriza, basicamente, pela mão-de-obra familiar associada à contratação eventual de vizinhos. Em pesquisas realizadas nos estados do Amazonas e do Pará, verificou-se que o perfil mais comum neste serviço é o de mulheres casadas, acima de 35 anos de idade. Desde a coleta das sementes até o amassamento das amêndoas, participam membros da família e/ou vizinhos (mão-de-obra paga em forma de diárias [GUERRA; SANTOS, 2010]), enquanto na etapa de extração do óleo por gotejamento, está envolvido o trabalho de uma única mulher. Pessoas consideradas injejosas, mulheres grávidas ou menstruadas são impedidas de ver e tocar a massa, pois tais contatos poderiam cessar a liberação do óleo (MENDONÇA; FERRAZ, 2007). Verificou-se a participação de homens em algumas etapas do processamento das sementes (PLOWDEN, 2004).

A transmissão do conhecimento tradicional é em geral repassada entre as gerações, pela oralidade e observação, calcadas na sociabilização das crianças no trabalho, está ameaçada. Em dados contextos, porém, os jovens não participam mais da extração do óleo das sementes de andiroba, o que pode levar, futuramente, juntamente com as facilidades propiciadas pela criação e aquisição de maquinários poupadores de esforços físicos, à fragilização do conhecimento em relação à extração do óleo de andiroba pelo método tradicional nestas localidades (MENDONÇA; FERRAZ, 2007).

Percebeu-se em Marapanim, também, o envolvimento com o extrativismo de sementes de andiroba predominantemente anterior ao matrimônio, somando 70% dos casos, ao passo que em apenas 30% dos casos o extrativista instruiu-se no serviço com a sogra, com o cônjuge ou com vizinhos da nova morada (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Pessoas mediatizadoras do aprendizado acerca do extrativismo de sementes de andiroba.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Estas observações corroboram a literatura científica que aborda este tema, a qual informa haver uma profunda relação entre os conhecimentos referentes ao extrativismo de andiroba e a socialização das crianças. Os meninos, embora possam ser incentivados a participar de algumas etapas desse trabalho, especialmente quando muito pequenos e incapazes de ficarem sozinhos em casa, são preteridos em relação às meninas, a quem se procura conceder saberes técnicos mais avançados, que chegam a transcender a etapa laborativa da coleta. A transmissão de conhecimentos se dá, prioritariamente, em linhagem matrilinear, podendo haver saltos de gerações (MENDONÇA; FERRAZ, 2007).

A média de moradores em cada casa visitada é de 4,7 pessoas ($s = 3,06$), sendo maior no Camará (6,2) e menor no Crispim (3,7). As famílias visitadas no Camará possuem, em

média, mais pessoas economicamente ativas, o que está estatisticamente ligado a uma maior arrecadação monetária, exceto em Crispim/Marapanim (Tabela 2).

Tabela 2 – Moradores e trabalhadores nas casas visitadas na entressafra da andiroba.

Localidade	Média de residentes por casa	Média de trabalhadores por casa	Correlação (<i>r</i>) entre o número de moradores e a renda na entressafra
Marudá	4,26	3,57	0,52
Crispim/Marapanim	3,77	2,77	-0,39
Camará	6,27	5,18	0,71

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Esta observação está ligada à maior renda média obtida pelas famílias visitadas que moram no Crispim, que não precisam de muita mão-de-obra para realizar suas atividades produtivas e, ainda assim, conseguem perfazer uma receita apreciável, gerando a correlação negativa verificada.

Dentre as atividades produtivas realizadas pelas famílias dos interlocutores, podem ser detectadas variações, de acordo com o local onde essas famílias residem (Tabela 3).

Tabela 3 – Frequência de atividades produtivas na entressafra da andiroba nas casas visitadas.

Atividade	Marudá (De 19 casas)	Crispim/Marapanim (De 9 casas)	Camará (De 11 casas)
Pesca e catação	12	5	11
Aposentadorias	8	3	6
Bar	5	6	6
Pedreiro/Marceneiro	6	2	0
Faxinas/Caseiro	5	1	2
Bolsa	3	0	4
Salário	2	1	0
Galinhas	3	1	2
Cultivos	2	1	1
Fonte efêmera	2	0	1
Artesanato	3	0	0

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Para compreender a importância da coleta de sementes de andiroba para as famílias moradoras das localidades citadas, é necessário que a discussão abranja os meios já descritos, pelos quais pessoas residentes em regiões costeiras garantem seu sustento, com base na complementação da renda entre diversas atividades, dentre as quais se destaca a pesca e a coleta de mariscos.

Em Bragança, na RESEX marinha Caeté-Taperaçu, por exemplo, apesar de a maioria dos informantes de uma pesquisa ter se declarado como pescadora, o que se percebeu foi a porcentagem de pessoas relativamente pequena (37,5%) cuja renda variava de acordo com temporadas, em conexão com a produção de pescado. Nessa comunidade, dita pesqueira, verificou-se a importância da liberação da mão-de-obra para serviços assalariados, para o comércio e através da previdência social. O extrativismo de PFM, embora existente, foi descrito como circunscrito ao autoconsumo, em termos de alimentação e medicina alternativa, sem apresentar valor de venda (CARNEIRO; BARBOZA; MENEZES, 2010).

No caso do Marajó, as atividades geralmente citadas como tradicionais são, além da pesca, o extrativismo vegetal, a pecuária extensiva e a agricultura de subsistência (BRASIL, 2006; ANDRADE, 2009). O extrativismo vegetal é importante (especialmente de açaí – *Euterpe oleracea* Mart.) e marcado pela sazonalidade, ocasionada pelo amadurecimento dos frutos e constituição de condições de acessibilidade dos extrativistas aos locais de disponibilidade dos produtos. Em relação aos plantios, são geralmente realizados em pequena escala (à exceção da mandioca - *Manihot esculenta* Crantz.). A pecuária já foi mais importante, porém vem apresentando declínio, devido ao atraso técnico da atividade no lugar, que diminui as chances de competitividade (BRASIL, 2006). Algumas áreas costeiras também apresentam uma anunciada vocação para o ecoturismo, que complementa a renda das famílias (ANDRADE, 2009; CORRADI; SANTANA; LUÍDIA, 2009).

A partir desses exemplos, é possível visualizar o papel complementar que as atividades realizadas pelos membros das famílias têm para a constituição da renda monetária dos estabelecimentos produtivos. Dificilmente uma atividade será considerada como o único trabalho importante para garantir o sustento da família, embora possa, algum serviço específico, ser tratado como “carro-chefe” da produção familiar. Em alguns casos, o trabalho do homem é visto como o mais importante, enquanto o trabalho da mulher é visto como ajuda, trabalho fácil, não-trabalho ou serviço de casa (HEREDIA, 1979; LIMA, 2006).

Quando se trata de agricultura familiar, é importante conceber a ideia de estratégias diversificadas, segundo as quais a força de trabalho familiar seja manejada coerentemente, levando à composição de esquemas que abarquem um balanço adequado entre necessidades, disponibilidade de mão-de-obra e existência de conhecimentos técnicos para realizar cada atividade produtiva. Devido a isso, é vital que se passe a dissertar, neste ponto, acerca das estratégias de organização familiar referentes ao remanejamento de funções, que possibilite a reconfiguração dos esquemas mentais daquelas pessoas que aceitam mudar a conformação de suas estratégias gerais para se adequarem à safra do extrativismo de sementes de andiroba.

5 ORGANIZAÇÃO DO EXTRATIVISMO DE ANDIROBA EM MARAPANIM

Os seres humanos, diferindo dos outros grupos animais por sua consciência reflexiva superior, buscam não apenas suprir as necessidades de alimentação e reprodução, mas também outras demandas, relacionadas à construção coletiva dos símbolos culturais, inserida em universos sociais de significação mais ou menos abertos. Por isso, diferentemente dos outros animais, que possuem uma forte base genética para seus comportamentos instintivos, os seres humanos experimentam maior plasticidade comportamental, sendo capazes de elaborar estratégias cada vez mais criativas para garantir sua sobrevivência e, mais ainda, sua reprodução social (MAYR, 2001). Estas estratégias, naquilo que tange à lógica dos elementos constituintes de sociedades menos próximas ao modelo capitalista (como as populações praias), podem assumir dois sentidos.

O primeiro sentido é mais amplo e significa o panorama geral que envolve todas as atividades produtivas realizadas pelos membros do estabelecimento familiar, considerando a forma de comunicação entre cada atividade. Isso quer dizer que os tomadores de decisão consideram, em suas maquinações, quais atividades representam maior chance de sucesso (em termos da garantia de satisfação das necessidades da vida), quais delas são possíveis na localidade e se os membros da família possuem habilidade para seu exercício. Em seguida, decidem-se quantos dos membros se ocuparão com cada uma das atividades eleitas, por quanto tempo, em que épocas do ano e seus reflexos sobre as atividades específicas que garantem a aquisição de bens para autoconsumo na casa. Tais escolhas são sempre feitas, porém, de família em família, os graus de autoconsciência de liberdade de escolha podem variar diametralmente.

A incumbência de delegar funções no trabalho familiar pode estar relacionada aos papéis referentes ao sexo. Assim, o pai/homem/chefe da família seria o único responsável pela gerência da produção, pelas decisões acerca de o que e como o serviço seria feito (STROPASOLAS, 2006). Em outros arranjos, caberia ao casal definir o direcionamento da produção (LIMA, 2006). Em raros casos, as mulheres assumem o papel decisório (FERRANTE, 1998). Mesmo dentro de uma microrregião, pode haver discrepância entre a direção exclusivamente masculina das decisões e o direcionamento feito pelo casal. Na ausência do pai da família, as decisões quanto à produção podem ser tomadas pela mãe e pelos filhos com escolaridade (WITKOSKI, 2007).

Após a definição dos papéis a ser desempenhados, os tomadores de decisões ainda se ocupam com a elaboração de um plano de destinação de produtos (consumo, troca, venda) e utilização da renda obtida, em vistas de suprir necessidades no curto e no longo prazo, para a

aquisição de mercadorias (LIMA, 2006; STROPASOLAS, 2006; WITKOSKI, 2007). Os critérios utilizados para definir as variáveis citadas e dar o direcionamento à produção circulam em torno da satisfação do consumo familiar, que possibilite a reprodução física e social da família (HEREDIA, 1979).

O segundo sentido para o termo estratégia é focal, e se configura nas sub-estratégias internas de cada tipo de atividade, as quais podem fugir ao controle total da administração superior, visto que os trabalhadores diretos de dado ofício podem incorporar, no trabalho, esquemas compatíveis com sua própria leitura estratégica. Neste posto de atuação, pode ocorrer o redimensionamento das funções na execução de dada atividade, seja através da especialização de cada trabalhador em fases específicas do serviço, seja através de uma divisão por sexo ou idade. São criadas, portanto, minúcias referentes às metodologias e técnicas de produção, por aqueles que, mesmo não necessariamente tendo a posse da última palavra, acessam continuamente os meios de produção. No caso do extrativismo de sementes de andiroba em praias de Marapanim, as reflexões sobre estratégias familiares produtivas em níveis diferenciados se mostraram esclarecedoras.

Nas localidades visitadas, foi possível identificar seis tipos de estratégias desenvolvidas pelos extrativistas de sementes de andiroba (certamente, referentes à organização do trabalho dentro do subsistema produtivo). Antes de adentrar-se pela exposição de cada estratégia observada, é preciso dar relevo a uma incorreção tentadora, que deve, porém, ser evitada. As estratégias de organização do trabalho familiar na coleta e processamento de sementes de andiroba estão, a seguir, dispostas em ordem crescente de complexidade, o que significa que a estratégia de número um seria a menos complexa (apesar de inegavelmente possuir uma complexidade intrínseca), por requerer um número menor de elementos definidores, de condições *sine qua non*, enquanto a sexta estratégia, por ser a última na contagem, seria a mais complexa. Apesar de que o modo escolhido para demonstrar as constatações de campo possa parecer indicar algo como “um caminho a ser percorrido”, ou estágios de evolução, pede-se para o leitor tomar o devido cuidado, pois, embora possa haver mobilidade das famílias entre estratégias (uma família praticante da segunda estratégia, por exemplo, pode “decidir” passar a operar segundo a terceira estratégia), é igualmente possível que determinada família jamais mude de estratégia dentro do curso de uma dada geração (ou várias).

Por isso, ressalta-se, as estratégias de organização são dinâmicas, e não são estágios, visto que: (i) a mobilidade não necessariamente se dará entre duas estratégias consecutivas na contagem, (ii) pode haver reorganização para uma estratégias menos complexa, o que, na

visão dos “estágios”, significaria retrocesso, mas, na visão da adequação a cada momento histórico vivido pelas famílias, passa a ser considerado adaptabilidade, e (iii) pode haver, através de processos criativos inerentes à plasticidade organizacional da estrutura familiar, a criação (ou recapitulação) de alguma estratégia que, na atualidade, não esteja sendo praticada (não tendo sido, portanto, descrita neste texto).

5.1 ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO DO EXTRATIVISMO DE ANDIROBA EM MARAPANIM

A *primeira estratégia* observada em campo é individual, caracterizada pelo acúmulo de funções, e condiz com a execução solitária de cada uma das etapas do extrativismo de andiroba, havendo ou não outros membros da família aptos ao trabalho. Geralmente a escolha por essa configuração não é voluntária, mas resultante da situação imperativa em que ou não haja outras pessoas capazes de realizar o extrativismo na família, ou não haja disposição, destes outros membros, quando existam, para este trabalho. A *segunda estratégia* é familiar, restrita à casa, e mobiliza os esforços de vários membros da propriedade, mesmo que as etapas mais avançadas do processamento das sementes, por seu refinamento técnico, levem ao acúmulo de funções por parte dos extrativistas mais experimentados. Em ambos os casos, a definição do plano de comercialização normalmente é feita pela(s) pessoa(s) envolvida(s) nas etapas mais avançadas do processamento da andiroba.

A *terceira estratégia* mantém a estrutura familiar como base do extrativismo, porém toma contornos mais abrangentes, por referir-se à configuração da família extensa, que, de acordo com Wolf (1976), reúne vários núcleos familiares aparentados e, geralmente, organizados em torno de figuras ancestrais. Diferentemente de Wolf, no entanto, em que a estrutura característica da família extensa é mobilizada para pôr em prática uma estratégia de comportamentos altamente acoplados entre seus membros, os casos observados em campo revelam a mobilização dos laços parentais de famílias extensas em termos, antes, de estabelecimento de espaços de socialização e contínua ressocialização no trabalho.

Neste caso, parece haver uma classe de atividades produtivas que propiciam a formação de grupos mais ou menos homogêneos quanto à idade, ao gênero e à descendência, sendo, estas turmas, intencionalmente delimitadas por consistentes laços de inter-reconhecimento entre seus elementos constituintes. O extrativismo de andiroba é, para algumas famílias, uma atividade relacionada à formulação deste tipo de arranjo, em que, na maior parte das vezes, há o compartilhamento da companhia e prestação de alguma cooperação em termos de força física durante os penosos momentos de trabalho, sem haver, entretanto, uma circulação de materiais com potencial de venda que ultrapasse a cota da mera

necessidade eventual, nem uniformização dos processos de comercialização do óleo. Ou seja, não sendo pela busca da companhia de seus pares, estes extrativistas estariam realizando um trabalho bastante parecido, senão equivalente, àquele feito aos moldes da segunda estratégia produtiva, explicada logo anteriormente.

Outra forma de configuração do extrativismo de andiroba dentro da família extensa, a *quarta estratégia* ora apresentada, compreende a manutenção de uma estratégia direcionada pela mente de algum velho extrativista, geralmente uma mulher. Para tanto, o trabalho nas diversas etapas é sistematicamente delegado a cada um dos membros familiares envolvidos com o serviço, os quais, peculiarmente, circulam entre si grandes quantidades de materiais com potencial de venda, de acordo com as orientações plenamente acatadas da planejadora.

Destarte que as etapas mais avançadas do processamento das sementes de andiroba ocorram diretamente sob as vistas e mãos cuidadosas da velha extrativista e de seus familiares mais proximamente situados no espaço, o método de comercialização, o acúmulo do capital, sua repartição e a forma de distribuição do dinheiro são definidos centralizadamente e arbitrados verticalmente, cabendo, aos demais familiares, observar e admirar-se da ciência dos mais experientes, que permitem, em sua generosidade, que os mais novos apropriem-se dos frutos de sua sabedoria.

A *quinta estratégia* corresponde à busca de companhia de pares dentre a vizinhança. Trata-se, portanto, de uma combinação entre a primeira ou a segunda com a terceira estratégia, pois se reúnem pessoas que evitam a intimidade entre seus processos produtivos, não realizando a fusão de estoques circulantes com valor potencial de venda, e que o fazem sem ser do mesmo grupo familiar. A suposição de que tal conformação poderia apresentar fragilidades decorrentes da ausência de laços consanguíneos se dilui na percepção de que outros elementos podem se encarregar de fornecer uma base consistente de significado para sustentação dessas frentes, tais como a consciência de uma identidade oriunda de migrações coincidentes entre pessoas e a história de vida compartilhada de dificuldades inerentes à ausência de um homem.

A *sexta estratégia* pode representar um desdobramento tanto da terceira quanto da quinta estratégia, ou, mais exatamente, uma tentativa de formalização do extrativismo de andiroba e assunção pública, em termos de evocação consciente e desejosa, do auto-reconhecimento “classista”. As peculiaridades dos extrativistas que se lançam no ousado projeto de alcançar a formalização estão relacionadas à montagem de uma infraestrutura apropriada às novas demandas de reconhecimento e à captação de recursos para garantir a concretização e manutenção das bases materiais projetadas. Pela primeira vez, surge a

possibilidade de que o plano de comercialização seja decidido por um conjunto de pessoas, o que poderia gerar um cenário bastante enriquecedor de discussões e deferimentos, porém, caso os elos da formalização sejam superficiais e não cativem o comprometimento de todos os envolvidos, a suposta sexta estratégia poderá não passar de uma enganosa repetição da terceira ou da quinta estratégia.

Importante informar, desde já, que os extrativistas, mesmo praticando estratégias diversificadas, comunicam-se entre si, em graus também variados de intimidade e coleguismo. Embora não haja um inter-reconhecimento entre todos, pode-se dizer que, entre os grupos de inter-reconhecimento, há uma forte tendência ao inter-reconhecimento em relação à identidade de extrativistas de andiroba, de modo que, dentre as pessoas que serviram como interlocutoras neste trabalho, não foi encontrado quem se apresentasse em total isolamento de práticas produtivas ou comunicativas sobre o tema. Salienta-se, porém, que cada um dos extrativistas e cada uma das famílias de extrativistas podem investir apenas na etapa de coletas das sementes, repassando-as (ou vendendo-as) em seguida para terceiros, podem realizar todas as etapas do extrativismo dentro do próprio estabelecimento ou podem agir apenas captando as sementes de terceiros para realizar a extração do óleo em casa e repassar parte do óleo produzido de meia (metade do óleo produzido entregue para o fornecedor de sementes de andiroba) ou terça (um terço do óleo produzido entregue para o fornecedor) para o provedor das sementes (caso não tenha sido um caso de venda).

Ou seja, a estratégia de mobilização da força de trabalho, embora se relacione com a capacidade de trabalho, não age de modo determinístico para definir as etapas de trabalho. Mesmo que, em um ano, a família se envolva com dado número de etapas do extrativismo de andiroba, talvez, no ano seguinte, haja uma breve reconfiguração, em que a família adapte sua estratégia a demandas inesperadas. Tais demandas podem ser, de acordo com Wolf (1976, p. 108-109), de ordem ambiental, dado o controle meramente parcial dos seres humanos sobre as condições climáticas e geológicas, de ordem social, como desentendimentos entre vizinhos, dentro da unidade doméstica, ou entre unidades cujas produções competem entre si, e, por último, de ordem do contexto global, exterior, que são econômicas (como as exigências tributárias e os aluguéis), políticas (intervenção das leis sobre a autonomia do modo de vida das populações menos próximas ao capitalismo) ou militares (convocação para o serviço militar obrigatório, que reduz a força de trabalho disponível na unidade familiar).

Para este autor, embora as pressões atinjam todas as famílias pertencentes a tais sociedades análogas às camponesas, algumas famílias são mais atingidas que outras, levando a uma seleção, favorável à sobrevivência de determinadas unidades, em detrimento das

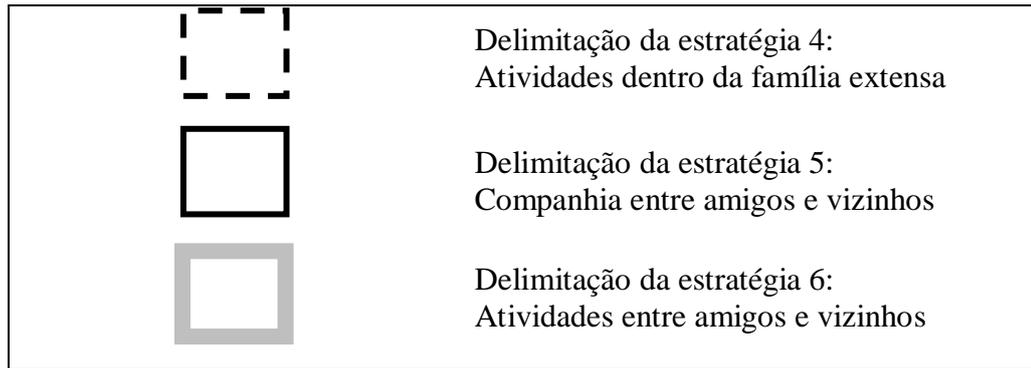
demais. Para superar as pressões seletivas sofridas, devem ser forjados laços recíprocos de segurança social dentro das comunidades, mas, por serem frágeis, tais laços não podem ser tidos como única solução. Daí, é possível reiterar-se a importância da escolha da estratégia produtiva mais adequada para o sistema produtivo e para cada qual dos subsistemas produtivos de dada unidade familiar, de acordo com o momento histórico local e global. De volta ao local de estudo, em alguns casos, ouviu-se que certas famílias amplamente reconhecidas pelo extrativismo de sementes de andiroba chegaram a suspender suas atividades por até três anos, em que as safras da espécie foram consideradas fracas, pois preferiram dedicar seu tempo para atividades, naquelas circunstâncias, mais promissoras, devido, também, ao fato de poderem conseguir o óleo de andiroba, para o autoconsumo, na feira da sede urbana do município de Marapanim.

5.2. COMPOSIÇÕES GRÁFICAS DAS POSIÇÕES ESTRATÉGICAS

A seguir, será feita uma exposição sobre as conformações estratégicas observadas em campo. Para tanto, será preciso apresentar as notações figuradas utilizadas na elaboração dos modelos das realidades conhecidas na pesquisa (Quadro 3).

Quadro 3 – Simbologia para modelização das estratégias produtivas do extrativismo da andiroba em Marapanim.

Símbolo	Significado
	Pessoa do sexo masculino
	Pessoa do sexo feminino
	Traço horizontal significa casamento ou união, e traço vertical significa prole Responsável pelo direcionamento do extrativismo da andiroba na família
	Delimitação da estratégia 1: Atividades solitárias
	Delimitação da estratégia 2: Atividades dentro da família nuclear
	Delimitação da estratégia 3: Companhia para atividades dentro da família extensa

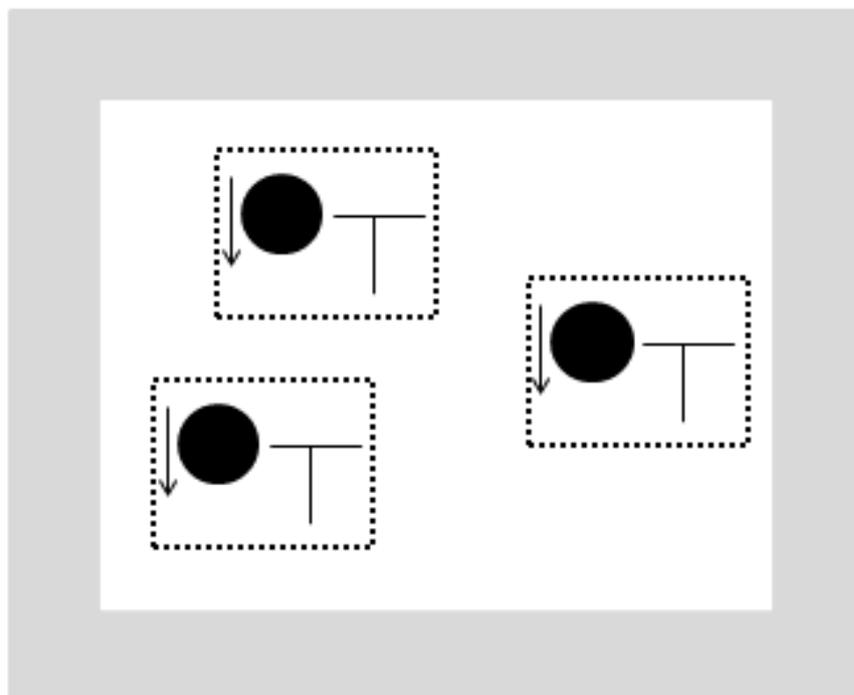


Fonte: Equipe de pesquisa, 2011.

5.2.1 Em Marudá

Em Marudá, três das 19 famílias pesquisadas desenvolvem uma estratégia individual no tocante ao extrativismo de andiroba (Esquema 4).

Esquema 4 – Famílias praticantes da primeira estratégia produtiva do extrativismo de andiroba em Marudá no ano de 2011.

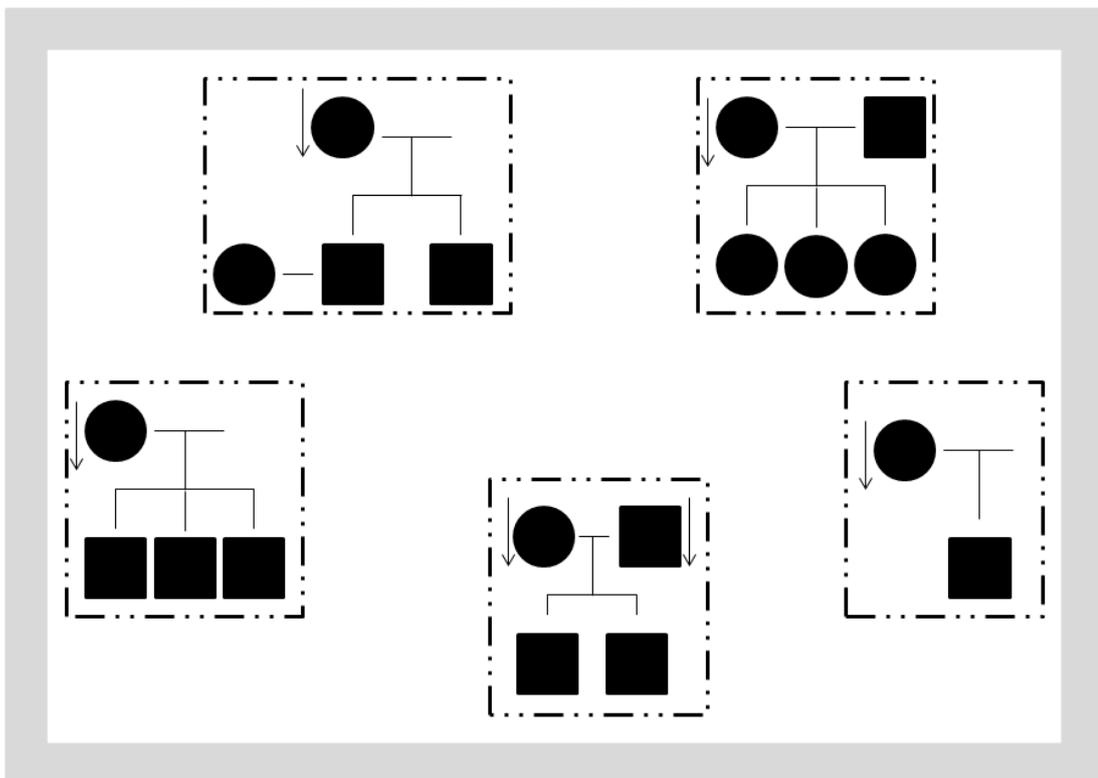


Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Nos três casos, o serviço é desempenhado por mulheres sem maridos (uma separada e duas viúvas), com mais de 50 anos de idade e que moram com filhos adolescentes e/ou adultos. Nas duas casas onde os filhos das extrativistas têm fontes de renda próprias, a renda com a andiroba é baixa ou inexistente, enquanto na casa onde a única filha é uma adolescente sem emprego, a renda obtida através da venda de óleo de andiroba mostrou ser de até R\$ 260 por ano.

Em prosseguimento, observaram-se cinco famílias praticantes da segunda estratégia produtiva (Esquema 5), reunindo de dois a cinco membros em cada um dos estabelecimentos familiares. A princípio, pareceu que todos os casos apresentavam duas gerações de extrativistas, sendo que em apenas um a administração do serviço cabia ao casal de pais, e não exclusivamente à mãe da família.

Esquema 5 – Famílias praticantes da segunda estratégia produtiva do extrativismo de andiroba em Marudá no ano de 2011.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

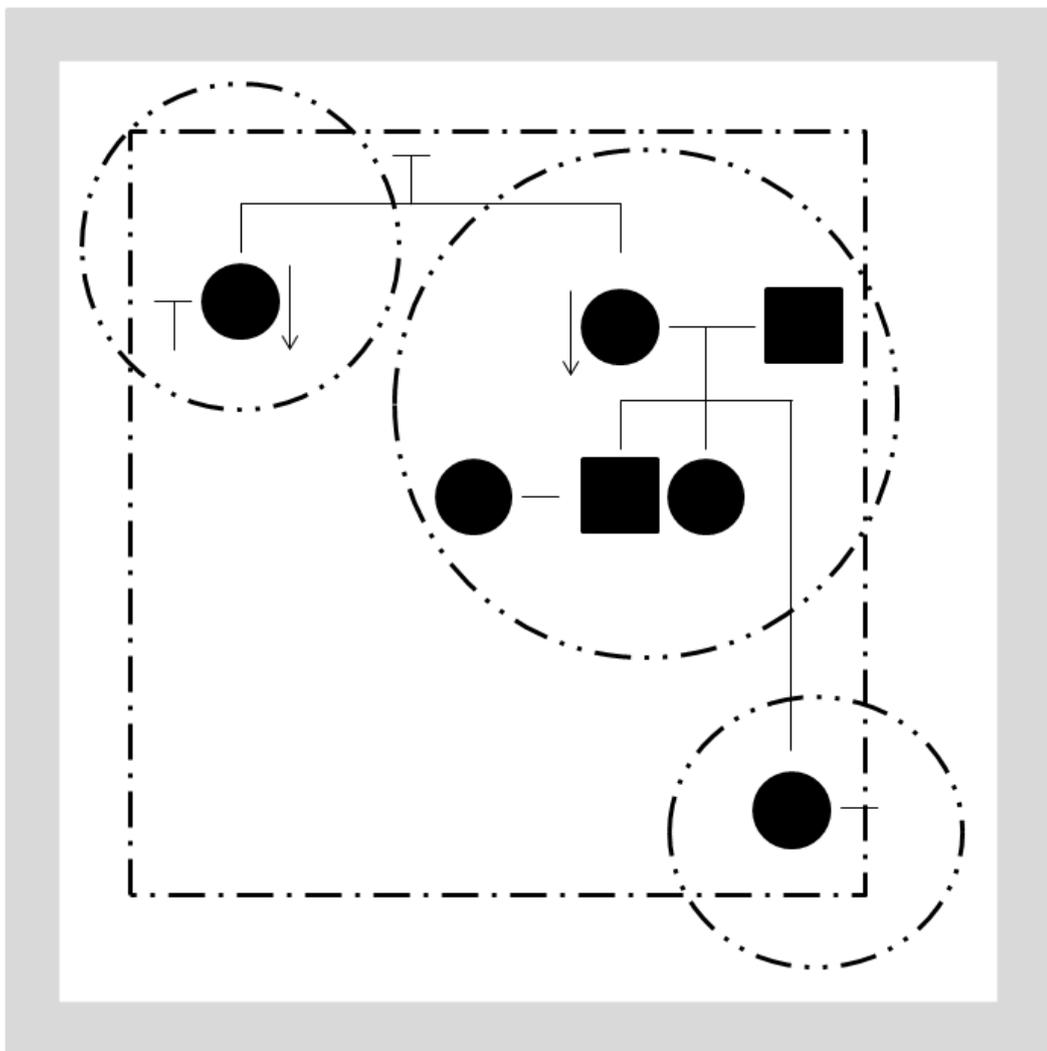
A terceira estratégia foi verificada, em Marudá, uma única vez (Esquema 6). Neste caso, duas irmãs vindas de Bragança, da geração um, embora morando em casas separadas e não compartilhando os aspectos materiais de seus processos produtivos, mantêm os processos sociais de companhia no trabalho envolvendo a andiroba. Na segunda geração, os filhos de uma das extrativistas continuam ajudando a mãe no extrativismo, inclusive a filha que mora em outra casa, onde também exerce funções no trabalho da andiroba. Note-se que, por não ocorrer a circulação de materiais entre os núcleos familiares, há mais de uma pessoa realizando funções administrativas.

A diversão da companhia no trabalho, especialmente durante as etapas de coleta das sementes na praia e seu descascamento pós-cozimento, possibilitada pelos laços de profunda

intimidade entre os sujeitos da mesma família, mostra-se fator essencial para constituição deste tipo de estratégia. Como declara I.S.M.:

“É divertido coletar com muita gente. Nós saímos às cinco da manhã, com chuva ou sem, e, na praia, às vezes até parece uma procissão. A gente começa uma competição de brincadeira, pra ver quem junta mais. E todo mundo volta arreventado pra casa!”

Esquema 6 – Famílias praticantes da terceira estratégia produtiva do extrativismo de andiroba em Marudá no ano de 2011.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

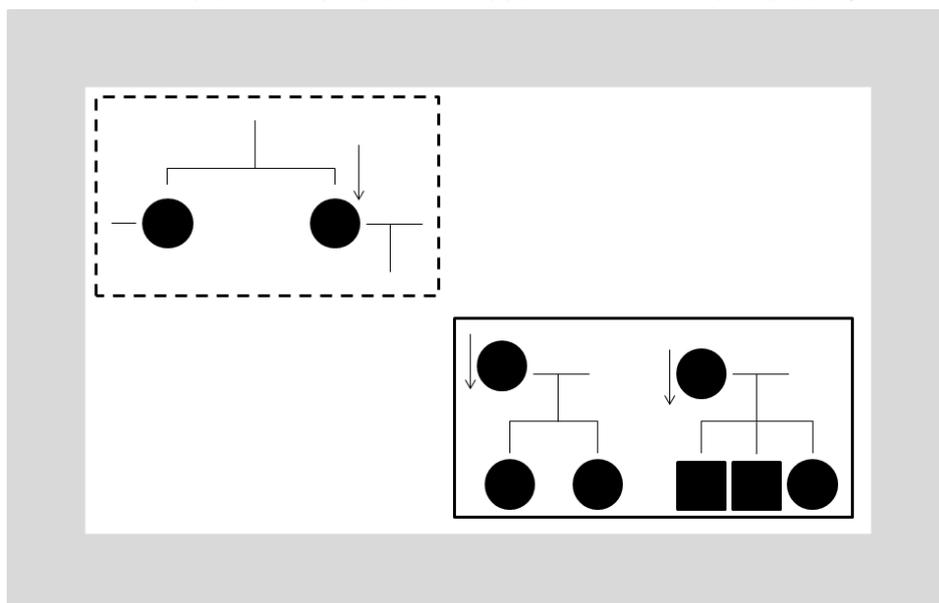
Assim, também são inseridas, neste círculo, as noras, oriundas de famílias desconhecedoras dos métodos de trabalho com a andiroba e que, vendo-se de algum modo cobradas pela família do marido, aceitam sua posição de aprendizas, sob a responsabilidade da sogra. Como extensão do mando exercido pelo marido, o papel da sogra como guia da nora

se mostra habitual. Este modo de sociabilização, aliás, foi recorrentemente citado em Marudá, por várias mulheres inquiridas, como meio de conseguir maior convívio e aceitação pela família e vizinhança que as acolheram quando de suas chegadas ao novo local. Algumas dessas mulheres vindas de fora, quando da morte da sogra, chegaram, inclusive, a assumir o posto superior de gerência do extrativismo familiar da andiroba. Neste caso, cabe citar Wolf (1976, p. 97):

As mulheres em geral são forasteiras, vindo, para a unidade familiar, de outras famílias localizadas em outras fazendas. Num sistema de autoridade centralizada no macho, como prevalece entre a maioria dos camponeses, as mulheres devem aprender a ajustar seus desejos aos desejos prioritários de seus maridos.

Diferentemente da família extensa representante da terceira estratégia, a família que representa a quarta estratégia em Marudá (Esquema 7, canto superior e esquerdo), mesmo separada espacialmente e financeiramente, apresenta uma abertura à circulação de materiais do extrativismo entre cada núcleo familiar. Duas irmãs, nascidas em São Francisco do Pará, acoplam suas atividades: enquanto uma recolhe as sementes de andiroba na praia, a outra recebe as sementes, realiza seu processamento, obtém o óleo e divide-o em duas partes iguais, entregando, à irmã doadora de sementes, uma das duas partes. Note-se que, por haver circulação de materiais entre os núcleos familiares, foi possível que apenas uma pessoa desempenhasse funções administrativas.

Esquema 7 – Famílias praticantes da quarta e quinta estratégias produtivas do extrativismo de andiroba em Marudá no ano de 2011.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

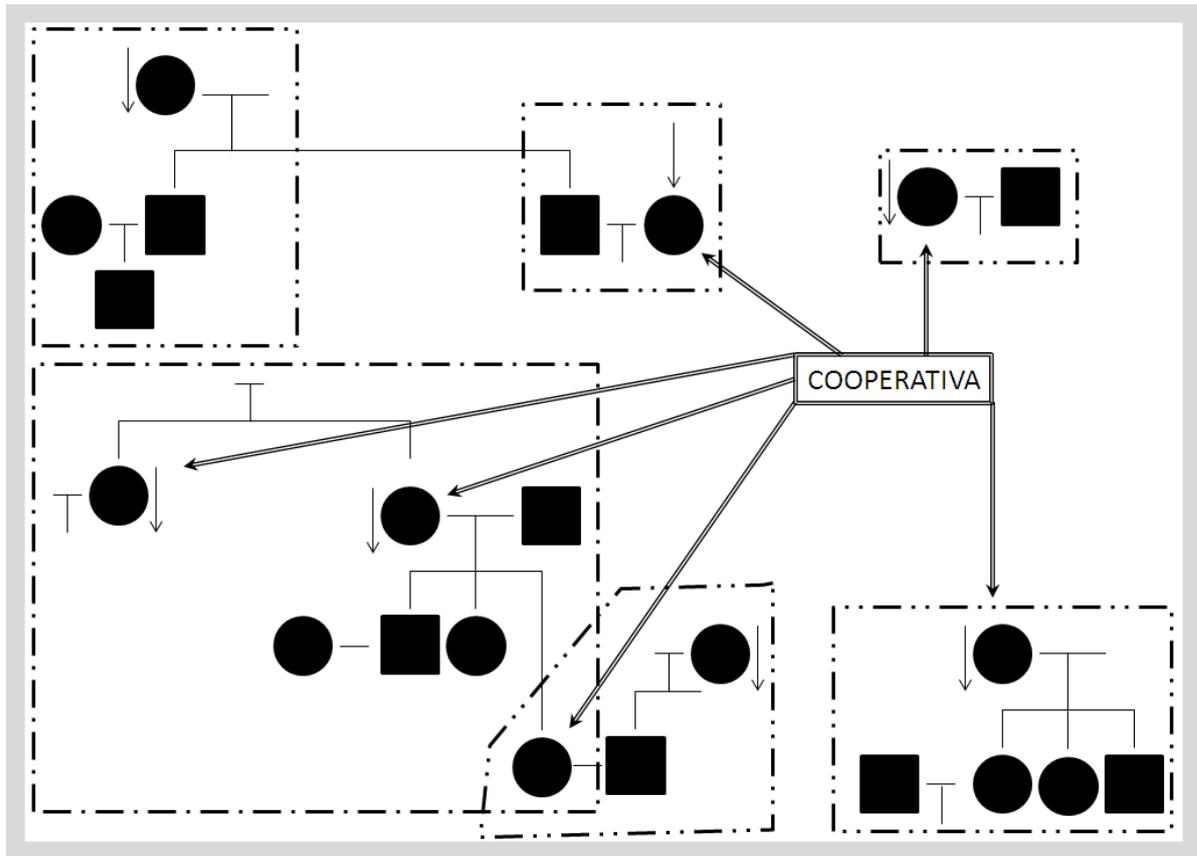
A quinta estratégia foi exemplificada, em Marudá, pela amizade entre duas vizinhas (Esquema 7, canto inferior e direito), habituadas a realizar diversas etapas do extrativismo de andiroba juntas, levando, consigo, seus filhos e filhas, de canoa, para juntar sementes na praia do Crispim durante a safra. Ambas possuem menos de 50 anos e ainda lidam com filhos adolescentes. Exercem o extrativismo de andiroba há quatro anos: uma, incentivada pelas tias de Bragança, outra, ensinada pela avó ao chegar a Marudá, vinda da sede urbana de Marapanim. Apesar de ser recente seu envolvimento com a atividade, ambas alcançam rendimentos expressivos na obtenção de óleo de andiroba. Note-se que apesar do fato de haver grande nível de companheirismo entre as duas mães de família, nenhuma está dispensada de tocar sua produção com algum grau de individualidade administrativa.

Com a explicitação de uma estratégia pautada principalmente nos laços de compadrio, e não nos laços de parentesco, é possível mencionar as considerações de Wolf (1976, p. 112):

Em toda parte, os camponeses tendem a entrar em alianças que se mantêm frouxamente, de modo a permitir sua dispensa num período de provação severa. Embora as famílias camponesas tendam a aumentar sua segurança ampliando seus recursos em bens e pessoas, devem manter também suficiente autonomia funcional para resguardar sua própria sobrevivência. Chamarei de coalizões tais alianças, entendendo por isso “uma combinação ou ligação entre pessoas, facções e Estados, em geral temporária”.

A sexta estratégia também pode ser observada em Marudá, porém apenas como tentativa de formalização de uma estrutura mais organizada (Esquema 8). Das seis mulheres que fazem parte do grupo “Erva Vida”, em relação à andiroba, metade adota primordialmente a segunda estratégia para organizar sua produção, enquanto outra metade das mulheres (inclusive a líder do grupo, cuja família está representada no centro superior do Esquema 8) mobiliza a terceira estratégia organizativa, como já mostrado anteriormente. Como novidade, porém, deve-se apontar que a família nuclear do cunhado da líder do “Erva Vida” pratica a segunda estratégia, porém com o diferencial de se estender por três gerações, uma a mais em relação ao que tinha sido percebido nos outros modelos desta estratégia.

Esquema 8 – Famílias praticantes da sexta estratégia produtiva do extrativismo de andiroba em Marudá no ano de 2011.



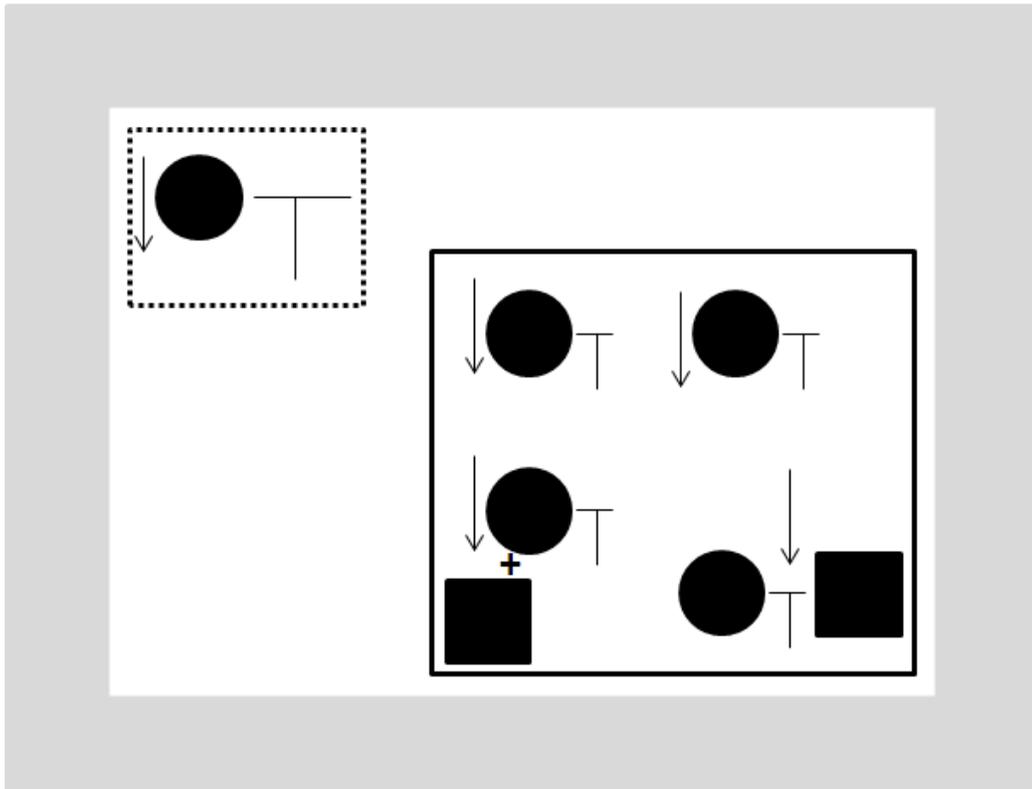
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

5.2.2 No Camará

No Camará, das onze casas onde foram feitas entrevistas, em apenas uma foi possível identificar o desempenho de uma estratégia individualizada (do tipo um), de uma emigrante de Bragança. Mais frequente, para aquelas pessoas que não contavam com o apoio de familiares para o extrativismo da andiroba, era o agrupamento em conjuntos de vizinhos que realizavam parte do serviço juntos, sem fundirem materialmente seus processos produtivos (estratégia de tipo cinco) (Esquema 9).

Neste caso, três viúvas de Bragança (uma delas ajudada por um vizinho prestativo) mostraram afinidade por um casal de São Miguel do Guamá, por diversas vezes reunindo-se para catar sementes de andiroba na praia do Paraquembal (do lado oposto ao Camará, por onde o acesso se dá via canoa). “Os vizinhos se ajudam mutuamente em situações consideradas críticas, ainda que não participem da mesma unidade doméstica” (WOLF, 1976, p. 94).

Esquema 9 – Famílias praticantes da primeira e da quinta estratégia produtiva do extrativismo de andiroba no Camará no ano de 2011.

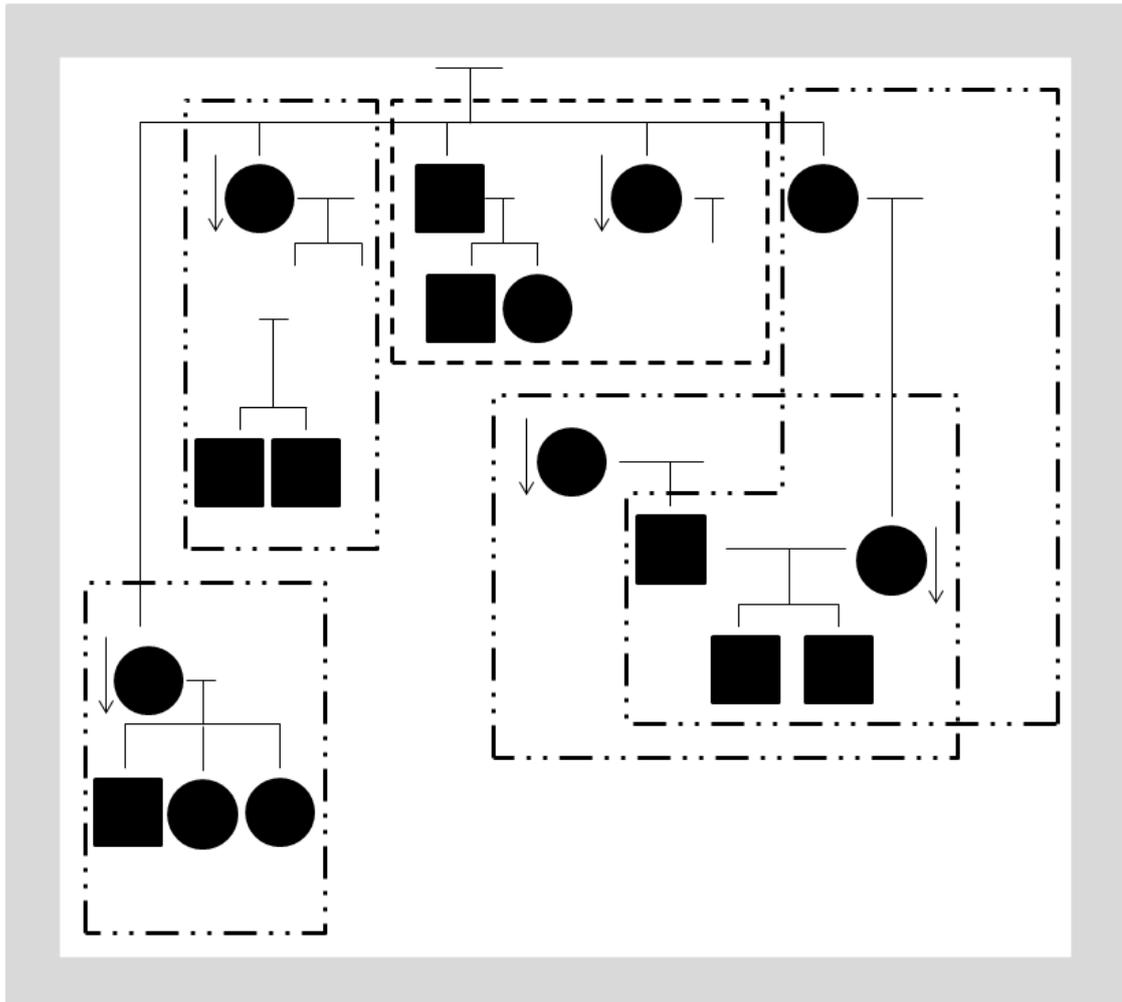


Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Uma situação interessante encontrada no Camará foi a existência de cinco irmãos (quatro mulheres e um homem), vindos de Bragança ainda crianças, que, apesar de já trazerem da terra-mãe conhecimentos sobre o extrativismo de andiroba, desenvolvem estratégias bastante individualizadas, não compartilhando nem a companhia uns dos outros durante as etapas de obtenção e processamento das sementes. Dessa forma, três deles praticam a segunda estratégia produtiva, enquanto dois se reuniram para efetuar a produção de óleo de andiroba pautada na quarta estratégia, visto que o irmão do sexo masculino e seus filhos colaboram com o planejamento da irmã que se dispôs a compor tal arranjo (Esquema 10).

Considerando apenas as irmãs, as idades variam entre 56 e 45 anos. Tendo os pais chegado ao Camará há 37 anos, admite-se que a irmã mais nova já tinha oito anos quando saiu de Bragança, enquanto a mais velha tinha dezenove. A irmã que mantém a combinação com o irmão, diga-se de passagem, é justamente a mais nova, sugerindo que as experiências de sociabilização no trabalho tenham sido diferentemente marcantes entre as interlocutoras, por terem, em suas infâncias, experimentado situações mais desiguais.

Esquema 10 – Famílias praticantes da segunda e da quarta estratégia produtiva do extrativismo de andiroba no Camará no ano de 2011.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

O cruzamento entre os depoimentos da irmã mais velha e da irmã mais nova pode ser elucidativo acerca da sociabilização no extrativismo de andiroba, vivida, não inteiramente em conjunto entre todas as irmãs. Vejamos o que diz J.N.C., a irmã mais velha e, em seguida, J.C.N., a mais nova:

“Minha mãe e minha vó me levavam para coletar no igapó de lá (Bragança) quando eu tinha 7 anos. Minhas irmãs e eu, um bando de toquinho de gente, cada qual com seu paneiro de guarumã. Só não aprendi a fazer o sabão por que eu não ficava perto delas nessa hora. Eu ajudava a juntar, a carregar a lenha, a quebrar, mas era proibida de me aproximar da massa, e por isso, ficava só olhando. Os adultos faziam questão de chamar os pequenos para ajudar e aprender. Hoje em dia, os mais novos não querem saber

de ouvir o que os mais velhos têm para ensinar. (J.N.C.)”.

“Nem lembro se tinha pé de andiroba em Bragança. Foi aqui no Camará, quando eu tinha 12 anos, que minha mãe me levou pela primeira vez para ajudar a juntar as castanhas na praia. Depois, eu ajudava a descascar e a via mexendo na massa. Minha mãe tinha gosto em colocar as crianças para trabalhar, para aprender com ela. É diferente de hoje, que essa molecada não quer saber de nada. (J.C.N.)”.

Perceba-se, ainda, que a filha da irmã situada à direita casou-se com o filho de uma mulher que também é originária de Bragança. Diferentemente das irmãs, que, em sua maioria, chegaram ao Camará já conhecendo as metodologias do extrativismo de andiroba, a outra mulher aprendeu o serviço somente no lugar para onde migrou:

“Eu sei que tinha na beira dos rios, nos alagados de Bragança. Minha vó tirava, mas minha mãe, não. Tanto, que não foi lá que eu aprendi. Foi só aqui, com 18 anos, um ano depois de ter chegado, quando casei, que minha sogra me ensinou a tirar o óleo de andiroba. A minha sogra, sim, aprendeu com a mãe dela. (E.C.S.)”.

Embora em ambas as casas seja empregada a segunda estratégia, visto que nora e sogra raramente se veem, e ambas dirijam processos produtivos localmente, há o uso da força de trabalho do pai e dos filhos nas duas casas, porém com um percentual de coleta de sementes pré-definido de repasse para cada lar (80% para a família da esposa e 20% para a família da mãe). Nos cinco casos visualizados, há entre duas e três gerações envolvidas.

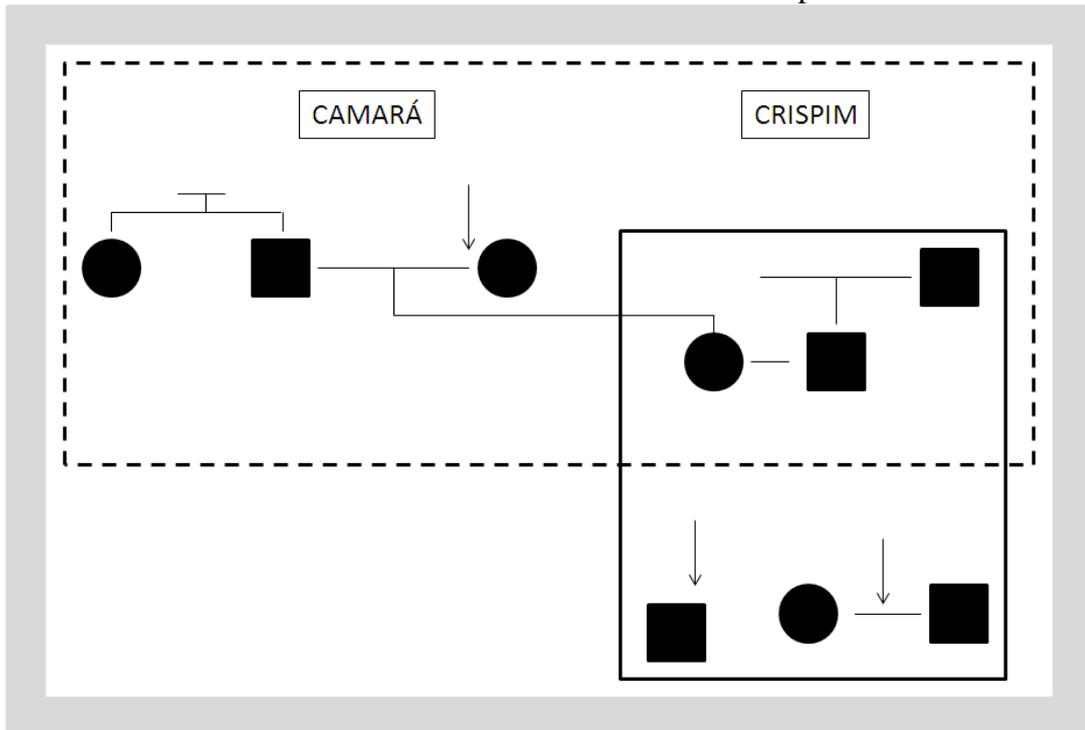
5.2.3 Camará e Crispim

A última observação no Camará foi de outra estratégia do tipo quatro, porém diferenciada por envolver, dentre os três núcleos familiares, um núcleo localizado no Crispim (Esquema 11).

A gerência da produção, por permanecer preponderantemente sob os auspícios de apenas uma mente, porém, garante que a distância não inviabilize a troca de materiais do extrativismo (envio das sementes do Crispim para o Camará, devido às ocupações próprias dos moradores do Crispim, que não liberam tempo para o demorado processo de extração do óleo, ou ao desconhecimento de técnicas adequadas). O núcleo do Crispim ainda se insere em

uma estratégia de tipo cinco, devido aos momentos de coleta em que vizinhos buscam a companhia uns dos outros (uma vez que, deste grupo, embora em duas casas haja quem saiba extrair o óleo, em nenhuma delas tal processo é feito, e as sementes são sempre repassadas a terceiros).

Esquema 11 – Famílias praticantes da quarta e da quinta estratégia produtiva do extrativismo de andiroba no Camará e no Crispim no ano de 2011.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

5.2.4 Crispim e Marapanim

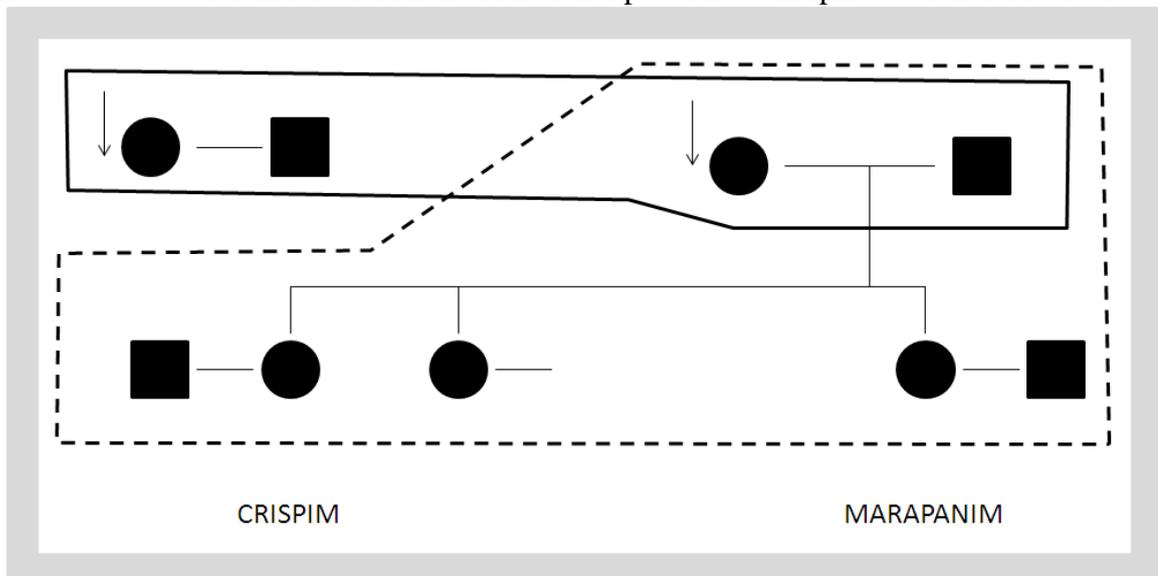
Ainda no Crispim, estabelecem-se outros dois grupos estratégicos. O primeiro, encabeçado por uma senhora moradora da sede urbana de Marapanim, funciona de acordo com a estratégia quatro, pois, embora subdividido em quatro núcleos familiares, apresenta uma liderança inquestionável da matriarca e não prevê a interrupção no fornecimento das sementes do Crispim em direção ao processamento, realizado em Marapanim (Esquema 12).

Quando chega o momento da safra da andiroba, as três filhas da senhora M.J.M.P. e dois de seus genros transmutam-se em algo como seus funcionários, obedecendo rígidos calendários de coleta e levando a cabo pesadas cargas horárias de serviço. O retorno, obviamente, vem com a renda obtida com a venda do óleo, nos meses após a safra. Acerca de seu modo de dirigir a atividade, a dona M.J.M.P. relata:

“Tem uma [das filhas] que fica com vergonha, diz para eu parar com essa arrumação, por que eu pareço uma mendiga, catando lixo na praia, bem na frente dos turistas, mas eu não estou nem aí, até por que é do dinheiro da andiroba que eu ajudo ela, né?”

Neste ponto, é essencial, mais uma vez, trazer o autor Eric Wolf ao debate, pois em Wolf (1976, p. 94), ele destaca a importância da reconstituição temporária de agrupamentos familiares extensos como estratégia para lidar com as demandas relacionadas a produtos específicos de uma dada época (safra), que, pontualmente, exigem reforços maciços de força de trabalho, antes que os recursos novamente se tornem escassos (entressafra).

Esquema 12 – Famílias praticantes da quarta e da quinta estratégia produtiva do extrativismo de andiroba no Crispim e em Marapanim no ano de 2011.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Outro meio pelo qual o aumento quantitativo de trabalhadores envolvidos no extrativismo de andiroba foi verificado em campo se configurou pelo pagamento de horas de trabalho a crianças e adolescentes que se encontram desocupados ou em momentos de lazer. Uma nova olhada no Esquema 5, em seu canto superior e esquerdo, permitirá a identificação de uma família liderada por uma matriarca, a qual tem por hábito pagar para que meninos da vizinhança ajudem-na a realizar a coleta de sementes de andiroba. No Crispim, por seu turno, houve relatos de que um certo “Paraíba”, empresário da cidade, estaria comprando sacas de sementes de andiroba, por R\$ 10, cada. Para quem, antes, não coletava as sementes por não saber processá-las, tal acontecimento significou mais uma possibilidade para ganhar dinheiro.

Para aqueles que já realizavam o extrativismo e o processamento, este evento significou uma séria ameaça à sustentabilidade desta atividade.

Ainda em referência às estratégias organizativas no Crispim, a outra relação observada liga a família da dona M.J.M.P. a uma família do Crispim com quem não são aparentados. Tal relação nasceu nos tempos em que a dona M.J.M.P. ainda morava no Crispim e era vizinha deles. Com o passar do tempo e a distância surgida, as coletas conjuntas e conversas acerca da andiroba escassearam, mas ainda existem, demonstrando continuar existindo uma estratégia de tipo cinco. De acordo com M.E.L.N., a outra planejadora do Esquema 12:

“Quando a dona <<M.J.M.P.>> morava no Crispim, tinha um verdadeiro companheirismo. Hoje, para ser sincera, o pessoal daqui nem levanta esse assunto [da andiroba]”.

Nesta fala, percebe-se, além do isolamento social sentido pela interlocutora, que lamenta a falta de pessoas com quem possa se identificar, também a mágoa pelo fato de que as sementes estão se tornando escassas, devido à possibilidade de sua venda a pessoas de fora, sem que, concomitantemente, se instaure uma ligação entre os novos coletores e o recurso por eles acessado.

Com a realização desta análise, foi possível visualizar a diversidade de estratégias de organização do trabalho que podem ser formuladas no contexto de apenas um tipo de atividade produtiva desenvolvida por comunidades praieiras, caracterizadas por sistemas de produção constituídos por vários subsistemas menores. Neste sentido, acredita-se ter sido possível demonstrar que as populações humanas residentes em ambientes costeiros são capazes de incidir sobre sua realidade concreta de modos múltiplos, realizando mudanças, sem necessariamente causar danos à natureza.

6 QUALIDADE DO PROCESSO EXTRATIVO LOCAL

Quando as sementes são liberadas da árvore-mãe, indo ao chão ou rumo ao sabor de cursos d'água, é importante que sejam coletadas (não em sua totalidade, para não prejudicar a regeneração da espécie nem a sobrevivência de herbívoros) com urgência, pois seu processo de germinação tem início aos seis dias após a liberação. Para o transporte e armazenamento de curto prazo, podem ser utilizados sacos plásticos, para evitar o dessecamento, ao qual esta espécie é bastante suscetível (FERRAZ; CAMARGO; SAMPAIO, 2002; SHANLEY, 2005).

Existem diferentes modos de se proceder ao manejo da andiroba e fazer as escolhas relacionadas à estratégia da produção extrativista, mas as etapas de manejo da andiroba são geralmente divididas em: coleta, seleção de sementes, armazenamento, processamento das sementes para extração do óleo e extração do óleo propriamente dita (FERRAZ; CAMARGO; SAMPAIO, 2002; MENDONÇA; FERRAZ, 2007).

A etapa de extração do óleo da andiroba está relativamente bem documentada. Ferraz, Camargo e Sampaio (2002) informam haver dois métodos bem descritos de extração do óleo desta espécie. Na região norte do Brasil, comunidades indígenas e caboclos trabalham de modo artesanal, cozendo as sementes frescas de andiroba, que são deixadas em descanso à sombra por algumas semanas, e separando a casca da semente, quando, através do tato, verifica-se o desprendimento de óleo. As sementes, então, são socadas em um pilão. Quando bem amassado, o material resultante (“pão-de-andiroba”) é posto ao sol ou sombra (sendo a segunda alternativa mais demorada, porém gerando óleo de melhor qualidade), sobre uma superfície inclinada, que possibilita a liberação do óleo por gotejamento (FERRAZ; CAMARGO; SAMPAIO, 2002; MENDONÇA; FERRAZ, 2007).

Oliveira (2008) verificou a utilização de material feito de alumínio na etapa de escoamento do óleo a partir da massa da andiroba, bem como armazenamento do óleo inicialmente em uma bacia de alumínio e, em seguida, em vidros não esterilizados e de cor clara. Através de testes bioquímicos de análise da acidez, a qual, caso esteja elevada, pode comprometer as qualidades fitoterápicas do óleo de andiroba, descobriu-se que o óleo deve ser tirado à sombra, escorrendo em superfícies plásticas e sendo armazenado em vidros escuros esterilizados. Através da implantação destas mudanças, os extrativistas que participaram daquela pesquisa-desenvolvimento puderam obter óleo de andiroba de melhor qualidade bioquímica, mesmo utilizando o método artesanal.

Segundo o outro método, menos artesanal, as sementes são continuamente fragmentadas e, então, levadas a uma estufa entre 60°C e 70°C, a 8% de umidade, e prensadas a 90°C, em prensas hidráulicas (FERRAZ; CAMARGO; SAMPAIO, 2002). São lançadas

dúvidas, porém, por alguns pesquisadores, acerca da suposta perda de valor medicinal do óleo, quando extraído de modo mecanizado (SHANLEY, 2005). Há, porém, outras técnicas de extração, como, por exemplo, as que são praticadas por extrativistas da Floresta Nacional do Tapajós, que incluem, dentre outros procedimentos, uma etapa de retirada de impurezas dos óleos, através de peneiramento e filtragem (SANTOS; GUERRA, 2010).

O tempo de trabalho dedicado ao extrativismo da andiroba dura, no método de extração tradicional, de quatro semanas (PLOWDEN, 2004) a cerca de dois meses (MENDONÇA; FERRAZ, 2007). Os períodos de coleta, seleção de sementes boas e armazenamento inicial duram de 3 a 15 dias; o cozimento dura de 1 a 3 horas; o segundo período de armazenamento, retirada da casca e amassamento das amêndoas pode levar até 20 dias (embora, segundo o protocolo estabelecido por Oliveira, 2008, não deva ser inferior a 45 dias); a extração do óleo propriamente dita (escorrimento acompanhado por amassamentos periódicos) pode levar até 30 dias (MENDONÇA; FERRAZ, 2007).

A produção de um litro de óleo em relação à quantidade de sementes processadas (rendimento) é variável na literatura. Pode decorrer do processamento de 30 kg de sementes, 27 kg, 20 kg, 14,43 kg, entre 2 e 11 kg e 5 kg, de acordo com alguns dos estudos realizados. A discrepância no rendimento relatado por estas pesquisas pode ser explicada por procedimentos diferenciados de coleta e armazenamento, antes e após o cozimento das sementes (FERRAZ; CAMARGO; SAMPAIO, 2002; PLOWDEN, 2004; HOMMA; MENEZES, 2005; MENDONÇA; FERRAZ, 2007).

Após a extração, os óleos podem ser armazenados em recipientes próprios, como galões (de 5 litros) e frascos plásticos (de 30 ml, 100 ml e 1 litro). Em seguida, a produção pode ser encaminhada para uma associação (com possível gasto com frete do produto) ou, menos frequentemente, vendida diretamente ao consumidor final (geralmente turistas). Em geral, a associação rotula as embalagens e comercializa o produto para a rede atacadista (indústria farmacêutica, laboratórios nacionais e internacionais), que beneficia os óleos, fabricando velas, sabonetes, cosméticos, remédios homeopáticos e óleo *in natura* diluído, e vende para a rede varejista. Os varejistas (lojas, farmácias, mercados e feiras), localizados em diversas capitais do país (principalmente as da Amazônia) e em alguns países da Europa, revendem os produtos para o consumidor final. A falta de conhecimento da cadeia produtiva do óleo e de técnicas de controle da qualidade pelas comunidades tradicionais impede o desenvolvimento da atividade e a geração de renda (SANTOS; GUERRA, 2010).

Há a necessidade de cumprir com padrões e normas de higiene e qualidade na produção de óleo de andiroba, para que este produto possa ser absorvido pelas indústrias

farmacêuticas, porém existem problemas que favorecem a descontinuidade da cadeia comercial neste ponto, como: falta de conhecimentos, falta de equipamentos apropriados e inexperiência com métodos de estabilização para atingir padrões comerciais. Acrescido a estes problemas, consta a falta de organização para este tipo de produção, encontrada em algumas localidades, o que impede o desenvolvimento das unidades produtivas e, em último caso, o desenvolvimento regional (BALZON; SILVA; SANTOS, 2004).

6.1 O CASO DE MARAPANIM

Das 39 famílias inquiridas, por apenas cinco não é feita a coleta de sementes de andiroba. As 34 famílias que realizam esta coleta investem, por safra, uma média de 10 horas cada, frequentemente divididas em duas incursões às areias das praias de Marudá, do Crispim, do Dom Pedro e do Paraquembal (estas duas últimas, frequentemente acessadas pelos moradores do Camará). Em cada família que realiza a etapa de coleta (Fotografia 9), uma média de 3,6 pessoas são envolvidas, seja na tarefa de remar a canoa, de juntar as sementes do chão ou de arrastá-las até as residências.

Fotografia 9 – Extrativista de Marudá coletando semente de andiroba.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Em 73% das residências, os extrativistas disseram realizar a seleção das sementes durante as coletas, desprezando sementes que furassem ao ser pressionadas com o dedo polegar. No restante dos lares, outros extrativistas informaram não realizar nenhum tipo de

seleção das sementes, ou disseram desprezar sementes fofas, leves e macias. Isto posto, verificou-se que, em cada unidade produtiva realizadora de coleta de sementes, foram coletadas, em média, 2,4 sacas de sementes de andiroba na safra de 2011.

Nas cinco residências onde não foram encontrados coletores, tal ausência se justificou pela incapacidade física de moradores mais idosos em sair para realizar coletas exasperantes. Essas pessoas, no entanto, no conforto de suas casas, podendo se dedicar ao processamento das sementes, aceitam receber ou comprar sacas (por cerca de dez reais cada) de coletores que não sabem ou não têm tempo para procederem, por si, à transformação das sementes em óleo.

No caso de Crispim e Marapanim, este quadro é bastante perceptível, pois, das nove casas onde moram coletores, em sete não há quem processe as sementes. Dessas sete, em cinco as sementes são repassadas por falta de tempo para que os coletores façam o processamento por si, embora tenham o conhecimento para tal, e em duas, as sementes são repassadas pela falta de conhecimentos técnicos para a produção do óleo (Fotografia 10).

Fotografia 10 – Extrativista do Crispim que repassa as sementes de andiroba.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Devido ao fato de 34 famílias coletarem sementes, porém apenas 30 famílias realizarem o processamento, são usadas, em média, 4,7 sacas de sementes por cada família processadora, gerando 13 litros de óleo para cada uma das 30 famílias. Nota-se, porém, que algumas famílias processadoras não conseguem ter o rendimento citado, ficando bastante

aquém deste nível. Outras, atingem um rendimento maior, e tal fato pode estar relacionado à qualidade das sementes coletadas, isto é, à adoção de técnicas mais apuradas de seleção das sementes.

Vale ressaltar que parte do óleo obtido por processadores que não realizam a coleta é repassada em sistemas de “meia” (cessão de metade do óleo produzido para o fornecedor das sementes) e de “terça” (cessão de um terço do óleo produzido para o fornecedor das sementes), para os coletores que lhes cederam as sacas de sementes. Caso as sacas tenham sido compradas, no entanto, tal devolução se faz impraticável. De qualquer modo, chega-se à uma conclusão acerca do rendimento da atividade, de que, para cada saca de sementes de andiroba, são obtidos quatro litros de óleo.

Da saca ao óleo, porém, é necessário que sejam adotados certos procedimentos técnicos. Assim que as sementes são coletadas, geralmente são lavadas, para remover eventuais sujeiras e retirar a salinidade impregnada na casca. Em seguida, as sementes são cozidas por um ou dois dias e, depois, ensacadas, empalhadas ou abafadas (Fotografia 11).

Fotografia 11 – Exibição de sementes em processo de abafamento.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Embora alguns extrativistas cheguem a deixar a andiroba “agasalhada” por 40 dias, o tempo médio é de três semanas (21,9 dias). Após, as sementes são desempalhadas e um grupo

de até três pessoas se reúne, durante dois dias, para quebrar a casca e remover a massa interna (Fotografia 12), que é agrupada em um bolo de aparência argilosa (Fotografia 13).

Fotografia 12 – Descascamento da andiroba em Marudá.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Fotografia 13 – Formação da massa da andiroba em Marudá.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Quando as cascas já foram totalmente removidas, são desprezadas e o bolo de andiroba passa a ser amassado de uma a diversas vezes por dia, para que, após cerca de três dias, comece a liberar o óleo da andiroba. A massa da andiroba é, então, posta no topo de um plano inclinado, cuja superfície pode ser de telha, lata/alumínio (Fotografia 14) ou plástico (Fotografia 15). A partir daí, o óleo pode, dependendo de amassamentos periódicos, ser paulatinamente liberado. Em média, são investidos 70 minutos diários para amassar o bolo de andiroba, fracionados, via de regra, em três sessões, geralmente coincidentes com o meio de cada parte do dia.

Fotografia 14 – Óleo de andiroba escorrendo no alumínio no Camará.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Fotografia 15 – Óleo de andiroba escorrendo no plástico no Crispim.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

O escorrimento do óleo começa no quarto dia e dura, segundo alguns, em determinados anos, até um mês completo. A média é de 16,5 dias de duração. Muito se ouviu, durante a pesquisa de campo, que o tempo empregado nas sessões de amassamento do bolo seria relevante na determinação da quantidade de óleo de andiroba obtido. Estatisticamente, porém, apenas foi possível verificar uma fraca correlação entre essas duas variáveis ($r= 0,31$).

Das 30 famílias de processadores, apenas quatro escorrem o óleo exclusivamente ao sol, alegando a maior rapidez para obtenção do produto. Mais da metade das famílias, 16, escorre o óleo apenas à sombra, adquirindo um líquido de melhor aspecto e de venda mais fácil. Dez famílias usam processos intermediários, seja passando para o sol a massa que já não

dá mais óleo à sombra, seja colocando metade da massa à sombra para conseguir óleo para venda e metade da massa ao sol para conseguir óleo para autoconsumo.

Embora poucas famílias escorram o óleo ao sol, a maioria utiliza latas e recipientes de alumínio para o escorrimento do óleo de andiroba. Ou seja, se por um lado, os extrativistas garantem um óleo de maior qualidade, por outro, reduzem esta qualidade, causando aumento da acidez do produto e diminuição de seu valor medicinal. Outro erro frequente foi o armazenamento do óleo em vidros claros, que possibilitam a incidência da luz solar sobre o líquido e prejuízo de determinadas propriedades químicas importantes (Fotografia 16).

Fotografia 16 – Armazenagem de óleo de andiroba em Marapanim.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Apenas 23% dos entrevistados alegou saber fazer o sabão da andiroba, embora alguns desses preferam não fazê-lo, alegando ser um trabalho a mais, que pouco contribui com a entrada de mais dinheiro na casa. Uma das combinações indicadas para fazer o sabão incluía a mistura de água, soda cáustica e óleo de andiroba “dura” (escorrida no sol). Em outra versão, à mistura mencionada ainda é adicionada essência de plantas cheirosas, como do alecrim ou de patchouli. Outra opção encontrada foi a utilização da massa endurecida de andiroba, que já não solta mais óleo, ou da borra da andiroba “dura”, misturadas à água e à soda cáustica. Shanley (2005, p. 47), porém, sugere outra receita:

Coloque 1 litro de óleo de andiroba em uma lata para ferver com 4 quilos de sebo de gado derretido. Deixe a mistura ferver por 30 minutos e depois acrescente 250 gramas de breu (ou silicato, ou ainda soda cáustica). Se quiser sabão cheiroso, coloque oriza ou catanga-de-mulata. Ferva até atingir uma textura grossa. Deixe a solução esfriar e coloque-a numa fôrma. Em seguida, corte o sabão em pedaços e guarde. No interior, é costume acrescentar à andiroba o sebo e a cinza da casca do cacau misturada com água. Esse sabão é utilizado na lavagem de roupa, na limpeza de pele, contra coceiras, impigens e pano branco. Para fazer a cinza do cacau, queime a casca seca do fruto. A cinza fina e branca (muito ácida e forte) deve ser guardada numa vasilha em local seco.

Há, porém, quem não abra mão de produzir o sabão da andiroba, seja para vender durante os meses de alta temporada (junho e julho) aos turistas, seja para o autoconsumo, como forma de preservar as tradições familiares (Fotografia 17). Alguns dos usos relatados por extrativistas que produzem anualmente o sabão da andiroba são a lavagem de louça, lavagem de cabelo e banhos em animais de estimação.

Fotografia 17 – Sabão da andiroba produzido em Camará.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Como é possível observar, o processamento das sementes de andiroba é composto por muitas etapas, que requerem um investimento relativamente grande de tempo, dedicação e domínio de técnicas apropriadas. A aquisição de dada quantidade de óleo de andiroba, portanto, não é determinada exclusivamente por critérios técnicos, mas também por intenções. Quando, em uma família, o óleo mostrou ter utilidade limitada ao autoconsumo, os procedimentos adotados tenderam a ser menos demandantes de tempo.

Mesmo sem conhecer os protocolos de testes bioquímicos de verificação de acidez e concentração de peróxidos geralmente tomados como medidas para determinação da qualidade do óleo de andiroba (OLIVEIRA, 2008), os extrativistas têm consciência de que é mais fácil vender para os turistas um óleo com boa aparência, fluido, sem borra precipitada no fundo da garrafa. Para seu próprio uso, porém, houve consenso, nos três distritos em que se deu esta pesquisa, que a “andiroba mole” (fluida, limpa) teria exatamente os mesmos efeitos da “andiroba dura” (de aparência turva, menos fluida).

Esta igualdade proposta em relação às duas variações de óleo de andiroba não é, segundo Oliveira (2008), verdadeira, mas a crença dos extrativistas em que o seja justifica a adoção de técnicas menos custosas para obter o óleo ou sua fração voltada ao consumo da unidade familiar e à doação entre núcleos familiares e vizinhos. A opção por esta atitude não reflete, necessariamente, falta de saberes técnicos adequados para obter aquilo que o conhecimento científico convencionou denominar de “óleo de boa qualidade”.

Exemplo desta constatação é o fato, já mencionado, de que certas famílias escorrem parte da massa da andiroba à sombra (obtendo “andiroba mole”, para a venda), e parte ao sol (obtendo “andiroba dura”, para a casa). Os casos em que o óleo é totalmente obtido através da exposição da massa da andiroba ao sol, portanto, pode se justificar pela intenção de obter apenas óleo para uso da família. Por outro lado, verificou-se um caso em que os saberes dos membros de dada família do Camará eram incapazes de subsidiar a produção de “andiroba mole”. Por ser capaz de produzir apenas óleo com aparência desagradável aos turistas, tal família costumava vender o litro de seu óleo pela metade do preço praticado no local.

Tendo demonstrado a visão exógena do pesquisador sobre as atividades humanas dos extrativistas de Marapanim, é chegado o momento de procurar visualizar esse serviço a partir do ponto de vista dos próprios trabalhadores, considerando as representações que eles formulam acerca desse extrativismo e de sua própria identidade enquanto extrativistas.

7 ANDIROBA COMO COMPLEMENTAÇÃO DA RENDA

Nesta etapa, a dissertação irá focar apenas as famílias de extrativistas que comercializam a produção de andiroba, atividade para cujo fim não se verifica a disponibilização da totalidade desta produção, como reforçado anteriormente. Das 39 famílias visitadas, 32 observam aumento de sua receita mensal durante os meses que vêm após a safra da andiroba, o que parece refletir a importância da safra de andiroba no incremento da renda monetária dessas famílias.

O motivo por que, apesar de apenas 30 famílias realizarem o processamento das sementes de andiroba, enquanto 32 conseguem obter dinheiro através da atividade é o fato de que alguns coletores que não realizam o processamento das sementes recebem, de meia, certa quantidade de óleo de processadores que não realizam coletas. Tanto coletores que recebem óleo de meia quanto processadores que não fazem coletas podem, caso se interessem, disponibilizar uma fração do óleo de andiroba possuído para a venda, de modo a não ser necessariamente reais as considerações determinísticas de que “quem não processa não vende”, ou “quem não coleta não vende”.

7.1 ALGUNS CASOS EXTREMOS E MEDIANOS

Além do uso medicinal, tradicionalmente, o óleo de andiroba vem sendo usado como fonte de complementação de renda de famílias de agricultores, dada sua classificação empírica como importante produto natural em escala nacional. Por um lado, há quem trabalhe há muitos anos com a andiroba e tenha formado uma bem definida e sólida rede de relações organizada através do fluxo de informações e reciprocidades. Por outro lado, há quem seja apontado como extrativista devido a seus relativamente grandes volumes de óleo de andiroba comercializados.

Antes de adentrar com mais profundidade na discussão da escala de produção, é fundamental esclarecer que o parágrafo anterior é merecedor de uma nota de relativização. Não necessariamente teremos um grupo de famílias de um lado e outro grupo de famílias, inteiramente distinto, de outro. Há sobreposições nas observações, e foram entrevistadas pessoas que muito bem ilustraram a possibilidade de se estar inserido em um sistema de produção altamente enraizado em comportamentos, técnicas e lógicas (inclusive em consonância com princípios de respeito ao meio ambiente) vindas de gerações anteriores, de outras terras, e ainda manter um padrão competitivo de extrativismo.

Agora tratando diretamente da escala de produção, percebemos que há uma variação entre os níveis de consciência dos extrativistas em relação ao potencial financeiro de seu trabalho e em relação às técnicas produtivas que podem ser empregadas no intuito de

incrementar os processos de trabalho. Há aqueles que extraem o óleo em pequena escala (até 10 litros) e vendem também em pequena escala (arrecadando até 100 reais), assim como há quem produza em grande escala (mais de 10 litros de óleo) e venda em grande escala (arrecadando entre 400 e 1200 reais).

Percebeu-se, durante as conversas com os interlocutores, que em vários casos havia uma intencionalidade bastante clara e assumida em relação ao extrativismo de andiroba. Para parte das pessoas, a andiroba tinha valor enquanto remédio e sua produção deveria atender a parentes e amigos. A dona M.S.B., do Camará, sendo já uma idosa e possuindo apenas a si mesma para realizar a penosa coleta das sementes na praia, apresenta enormes limitações operacionais para desenvolver o extrativismo de andiroba, e só consegue obter dois litros de óleo por ano. Guarda metade para uso e metade para venda. Se por uma via, vender os dois litros obtidos teriam um retorno financeiro incapaz de suprir a falta do recurso produzido, por outra, ficar com os dois litros significaria manter uma parcela de recurso fadada ao desperdício, posto que não seria totalmente consumida até a safra seguinte e significaria a perda de oportunidade de ganhar algum dinheiro (mesmo que pouco) na época da safra atual.

Como ilustração de um caso diferente, a dona M.J.M.P., de Marapanim, que mobiliza a força de trabalho de suas filhas e genros na coleta, encara a safra da andiroba como um compromisso com o qual não pode faltar, de modo que, ano após ano, busca sempre bater metas ambiciosas. Com frequência, chega aos 50 litros anuais, os quais são vendidos por 30 reais cada, de acordo com o preço do mercado local. Com a certeza intacta de que conseguirá vender todos os litros extraídos, ela não aceita que o preço seja reduzido de forma nenhuma, pois vê esta atividade como uma chance ímpar para ajudar suas filhas a sustentar suas casas.

Há, porém, casos que fogem à obviedade linear. Alguns extrativistas extraem óleo em pequena escala, porém conseguem rendimentos bastante favoráveis e mantêm preços compatíveis com aqueles de praxe no local. Nessas circunstâncias, nota-se haver a conciliação entre uma força de trabalho limitada e uma estratégia mais refinada e refletida para obter renda, que consegue superar as limitações operacionais. A pouca percepção de necessidade do óleo na própria casa e a negação em ceder gratuitamente o óleo a parentes, amigos e vizinhos também se mostram como fatores que possibilitam a liberação de maior quantidade de óleo para a venda. Neste último cenário, porém, chega-se a suspeitar de que a valorização da estratégia mercantil venha a prejudicar, de algum modo, as estruturas de reciprocidade dos locais visitados.

Na casa da dona O.H.B., em Marudá, essa é a estratégia seguida. Dos dez litros produzidos, apenas um é mantido para autoconsumo, e ali, a andiroba é tida como um produto

muito importante, portanto indisponível, em grandes quantidades, para doação. Uma vez que cada litro é vendido por 30 reais, a renda obtida chega a 270 reais, o que pode ser considerado um valor razoável, face à quantidade modesta de óleo extraído.

É possível, finalmente, que um grande esforço de coleta e processamento resulte em ganhos financeiros medíocres. Isso pode ocorrer por várias razões. Uma delas ocorre quando a família de processadores não realiza a coleta de sementes e, após extrair o óleo, repassa metade do óleo extraído de meia para os fornecedores de sementes. Este procedimento reduz a capacidade comercial da atividade à metade, sem ser considerada a quantidade de óleo que ainda será retirada para o autoconsumo. Preços mal dimensionados ou a consciência de que o óleo não possui as características desejadas pelos compradores (como a fluidez e aspecto de limpeza apresentados pelo óleo extraído à sombra) também podem fazer com que grandes quantidades de óleo de andiroba sejam vendidos por um valor incompatível com o habitual.

Um caso de Marudá é bem ilustrativo nesse sentido: a senhora R.M.S., cuja família produz, em média, 30 litros de andiroba por safra, separa dois terços dessa quantidade para repartir com seus familiares e com famílias chegadas. O terço restante, é vendido abaixo do preço do mercado local (por dez reais, cerca de um terço do valor frequentemente praticado), seja para a Erva Vida, da qual a matriarca faz parte, seja para compradores eventuais. Questionada sobre este procedimento, a interlocutora informou não fazer o extrativismo para ganhar dinheiro, sim para ter acesso ao remédio que é tão importante para sua família.

Em outra situação, a senhora J.N.C., do Camará, relata fazer a extração do óleo de andiroba no sol, para obter o produto com maior rapidez, porém lamenta por ter que vender o litro pela metade do preço praticado no local (15 reais), devido à resistência que encontra, nos compradores, em adquirir o óleo com uma aparência menos agradável e límpida que aquela do óleo extraído na sombra.

7.2. VARIACÃO DA RENDA EM RELAÇÃO À ENTRESSAFRA-SAFRA

Considerando todos os lugares visitados, a média de renda mensal encontrada foi de R\$ 1.264,62 por família, lembrando que, em média, cada família tem 4,71 moradores. Em Marudá, a renda familiar mensal média é menor que a média geral, ficando em R\$ 1143,20, porém a quantidade média de pessoas residentes em cada casa é de 4,26. No Crispim e em Marapanim, a renda média familiar no mês é de R\$ 1.533,75, com 3,77 habitantes por residência. No Camará, a renda média mensal por família é de R\$ 1.227,77, porém há 6,27 habitantes em cada residência.

Se, em um primeiro momento, pode parecer que em Marudá existe uma situação econômica mais precária, a revelação trazida pela quantidade de pessoas que moram em cada

casa reverte a análise dos dados, pois o maior número de habitantes por unidade familiar no Camará, que não é acompanhado por um aumento médio de renda mensal, demonstra a desvantagem vivenciada pelos moradores do distrito. No Crispim, particularmente, observa-se um número relativamente reduzido de moradores por casa, e a média de renda mensal também é superior em relação às demais localidades.

Quando chega a safra da andiroba, porém, algumas famílias buscam aproveitar a oportunidade para aumentar seus rendimentos. Dentre as 32 famílias que realizam a comercialização do óleo de andiroba nas localidades visitadas, houve grande variação no que diz respeito ao montante de dinheiro adquirido com a venda do produto citado. Em um ano, enquanto uma família consegue apenas trinta reais com a venda do óleo, outra pode conseguir até R\$ 1.200 reais. Como a safra da andiroba dura mais de um mês e o processamento artesanal das sementes é um processo demorado, o impacto da entrada financeira pode ser abrandado na visão dos extrativistas, pois o valor total do ano é fracionado em entradas mensais, ou parcelas, obviamente inferiores ao valor total obtido por safra.

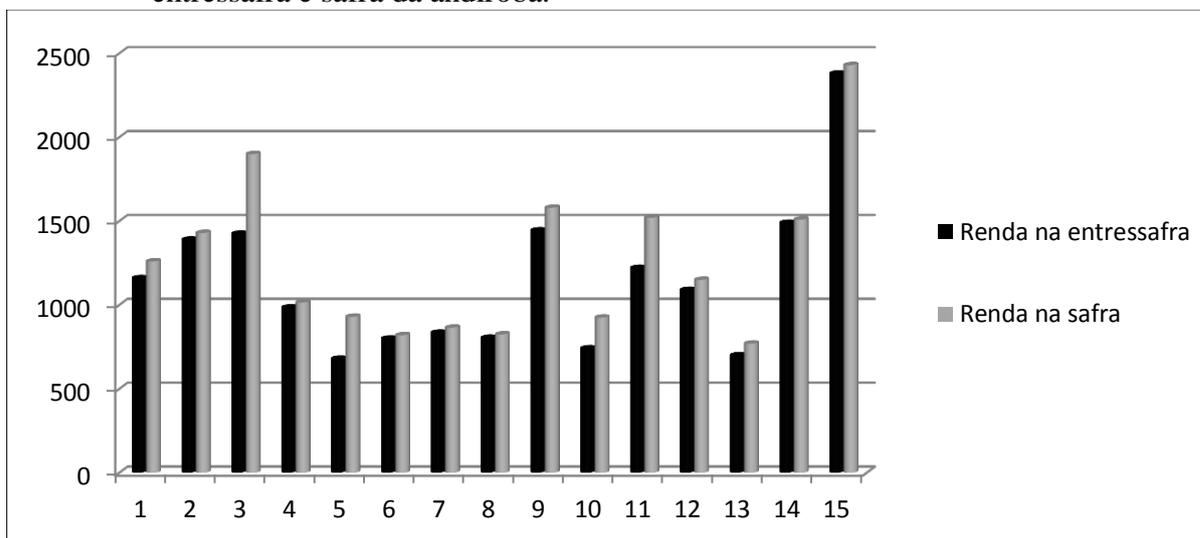
As razões que levam à variação no montante de dinheiro obtido são várias, como: capacidade da força de trabalho, qualidade das coletas, correção das técnicas de extração, qualidade do óleo obtido, competência na negociação e estabelecimento de uma rede de consumidores fidelizados. Considerando todas as localidades, a média familiar do valor ganho com a venda do óleo de andiroba é de R\$ 203,59, sendo inferior em Crispim/Marapanim (R\$ 187,50) e superior em Marudá (R\$ 210,66) e no Camará (R\$ 206,11). Apesar das médias encontradas, é importante mencionar que, retirando-se os valores extremos, as médias não passariam de R\$ 150.

Como resultado do incremento ao aporte financeiro dos sistemas produtivos, a renda média mensal média das famílias nos meses em que há entradas decorrentes da safra da andiroba fica em R\$ 1.409,31. Em Marudá, mesmo com a ajuda do dinheiro obtido com a andiroba, a média de renda familiar mensal fica em R\$ 1.262,06 (Gráfico 4), não conseguindo, assim, sequer alcançar o valor médio da renda familiar mensal dos meses da entressafra.

Em Camará, diferentemente, onde o valor médio do rendimento familiar mensal atinge R\$ 1.427,44 (Gráfico 5), há essa ultrapassagem dos valores médios, não somente da entressafra, mas também das épocas de safra. É no Crispim, porém, onde se observa a maior média familiar mensal de rendimentos na safra, de R\$ 1.665 (Gráfico 6), devido, principalmente, a seu bom desempenho econômico regular permitir a exibição de alguma

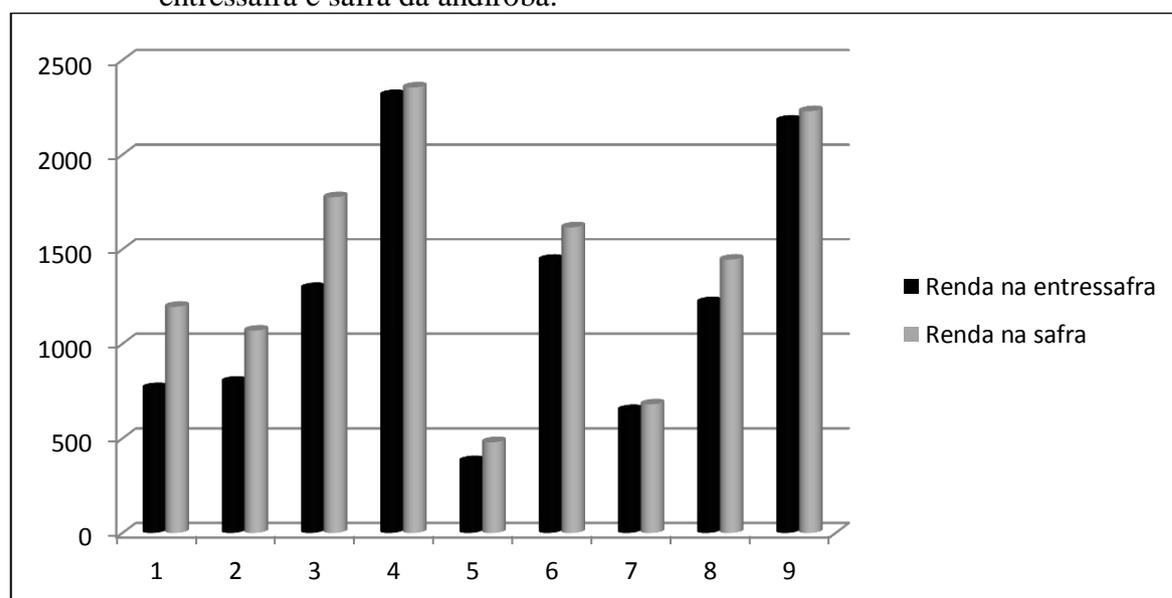
independência em relação à andiroba. Os dados médios gerais e relativos a cada localidade encontram-se sintetizados no Gráfico 7.

Gráfico 4 – Comparação entre o montante de renda (em reais) obtido pelas famílias comercializadoras de óleo de andiroba em Marudá, em relação às épocas de entressafra e safra da andiroba.



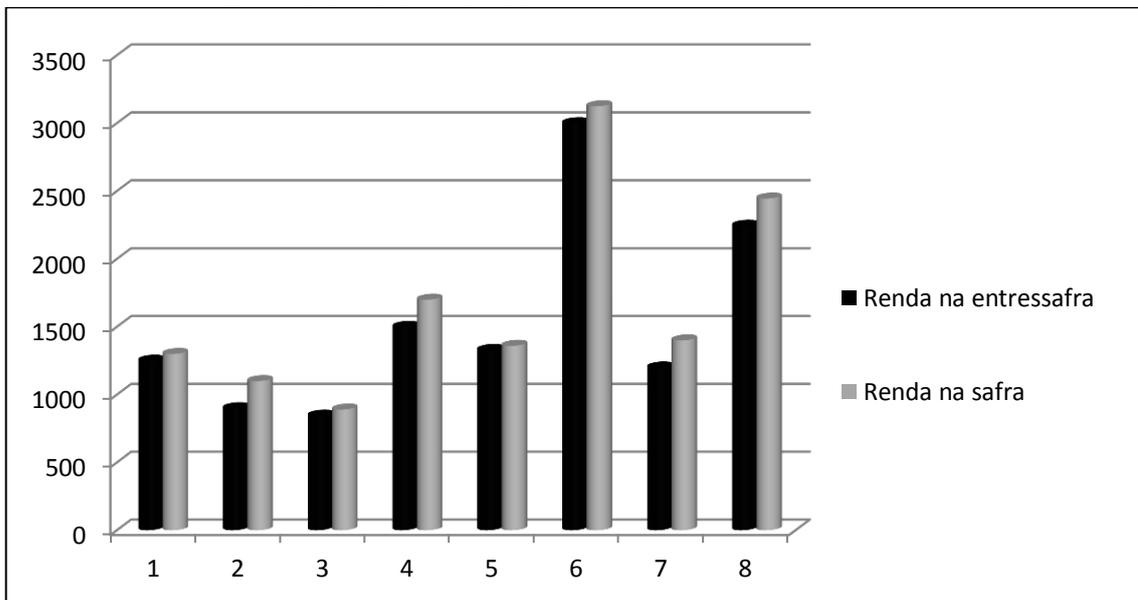
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Gráfico 5 – Comparação entre o montante de renda (em reais) obtido pelas famílias comercializadoras de óleo de andiroba no Camará, em relação às épocas de entressafra e safra da andiroba.



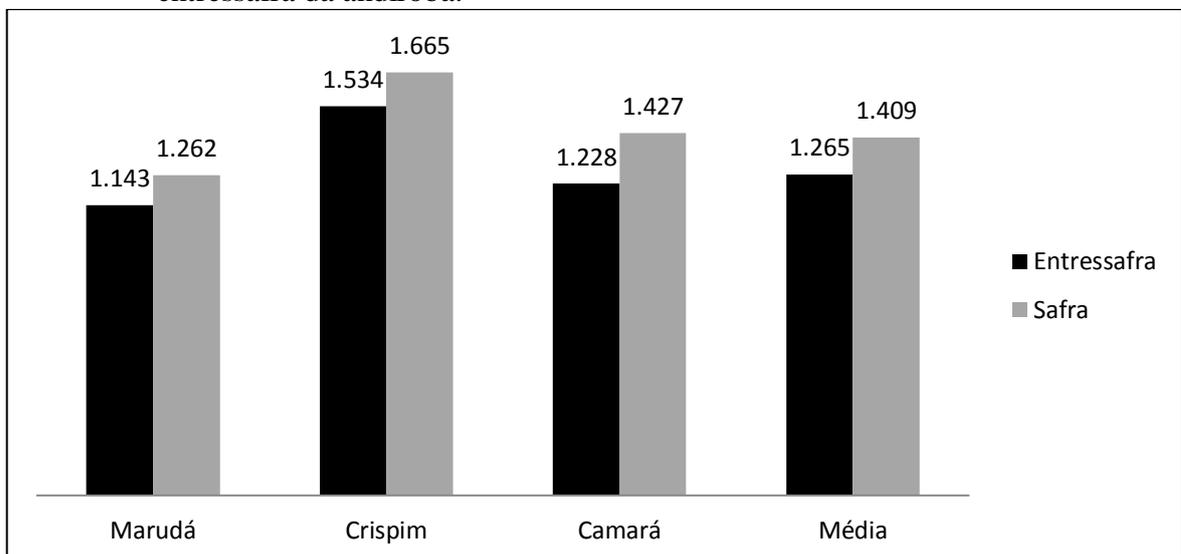
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Gráfico 6 – Comparação entre o montante de renda (em reais) obtido pelas famílias comercializadoras de óleo de andiroba no Crispim, em relação às épocas de entressafra e safra da andiroba.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Gráfico 7 – Síntese dos dados referentes à quantidade média de renda mensal (em reais) obtida por famílias de extrativistas durante os meses da safra e os meses da entressafra da andiroba.

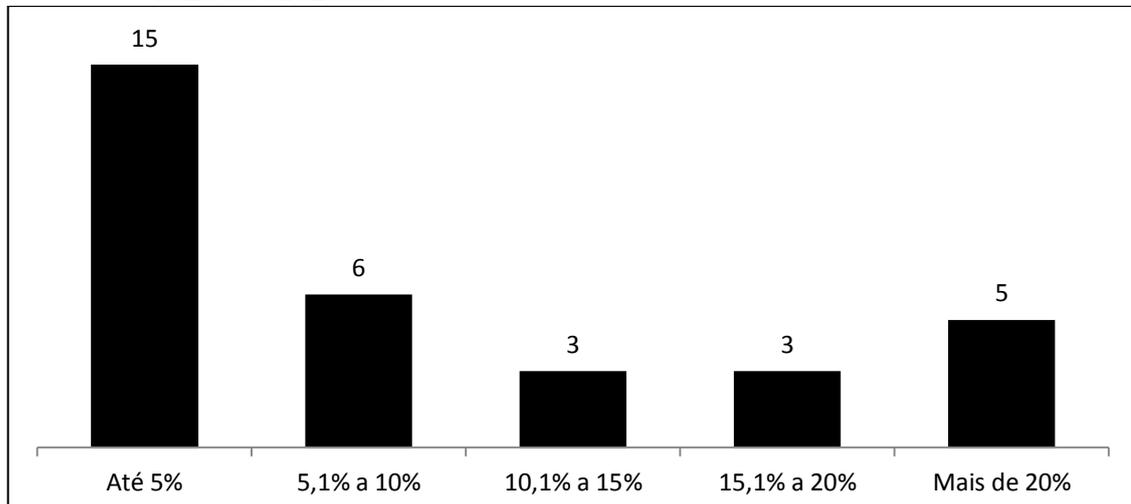


Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Desse modo, nos meses em que as famílias vivenciam as repercussões do trabalho no extrativismo de andiroba, a renda familiar média cresce em 10,08% (variando de 1,34% a 33,75%). Apesar de valores baixos encontrados em algumas famílias, expressos por aumentos percentuais inferiores a 5%, em mais de 50% dos casos (17 famílias, dentre 32) as famílias experimentaram um aumento de renda percentual médio superior a 5% (Gráfico 8) Nas três

localidades onde a pesquisa foi realizada, foram observados valores médios percentuais muito próximos para cada lugar.

Gráfico 8 – Aumentos percentuais médios dos rendimentos de 32 famílias em relação à safra da andiroba.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

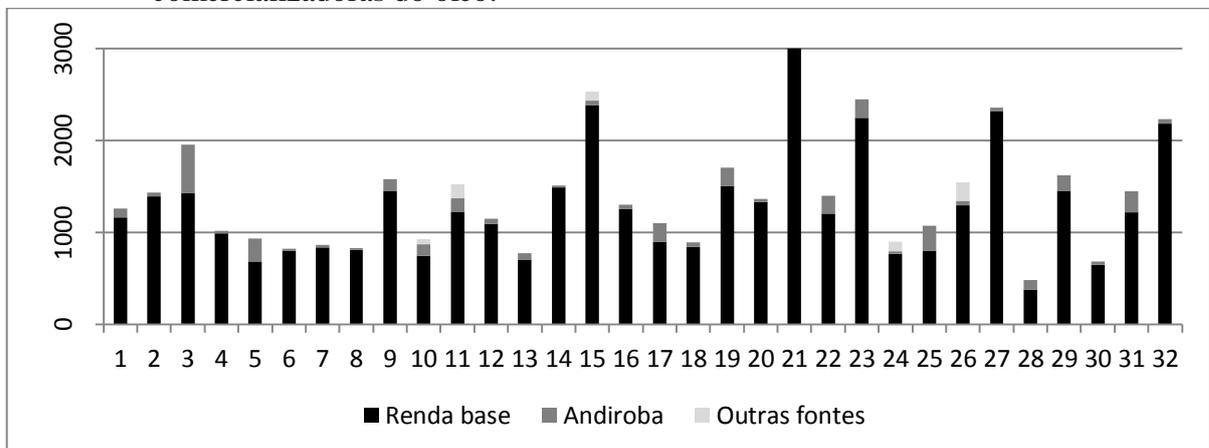
Sem que fossem apresentados aos dados estatísticos elaborados através das entrevistas, os extrativistas tiveram que se posicionar em relação à percepção de ajuda que o dinheiro obtido com a venda de óleo de andiroba efetivamente teria em suas casas. Considerando todas as localidades visitadas, em 84% das residências há um consenso de que o dinheiro obtido com a comercialização da andiroba é importante para a família e que, portanto, ajuda muito na manutenção do modo de vida dos membros da família.

Em Marudá, onde se mostrou que o aumento nas entradas de dinheiro durante a safra de andiroba sequer é capaz de fazer com que as famílias do distrito consigam ter ganhos superiores à média mensal geral da época de entressafra, a percepção de ajuda foi relatada em 80% das residências. Certamente esta resposta não está baseada em nenhuma formulação estatística complexa, mas deve seguir padrões de comparação estabelecidos de acordo com a realidade local e as percepções e aspirações próprias aos habitantes daquele lugar.

No Camará, onde os ganhos com a andiroba reconfiguram a média de renda mensal familiar a ponto de ultrapassar não somente a média geral da entressafra como também a média geral da safra, a percepção de ajuda atingiu 100% das residências visitadas. No Crispim, por sua vez, a percepção de ajuda ficou em 75%, provavelmente porque, embora o extrativismo de andiroba permita o aumento da renda familiar mensal na safra, tal aumento é desnecessário para fazer com que a renda média do lugar na própria entressafra seja superior à renda média geral na safra.

Outro fator que pode obscurecer a importância da andiroba na consciência dos extrativistas é a coincidência de sua safra com o período de abundância de sarnambi (*Phacoides pectinatus*) na região. Embora a atividade da mariscagem ocorra ao longo de todo o ano, na época em que o sarnambi abunda, a atenção dos marisqueiros se volta para esse animal, e, ou eles conseguem, com o sarnambi, manter sua taxa de obtenção de renda regular, ou conseguem experimentar aumentos expressivos de sua receita, devido à grande procura dos turistas por este fruto do mar, durante o veraneio. Assim, apesar de o Gráfico 9 ilustrar a baixa frequência com que o trabalho de catação do sarnambi consegue rivalizar com o extrativismo de andiroba no quesito formação da renda, esta imagem deve ser mais bem refletida.

Gráfico 9 – Formação da renda em um mês da safra da andiroba, para as famílias comercializadoras do óleo.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

O detalhe que não deve ser esquecido nem subestimado é a grande importância atribuída ao sarnambi como recurso alimentar de autoconsumo para as famílias envolvidas no seu extrativismo. Se a andiroba, por seu lado, não é consumida em grandes porções, podendo ser, em sua maior parte, disponibilizada para o comércio, o sarnambi é um molusco agradável ao paladar da população local, sendo consumido em grandes porções e, apenas em alguns casos, explorado de modo mais acentuado com vistas ao comércio.

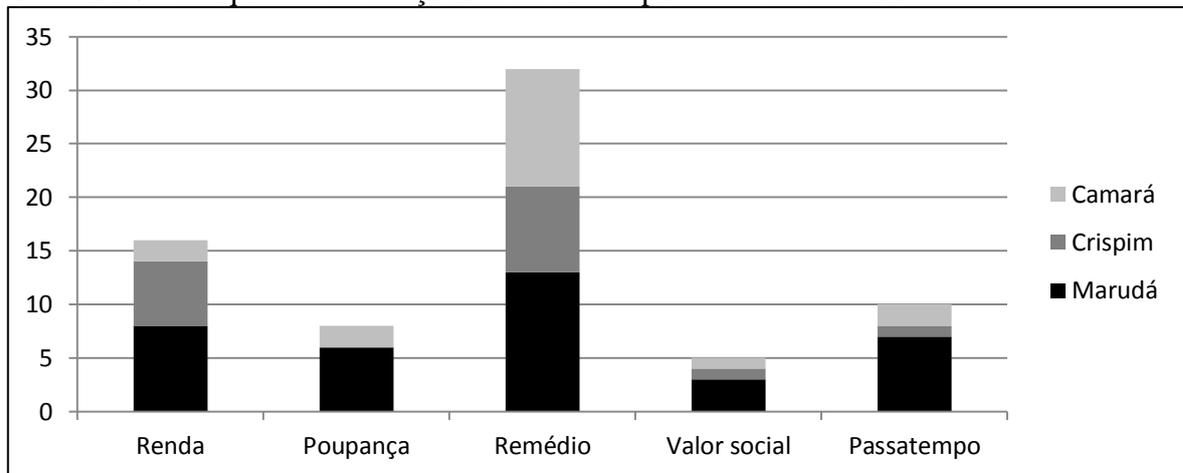
7.3 O USO DO DINHEIRO GANHO COM A ANDIROBA

Partindo-se do fato de que todas as 39 famílias pesquisadas adquirem determinada quantidade de óleo de andiroba, parte do produto é mantida para autoconsumo e para presentear parentes, vizinhos e amigos e parte é voltada para venda ou repasse de meia ou terça. Das 39 famílias, 34 vendem em torno de 9,5 litros em média, cada, por R\$ 21,66 (o litro) em Marudá e no Camará e por R\$ 27 no Crispim e em Marapanim por safra. Em relação

ao óleo mantido, deve ser em torno de 3,3 litros por família, e nenhuma família abre mão de manter para uso doméstico aquele que é considerado um produto de primeira necessidade.

A maior parte, 69%, dos entrevistados afirmou que, em suas casas, o dinheiro obtido com a venda do óleo de andiroba é útil em graus variados, enquanto 31% dos entrevistados ou não vende o óleo de andiroba ou não vê importância no montante de dinheiro adquirido com a atividade. Porém, perguntados acerca da principal utilidade do recurso, a frequência com que a palavra “remédio” foi citada representou o dobro das menções à “renda” (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Frequência de citações acerca da importância da andiroba.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Em relação ao gráfico anterior, é importante esclarecer que abriga respostas duplas, ou seja, caso algum interlocutor tenha respondido que considera a andiroba importante como renda e como remédio, ambas as menções foram registradas, e devido a isso, o total de menções computadas acima ultrapassa o número de 52 interlocutores.

Mais minúcias acerca da renda da andiroba serão destacadas posteriormente, pois é necessário esclarecer os termos “poupança”, “valor social” e “passatempo”. Quando se fala em poupança, quer-se referir à função do óleo de andiroba, de possibilitar que o dinheiro da família não seja gasto em remédios e, no caso de pouco mais de 10% da amostra, que não seja gasto em sabão. Como diz a senhora S.N.L., do Camará: *“É um remédio que minha própria família faz e usa e, desse jeito, evitamos outros gastos na farmácia, comprando remédios caros e que, à vezes, não funcionam.”*

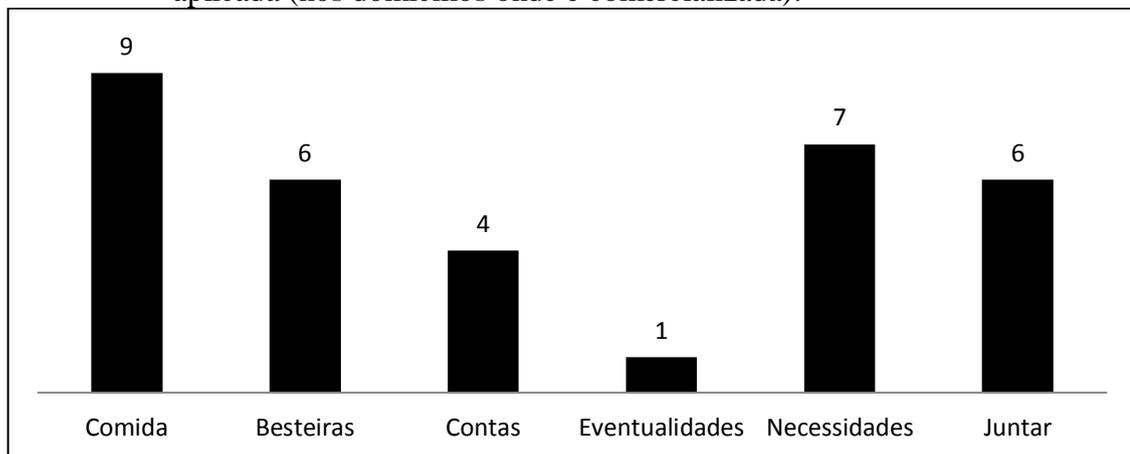
Outras pessoas apontam a importância do extrativismo de andiroba para fortalecer os laços sociais, como M.E.L.N., do Crispim, que abre mão de parte de seu óleo para repassá-lo gratuitamente a vizinhos necessitados: *“Pra mim, o mais importante é ver um amigo com uma vitória na mão.”* Em relação ao passatempo, foi mencionado por algumas pessoas, que

afirmaram encontrar prazer na realização do extrativismo de andiroba durante cada etapa, como relata J.L.S., de Marudá: *“É uma coisa que distrai muito a gente, cada etapa é muito gostosa, menos o cozimento, por que fede.”*

Novamente acerca da renda, é possível ver o modo como os valores monetários obtidos com a venda do óleo de andiroba são percebidos de maneiras diferenciadas entre as pessoas, refletindo alguns graus de apreço notáveis. Como coloca C.L.P.B., de Marudá: *“É um dinheiro que tanto faz, mas que também completa.”* Ou, como enfatiza C.M.P., de Marapanim: *“É uma quantia importante, um ganha-pão.”*

Os diferentes usos da renda obtida com a andiroba estão expressos no Gráfico 11.

Gráfico 11 – Utilidades em que a renda obtida com a venda de óleo de andiroba é aplicada (nos domicílios onde é comercializada).



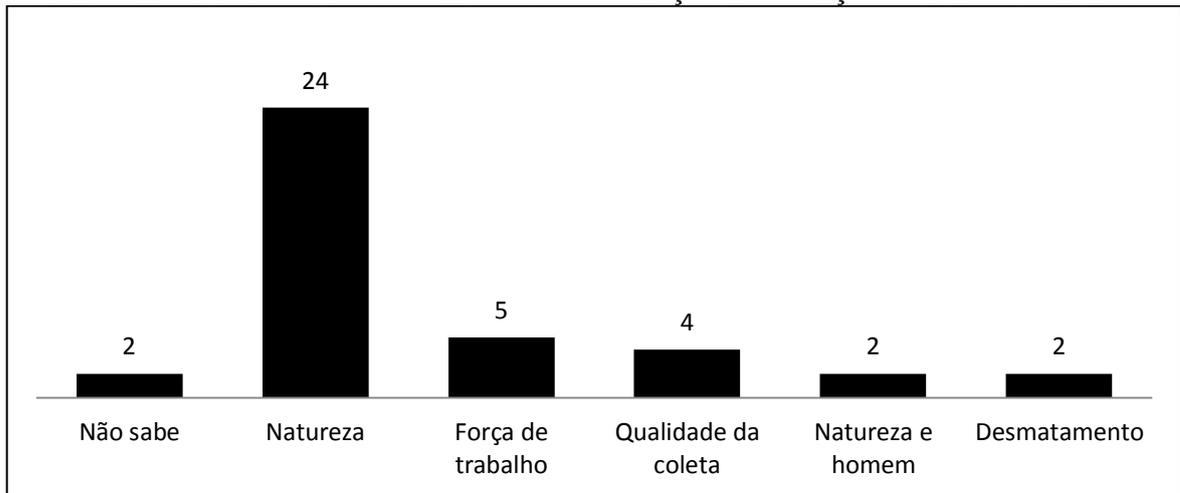
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A categoria de “necessidades”, que engloba a compra de remédios e passagens de ônibus para consultas médicas, juntamente com a categoria “comida”, representam os usos do dinheiro obtido com a venda do óleo de andiroba em 30% das casas. A compra de “besteiras” se caracterizou pela aquisição de perfumes, bijuterias e roupas de sair, sendo, a denominação da categoria, formulada pelas falas dos próprios interlocutores.

7.4 MUDANÇAS NOS PADRÕES DE COLETA E COMERCIALIZAÇÃO

De um ano para o outro, como é de se esperar, devido ao fato de serem registrados índices climáticos e pluviométricos variados, ocorre uma flutuação na produtividade de óleo de andiroba e, conseqüentemente, na obtenção de renda monetária. Perguntadas acerca do motivo para estas mudanças, as pessoas inquiridas explicitaram suas impressões, apontando, como principal razão, os fenômenos naturais relacionados à produção das sementes, à ocorrência de chuvas e ao seu transporte pela maré (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Motivos citados como causa da variação na obtenção da renda da andiroba.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Um testemunho ilustrativo é dado por M.E.L.N., do Crispim:

“A andiroba muda. Existe uma mudança. O problema é que, com o reconhecimento da importância da andiroba, o olho do pessoal cresceu demais, e a concorrência acabou prejudicando nossa produção. Hoje, por exemplo, eu e meu marido já estamos velhos, e não temos ninguém por nós, então não podemos juntar muita andiroba, que nossa coluna já começa a doer, mas quando a maré dá grande, uma ou duas vezes no ano, aparece um monte de gente que nem sabe tirar o óleo, mas que vem com carrinho de mão e tudo para levar a castanha embora.”

Com a mesma concepção, se expressa J.L.S., de Marudá:

“Eu acho que a cada ano tem menos semente, por que tem gente por aqui, até gente velha, que nunca aprendeu a tirar o óleo, mas quando me vê juntando andiroba na praia, cresce o olho e começa a juntar, também. Como eles não sabem mexer, as sementes apodrecem e a minha produção também fica menor.”

Disso, é possível depreender o grau de importância variável atribuído às sementes de andiroba do ponto de vista da formação da renda monetária familiar. A quantidade de dinheiro obtido, os usos em que o dinheiro é obtido e a percepção de variação anual da renda extra geram, por si, especulações discerníveis, assim como subsidiam outras observações e representações, abordadas no capítulo seguinte.

8 REPRESENTAÇÕES ACERCA DO EXTRATIVISMO DE ANDIROBA

Imersos em seus modos de vida particulares e operando de acordo com suas lógicas, os extrativistas de andiroba das localidades visitadas em Marapanim possuem esquemas próprios para visualizar o extrativismo de andiroba e para emitir juízos acerca da identidade extrativista. Alguns caracteres, como tempo de trabalho, nível de conhecimentos, idade, centralização de serviços e escala da produção parecem funcionar como parâmetros definidores de merecimentos e posições destacadas dentro do sistema produtivo local da andiroba.

Quanto mais tempo de realização de trabalhos relativos ao extrativismo de andiroba determinada pessoa acumular sobre suas costas, maior será a sua experiência, e ela poderá, com alguma tranquilidade, garantir que a hierarquia de credibilidade referente aos processos de extração do óleo de andiroba pese a seu favor. Isto, pois os seguidos anos nesta labuta provêm tempo para que as novas gerações recebam a devida sociabilização no trabalho e para que sejam formados laços horizontais com a vizinhança ou com outros elementos extra-familiares.

A comunicação com pessoas que não pertençam à família, inclusive, mostra ser uma rica fonte de contraposição de técnicas e inovação produtiva, que possibilita o incremento da atividade e de seu retorno financeiro. Como boa parte das etapas desse extrativismo é realizada no domicílio, e como, nos locais visitados, às mulheres é reservada a função de cuidar do espaço doméstico, torna-se clara a consequência de que figurem, com relevante centralidade nos afazeres técnicos do extrativismo de andiroba, as mulheres, especialmente idosas.

O extrativismo de andiroba ocupa não mais que dois meses anuais na vida daquelas pessoas, e, dentro da safra, raros são os dias que pedem a exclusividade dos esforços humanos no sentido de dar prosseguimento ao beneficiamento das sementes de andiroba (basicamente, os pontuais dias de longas coletas – para quem as faz – e o ritual ininterrupto de descascar as sementes), de modo que se torna relativamente fácil conciliar as atividades corriqueiras com aquelas exigências eventuais da andiroba.

Aos homens, de quem, por seus papéis sociais, não se demanda grande envolvimento com o extrativismo de andiroba, é pedido apenas que auxiliem durante a etapa de coleta de sementes nas praias, porém lhes é solicitado que se proceda à seleção das sementes de acordo com critérios tidos como eficazes em diferenciar sementes viáveis de sementes inviáveis. Com alguma variação, pode ser ainda verificada certa qualidade nas coletas realizadas, porém

o espaço geralmente reduzido preenchido pelos homens nessa atividade não permite que eles sejam tomados por profundos conhecedores da produção artesanal do óleo de andiroba.

Mesmo os homens que chegaram a aprender as técnicas de extração com suas mães ou esposas e que nos dias de hoje ainda as praticam pouco são citados por seus vizinhos como extrativistas, posto que seu gênero sexual os torne menos visíveis, mesmo dentro de seus laços de convivência cotidiana, enquanto tais. Dentro das casas de cada um, por outro lado, são dados os devidos créditos às pessoas que dominam as técnicas do extrativismo de andiroba, não importando seu sexo.

As mulheres, por sua vez, de quem mais se espera concentrar informações confiáveis sobre o extrativismo de andiroba, apresentam uma série de características que, mesmo sem justificar, ajudam a explicar esta expectativa mais comumente existente entre pessoas de fora do que entre pessoas do local. Vivenciando um cotidiano flexível, capaz de abranger temporalmente (nos breves momentos livres, entre os “servicinhos” do lar) e espacialmente (dentro das casas, onde já trabalham) as etapas e aparatos relativos ao extrativismo de andiroba, as mulheres supostamente também têm tempo para correr na casa da vizinha, para trocar uns dedos de prosa, falar da vida e dar e receber dicas facilitadoras da vida doméstica.

Esta medicina popular é articulada entre pessoas que, em face de cenários de inacessibilidade ao direito de saúde e de precário atendimento pelo sistema oficial de atenção à saúde, recorrem a arranjos locais de trocas de informações. Novamente, neste ponto, é importante salientar que, em Marapanim, o corpo de conhecimentos referente ao uso da andiroba destoa das expectativas levantadas pelo ecossistema aparente. A inesperada chegada de sementes até as praias de mar, nesse caso, se encaixa aos conhecimentos prévios de antigos imigrantes, que estenderam o domínio dos conhecimentos a vizinhos oriundos de locais onde o extrativismo de andiroba não era realizado ou não era possível. Para além das opiniões de outras pessoas, no entanto, é importante verificar até que ponto os extrativistas assim se consideram.

8.1 A QUESTÃO DA AUTODENOMINAÇÃO

Quais critérios são levantados para que eles formulem um ponto de vista acerca de sua identidade de trabalhadores do extrativismo de andiroba? Será que, também no caso dessas auto-representações, o fator ligado aos ganhos financeiros relativos à atividade influenciam no modo como os extrativistas se percebem nessa conjuntura?

Questionados sobre seu auto-reconhecimento enquanto extrativistas de andiroba, 61% dos interlocutores declararam-se como tal. Desse montante, a maioria das pessoas não informou qualquer justificativa para se classificar desse modo, dando a entender como

natural, óbvia ou inquestionável esta identidade. Um pequeno grupo de apenas seis extrativistas autodeclarados tratou de, consciente ou inconscientemente, trazer à tona suas racionalizações acerca de suas inserções sócio-produtivas referentes ao extrativismo de andiroba.

A primeira explicação encontrada para a autodeclaração se baseia na extensão do tempo ao longo do qual determinada pessoa já se dedica ao extrativismo de andiroba. Uma frase marcante desse exemplo foi ouvida durante a aplicação dos questionários; perguntada se se considerava uma extrativista de andiroba, determinada interlocutora respondeu: *“Sim. Por causa do tempo, né? Mais de 20 anos!”*.

Isso demonstra que as pessoas cujas vidas são marcadas pelo frequente envolvimento com o extrativismo de andiroba passam a contar com grande confiança em relação ao seu papel, posto que passem a dominar, cada vez com maior refinamento, as técnicas dessa atividade. Em outras palavras, sabem que sabem, pois são capazes de ter a tarefa como algo que constantemente dá bons frutos, algo que, posto à prova, mostrou-se não tratar-se de artes da sorte, mas do ofício.

Ultrapassando a percepção de si, também há argumentos baseados na percepção da percepção dos outros sobre si. Isto pode ser observado em outra resposta obtida: *“Sim. Já são muitos anos de prática, e as pessoas sabem quem sou.”*. Note-se que, na construção formulada na resposta da interlocutora, houve a colocação de dois fatos. O primeiro diz respeito aos anos de prática. O segundo, diz respeito ao reconhecimento que as pessoas têm em relação à identidade da interlocutora enquanto extrativista. Pode-se concluir, daí, que, segundo a lógica dessa pessoa, os anos de trabalho no extrativismo de andiroba fazem com que as outras pessoas a reconheçam como autoridade no assunto, o que a habilita a se identificar como tal. Nesse caso, é possível visualizar que a entrevistada claramente recorreu a uma rede de referências verificáveis, para sustentar sua posição.

Nesses dois casos apontados, vale grafar de modo mais contundente, foi possível captar um tom peculiar na articulação oral dos interlocutores, caracteristicamente interligado a uma análise pautada na eliminação de opções. Faltando que algum interlocutor realmente tivesse formulado tal sentença, fez-se necessário interpretar os discursos orais e gestuais das pessoas, e a resposta a que se chegou fez referência à construção *“Se não eu, que tanto faço, quem?”*. O significado intrínseco à construção dessa ideia se refere à crença pessoal, mais ou menos consciente, assumida pelas pessoas, acerca de uma merecida posição de destaque no quadro do extrativismo local de andiroba. Pode-se, portanto, de modo simples, dizer que interlocutores com este tipo de argumentação buscam um “nivelamento por cima”, por

fazerem uma clara e acentuada alusão à força da história, mesmo sendo a história de suas vidas.

Na ausência de muitos anos de prática no extrativismo de andiroba, no entanto, detectou-se uma forma de argumentação pautada na alegação da posse de conhecimentos relevantes, quando não cruciais, para a realização do beneficiamento das sementes de andiroba. Isto pode ser observado na seguinte resposta obtida: “*Sim, só não no nível da Natura, mas com conhecimentos exclusivos.*”. É interessante ressaltar que a interlocutora tratou de mostrar possuir conhecimentos vitais para se considerar uma extrativista, deixando claro que, apesar de ter suas limitações, ainda carrega, com ela, um diferencial.

Há, por fim, outra noção, segundo a qual a identidade do extrativista de andiroba deveria estar associada à quantidade de etapas na qual a pessoa se envolve. Segundo este esquema, se dada pessoa se interessasse por participar apenas da etapa de coleta, por exemplo, estaria menos qualificado a se autodeclarar como extrativista. Esta concepção está presente na seguinte resposta coletada: “*Sim. Eu junto e vou acompanhando o processo até o fim*”.

Este tipo de posicionamento se torna possível, nas localidades visitadas, devido à natureza das relações entre vizinhos, que são, via de regra, bastante fluidas. Por isso, aos que chegam é dada abertura para se integrar no extrativismo de andiroba, conseguindo diversas fontes de dicas sobre como se tornar um extrativista eficiente. Assim, não causou estranhamento que extrativistas relativamente recentes (com menos de dez anos de prática) se declarassem como tais com tanta veemência, posto que, tendo relatado ter recorrido a conversas instrutivas com vizinhos, tenham se tornado, em pouco tempo, capazes de dominar as técnicas das diversas etapas do processamento das sementes de andiroba.

Sem a força da história para corroborar suas argumentações, os extrativistas autodeclarados que operam segundo os dois esquemas imediatamente acima descritos buscam valer-se de uma pronunciada competência, capaz de fazer frente à produção dos extrativistas mais experimentados. Fazer frente, no entanto, não é um termo apropriado para fazer referência aos cenários de convivência mais frequentemente construídos entre os extrativistas de andiroba naquelas localidades. Pode-se dizer, por outro lado, sem receios, que os extrativistas menos experimentados não se furtam a mencionar os nomes dos mais experientes enquanto modelos a serem seguidos, portanto dignos de respeito e voz.

Porém, tanto os que possuem mais anos de trabalho no extrativismo de andiroba quanto os que possuem menos, tendo se manifestado sobre seus porquês, mostram ter alguma maior consciência em relação à sua situação social, ao laçarem-se em reflexões versadas no reconhecer-se como ser que se constrói, e não que o é apenas por ser-se. A ausência tanto da

ideia do “sou por que já fiz” quanto do “sou por saber como fazer” teoricamente retira, da versão apresentada pelos extrativistas autodeclarados que não contextualizaram sua autodeclaração, a noção da existência em um tempo, cuja trajetória abrange metamorfoses, transições e ressignificações incompatíveis com a ideia essencialista que ou bem responde sim ou bem responde não, sem mais. Isto, pois tanto os mais experimentados dizem “hoje sou, pois já vivi para tal”, quanto os menos experimentados dizem “hoje sou, pois já sei viver como tal”.

8.2 OS NÃO-EXTRATIVISTAS

Com outra opinião, há, dentre os interlocutores, pessoas que abertamente disseram não ser extrativistas de andiroba. Apesar de várias dessas pessoas praticarem tal atividade já por muitos anos, de serem apontadas por vizinhos e outros conhecidos como possuidoras dos saberes e técnicas relacionadas e de envolverem familiares e amigos em redes bem estabelecidas de fluxos de conhecimentos e até materiais relativos à andiroba, eles, conforme determinados parâmetros expostos, não se julgaram apropriadamente classificáveis como extrativistas.

Um dos argumentos utilizados para justificar a negação da autodeclaração foi a impressão, manifestada por algumas pessoas, de que alguma independência experimentada pelo domicílio em relação ao dinheiro oriundo do extrativismo de andiroba retirar-lhes-ia a legitimidade de recorrer ao reconhecimento enquanto extrativistas desse produto. Segundo esta concepção, apenas teria como legítima apelação à classificação de extrativistas aqueles que tivessem, na atividade, uma fonte vital de sobrevivência durante os meses da safra. Talvez este posicionamento decorra da duvidosa crença de que a relativamente grande quantidade de capital que algumas famílias extrativistas conseguem angariar decorra da aplicação de estratégias voltadas à maximização da produção, com vistas a garantir o alcance de metas compatíveis com sua reprodução familiar.

O que ocorre, sim, é a utilização de momentos livres e redirecionamento de umas relativamente poucas horas a cada ano, para adquirir um dinheiro com funções complementares. Como a disponibilidade de força de trabalho, a capacidade organizativa e as minúcias referentes à aplicação das técnicas mais corretas de extração do óleo de andiroba variam de família para família, certamente a produção e o lucro anuais serão também diferenciados, o que, mesmo nas famílias mais produtivas, não permite que a renda da andiroba ultrapasse sua função peculiarmente complementar na economia local. Através da comparação entre a composição da renda durante a safra e durante a entressafra, foi possível verificar que as famílias visitadas não chegam a ter, na maioria das situações, a andiroba

como uma das duas mais importantes fonte de renda, e um dos motivos para isso é sua sazonalidade.

De modo que, por mais produtiva que seja uma família no extrativismo de andiroba, tal atividade não terá meios para se tornar carro chefe da estratégia de reprodução social da família, nem mesmo poderá ser considerada essencial para o sustento do grupo. Perguntado se se considerava um extrativista de andiroba, vejamos o que disse um dos interlocutores: *“Não. Esse trabalho é só uma vez por ano e a gente consegue pouco dinheiro.”*

Em um tom mais brando, outro tipo de resposta encontrada ainda tratou da identidade extrativista em termos de uma supostamente obrigatória associação entre a extração do óleo e a obtenção de renda monetária, porém sem exigir, da atividade, a capacidade de prover suntuosos retornos financeiros. Por exemplo: *“Não sou não, por que eu não tiro nada de dinheiro. Só junto mais para meu uso, mesmo.”*

Ao expressar esta resposta, o interlocutor revelou-se haver a construção de duas imagens paralelas e consecutivas, que circunscrevem a extração do óleo e a obtenção de qualquer quantidade de renda, mesmo que mínima, ao escopo da ação de um verdadeiro extrativista de andiroba, excluindo-se, dessa classificação, quem quer que use os conhecimentos dessa atividade sem estender a atuação ao campo mercantil.

Dentro desse subgrupo que ainda trata como extrativistas quem consiga ganhar qualquer quantidade de renda do extrativismo, há aqueles que, considerando-se extrativistas, ao ver suas vendas cada vez mais achatadas, decidem empregar somente o mínimo de esforço para obter óleo de andiroba. Não fazem a extração em todos os anos e, nos anos em que fazem, não apresentam ambições maiores que o autoconsumo.

Com o rompimento voluntário do último elo que ainda sustentava seu auto-reconhecimento como extrativistas em seus próprios esquemas mentais, essas pessoas vivenciam, mais uma vez, a necessidade de decidir a partir dos critérios de penosidade do trabalho e significância do produto do trabalho. A partir desses parâmetros, e considerando as diferentes configurações familiares existentes, houve quem tenha respondido: *“Não sou, por que já tem muita gente fazendo.”*. De outra, também se ouviu: *“Não, por que nós não fazemos todos os anos.”*. Nessas respostas, ecoa a mágoa que reside na contradição existente entre a posse de conhecimentos válidos e de experiência prática na sua aplicação e a incerteza do devido retorno financeiro.

Mas há um caso em que, mesmo inseridos em grupos produtivos de processamento da semente de andiroba, algumas pessoas se mostram contrárias à sua inclusão no círculo de extrativistas declarados. No cenário nada raro em que os homens jovens coletam sementes

para suas mães, avós, tias e vizinhas, como aqueles não se envolvem com as etapas mais avançadas e finais da extração do óleo, não se sentem possuidores dos conhecimentos e das técnicas que apenas os velhos experientes têm a suposta exclusividade de domínio.

A descontinuidade da aplicação da força de trabalho faz com que os coletores exclusivos estejam amplamente propensos a perder identificação com o processo produtivo, sendo, em diferentes graus, alienados e alheios à propriedade intelectual do produto final. Quando os organizadores do processo, geralmente os idosos, assumem sua liberação em relação às etapas iniciais do extrativismo de andiroba, frequentemente relatadas como braçais, pode haver a interpretação, por parte dos jovens coletores, de que aquelas etapas são menos importantes, menores, isentas de demandas por conhecimentos apurados e técnicas refinadas. Assim, uma classe de extrativistas perde de vista sua legitimidade de reivindicar sua posição como tal.

Além de terem dificuldades em perceberem-se como extrativistas, os homens que apenas realizam a coleta também estão, frequentemente, envolvidos com a pesca, atividade que relatam preferirem, de modo que formular uma imagem bastante bem definida, segundo a qual são pescadores, e não veem motivos para renunciar a este papel, “tradicionalmente” herdado e socialmente “óbvio”.

Esta situação é expressa nos seguintes relatos:

“Eu não me considero um extrativista, é só pra suprir minha mãe que eu faço.”.

“Eu também não me considero uma extrativista, só junto por que ela [a sogra] pede.”.

Diferentemente, quando os mais idosos, geralmente responsáveis pelas etapas finais do extrativismo de andiroba, também se envolvem na etapa de coleta, deixam de ser ouvidas negações sobre o ser extrativista baseadas somente na vinculação à atividade estrita à coleta. O coletor, portanto, enxerga-se como extrativista, pois está ao lado do líder, do sábio, que o considera como par, porquanto o acompanhe durante o serviço.

Quando, porém, mesmo havendo a proximidade a extrativistas experientes, os interlocutores revelaram faltar-lhes elementos formativos para que se considerassem verdadeiros extrativistas, houve uma negação. Tais ocasiões se sucederam quando se verificou que a pessoas possuía pouco tempo de envolvimento com o extrativismo de andiroba ou

quando, mesmo possuindo o conhecimento teórico acerca de todas as etapas do processamento das sementes, não se envolvia com essas fases de maior elaboração.

Ao responder *“Não sou extrativista, sou apenas um conhecedor de médio porte.”*, o interlocutor ouvido parecia esquecer o refinamento de seus saberes, adquiridos a partir de conversas com um amigo na ocasião de sua chegada à praia do Crispim. De acordo com seu ponto de vista, a mera posse de conhecimento sobre a andiroba e seu beneficiamento não qualifica ninguém a ser chamado de extrativista. Apenas pode ser assim classificado quem literalmente ponha a mão na massa, independentemente de ganhar ou não dinheiro com a atividade.

Outra situação em que uma pessoa que acompanhe um extrativista experiente, mesmo possuindo conhecimentos sobre a andiroba e seu processamento e efetivamente colaborando nas etapas do dito processamento, não se declara como um extrativista também pode acontecer. É o caso em que, por construir-se de modo competitivo e apresentar uma disposição para o extrativismo de andiroba considerada impressionante pelos parentes e amigos próximos, o extrativista experiente finda por estabelecer um padrão muito elevado, visto mesmo como inalcançável.

Os outros extrativistas que o cercam passam a crer que, para ser um extrativista, é preciso se comportar de modo tão dedicado quanto ele. Como não conseguem acompanhar o ritmo do organizador do processo, assumem subjetivamente uma posição hierarquicamente inferior, e informam não serem, portanto, extrativistas, por não serem como fulano ou fulana. Como disse um dos interlocutores, cuja esposa extraiu 50 litros de óleo de andiroba em 2011: *“Eu não sou extrativista, por que não sou tão fanático como a <<M.J.M.P.>>”*.

Em determinada altura do trabalho de campo, também se chegou a ouvir, de uma interlocutora, um motivo bastante peculiar para não se considerar uma extrativista de andiroba. Ela se referiu ao desconhecimento da localização das árvores matrizes pelas pessoas do local, quem, segundo seu ponto de vista, também não poderiam ser classificados como extrativistas. Assim ela se posicionou acerca de uma possível classificação como extrativista: *“Acho que só se a gente catasse debaixo da árvore, não é?”*.

Esta foi uma colocação interessante, pois trouxe à tona uma angústia expressa por somente uma pessoa, porém possivelmente contida nos sistemas de questionamentos internos de outros habitantes dos lugares visitados. O descompasso entre utilizar um produto sabidamente florestal, possuir os conhecimentos necessários para realizar seu processamento e a disposição para conseguir fazer com que a atividade seja inserida coerentemente na

organização familiar do trabalho e não ser capaz de se reconhecer em referência aos esforços empregados é notável.

Como muitos moradores dos locais visitados baseiam seu sustento na utilização dos recursos naturais diretamente acessíveis à vista e às mãos, praticando a pesca e a catação de mariscos, pode parecer-lhes óbvio que merecem o título de pescadores, pois vão à natureza e, de lá, extraem bens característicos do exato lugar a que as pessoas recorreram. Com a andiroba, porém, pode parecer-lhes diferente, pois sabem que a semente proveio de uma árvore, a qual não está nem ao alcance dos olhos, nem das mãos.

Houve mesmo quem, na dúvida, disse não saber se era ou não um extrativista de andiroba, mesmo tendo-se explicado que, de modo geral, “Extrativista é aquela pessoa que retira alguma coisa da natureza, como madeira, sementes, frutos, minerais e até animais, como peixes e caça, em vez de plantar essas mesmas plantas ou criar esses mesmos animais e que pode utilizar esses materiais das mais diversas formas, como alimento, remédio, produto de processamento ou venda.”.

Por essas coisas, é válido, neste ponto, informar que 25% dos interlocutores declararam jamais ter visto uma árvore de andiroba, e dos 75% que já viram, uma quantidade significativa viu apenas durante a infância, geralmente distante, o que pode facilitar a percepção de que dúvidas estão em jogo, e que responder a uma simples pergunta pode envolver reflexões complexas e dispendiosas em termos da capacidade de relativização e até abstração. Com a distância assumida por alguns extrativistas que assim não conseguem se ver, surgem novas categorias subjetivas para preencher a função da coleta e uso da andiroba, ora não visto como extrativismo. As seguintes colocações são interessantes: “*Não, é só uma forma de ocupar meu tempo livre e é um exercício da prática da dedicação.*” e “*Não, é tudo pelo prazer.*”. Estas respostas com as quais se buscou atribuir uma natureza terapêutica, contemplativa, à atividade, retirando-lhe o peso com o qual as pessoas não desejavam associá-la.

E foram essas as razões apontadas por 39% dos interlocutores para que não pudessem se considerar como extrativistas de andiroba. Reconhecendo a coerência interna a cada sistema de pensamento, é necessário que as formulações de cada pessoa ouvida sejam respeitadas. Infelizmente, quando não ocorre a devida conscientização sobre a plasticidade que devem conter os juízos acerca da legitimidade de assumir identidades sociais e biossociais, ficam em risco os direitos e a visibilidade dos sujeitos ao julgamento da opinião pública.

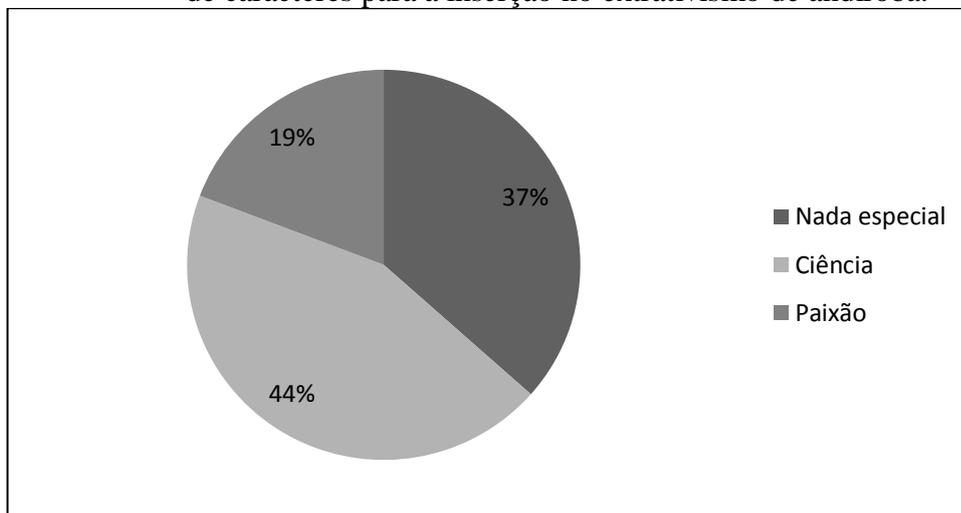
Ao passo que extrativistas de andiroba deixam de se ver como extrativistas e deixam de construir-se e identificar-se como tal, não têm sua imagem associada ao extrativismo. Esta negação é reforçada pelo senso comum, que não permite que moradores de praias sejam classificados como extrativistas de andiroba, devido a supostas desconexões materiais. Por fim, o desconhecimento das pessoas em geral confirma as suspeitas dos extrativistas em particular, que aceitam sua autoimposta falta de identidade, então vista como natural.

8.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS VERTIDAS EM MITOS

Outro item que deve ser considerado quando falamos de representações relacionadas à identidade de extrativista de andiroba, que está intimamente ligado aos critérios acima mencionados, é a crença ou descrença naquilo que, nas localidades visitadas, convencionou-se chamar, pelos próprios interlocutores, de mitos. Esses mitos se referem a tabus que especificam procedimentos e escolhas de inclusão ou exclusão de possibilidades no processo que compreende o extrativismo de andiroba como um todo.

Os interlocutores desta pesquisa, ao serem inquiridos acerca de suas crenças nos ditos mitos assumiram posições polarizadas, ou bem tomando como reais e de observância essencial os preceitos amplamente difundidos nas localidades, ou bem descartando tais crenças e relegando-as ao descrédito. Como pode ser verificado no Gráfico 13, a maior parte das pessoas ouvidas, embora menos da metade, considera o conhecimento e prática da “ciência oculta” dos mitos fundamental para que o extrativismo de andiroba transcorra de modo eficiente, gerando um produto de qualidade e possibilitando, inclusive, sucesso comercial.

Gráfico 13 – Respostas dos interlocutores quando questionados acerca da posse de caracteres para a inserção no extrativismo de andiroba.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Por outro lado, uma parcela expressiva de entrevistados se colocou de modo diferente, afirmando não haver nenhum tipo de ciência, mito ou tabu subjacente ao extrativismo de andiroba. Para estas pessoas, uma série de outros fatores pode determinar a capacidade de dado sujeito se inserir neste serviço, sem que deva apropriar-se de conhecimentos que excedam os saberes técnicos do trabalho.

Um terceiro tipo de resposta também foi representativo. Para alguns interlocutores, para que uma pessoa consiga se inserir de modo satisfatório no extrativismo de andiroba, é preciso que ela tenha paixão por este trabalho. Por paixão, é possível resgatar o sentido de dedicação, de perseverança, que possibilita ao extrativista de andiroba o contínuo emprego de sua força física e disponibilização de seu tempo para realizar um trabalho que requer atenção constante, desprendimento material e paciência.

Quanto às pessoas que afirmam ser necessária a atenção aos tabus do extrativismo, parece importante demonstrar alguns pontos de sua lógica. Dentre as várias crenças compartilhadas por esse grupo de pessoas, uma das mais citadas se refere à restrição de certas etapas do beneficiamento das sementes de andiroba ao espaço doméstico. Estas etapas geralmente são as últimas, em que o produto do trabalho efetivamente começa a aparecer, acumulando-se, em forma de óleo, nas vasilhas próprias para seu armazenamento.

Devido à busca pela privacidade neste momento tão delicado de autossatisfação pela longa jornada trilhada, diz-se que: *“O olho de algumas pessoas é infernal para a andiroba”*. Pois: *“Nem todos podem ver, por exemplo, pessoas com olho de seca pimenteira”*. Nestes casos, algumas pessoas chegam a se valer de procedimentos especiais de defesa: *“Ixi, eu até machuco com galho de pimenta, para proteger de mau olhado.”*

Mas, além do olhar alheio sobre o duplamente valioso produto do extrativismo de andiroba, o olhar do próprio extrativista deve ser parcimonioso em relação ao óleo que ora escorre da massa continuamente manipulada. Os extrativistas menos experientes, por não terem, ainda, autoconfiança suficiente na aplicação das técnicas de extração do óleo, recorrem ao expediente do acompanhamento de cada momento do escorrimento do óleo, mesmo quando sua presença, observação e atenção a este serviço não sejam de qualquer modo necessárias. Fazem isto para, inconscientemente, certificar-se de que todo o esforço empregado naquele serviço produzirá frutos.

Historicamente, porém, foi desenhado um padrão comportamental e outro explicativo, associados, uma vez que, o extrativista menos experimentado, não tendo certeza de sua capacidade, acompanha muito mais de perto o escorrimento do óleo, para começar a acreditar na viabilidade daquele serviço e no seu próprio dom de extrativista. Por ser ainda

inexperiente, não alcança resultados tão satisfatórios como aqueles obtidos pelas maiores referências locais no extrativismo. Quando mais experientes e seguros de sua eficiência enquanto extrativistas, deixam de lado a disponibilização de atenções desnecessárias ao óleo que escorre por si na maior parte do tempo, passando a ficar menos tempo efetivamente vendo o óleo de andiroba escorrer. Por isso, ouviu-se mais de uma vez: *“Se a pessoa ficar olhando muito, o óleo não sai”*.

A questão relativa ao olhar alheio está amplamente relacionada à concepção de que este pode ser um veículo de materialização de sentimentos como a inveja, que motivaria certo tipo de pessoa a mirar nos extrativistas mais produtivos a frustração por não atingir volumes tão representativos de óleo de andiroba, apesar de toda a ganância possivelmente empregada neste serviço. Desta forma, o ato de olhar assume um valor simbólico que busca, antes de realmente explicar um fenômeno natural, alertar as famílias para que mantenham distância de determinadas pessoas, que nutrem sentimentos destrutivos em relação aos membros da comunidade.

Para evitar agruras irremediáveis, alguns extrativistas tomam medidas extremadas para garantir que sua produção não seja afetada por vizinhos, conhecidos ou mesmo parentes cujas presenças e/ou intenções ocultas sejam pouco ou nada auspiciosas. Há quem somente realize a extração do óleo em quartos cuja função é exclusivamente servir como ponto desta atividade. O acesso a estes compartimentos é restrito a quem caiba amassar o bolo de andiroba, e proibido a quaisquer outras pessoas. As visitas à casa do amassador chegam a ser terminantemente proibidas durante a época de amassamento da andiroba, pois, segundo o sistema de crenças de alguns, o barulho faz a massa secar, inviabilizando a produção do óleo.

Dentro da mesma família, inclusive, as etapas do extrativismo de andiroba podem ser distribuídas de acordo com o caráter associado a cada pessoa. Quando é dito que *“Qualquer pessoa pode trabalhar com a andiroba, mas nem todos podem olhar.”*, demonstra-se que alguns até podem ajudar na coleta ou na etapa do descascamento, mas são impedidos de amassar o bolo da andiroba e acompanhar o escorrimento do óleo.

Muitas vezes, para não dizer claramente que há desconfianças acerca do caráter dos membros da família, fugindo de julgamentos socialmente condenáveis, os interlocutores informaram simplesmente que *“Tem gente que tira mais, tem gente que tira menos.”*

Em outros casos, porém, foi observada uma genuína crença em que a distribuição das tarefas ao longo das etapas do processamento da andiroba não se relacionaria efetivamente ao caráter dos membros da família, posto que, por serem da mesma família, não alimentariam sentimentos negativos para sua própria casa. Nesse quadro, atributos mais impessoais são

adotados, e há quem diga que *“Não depende só da pessoa em si, e sim da semente, apesar de que também dá problema quando tem ganância.”*

Como outra simbologia que não está muito abertamente associada a virtudes determinadas, está a capacidade das mãos de algumas pessoas em realizar um trabalho mais competente e eficaz na extração do óleo de andiroba, que a média empiricamente verificada nas localidades visitadas. Não se chegou a poder definir quais qualidades possuem aquelas pessoas “com mão boa” para amassar o bolo de andiroba, posto que se acredite que:

“Nem toda pessoa tem a habilidade para amassar a andiroba. Algumas pessoas não têm mão e não conseguem extrair muito óleo da massa, pois é algo com o que a pessoa nasce ou não.”

“Nem todas as pessoas podem com a andiroba. Pra alguns, ela não sai, é como se fosse um dom.”

De acordo com esse ponto de vista, ser um amassador competente ou não está muito mais próximo de ser algo intrínseco que um status adquirido pelo comportamento mais ou menos sociável, embora pareça claro que as pessoas “de olho ruim” dificilmente terão “mão boa”. Não ser visto como invejoso, porém, também não garante que a pessoa será considerada uma boa amassadora. Ser bem visto pela comunidade ou pela família não exime quem quer que seja de ser considerado como um amassador pouco competente. Isto pode ser verificado nesta fala:

“O óleo não sai para algumas pessoas. Tem que ter mão. Minhas filhas, por exemplo, por mais que eu tenha tentado ensinar para elas, elas não tem a mão tão boa quanto dos meus genros.”

É justamente o quesito subjetivo da predestinação que destina alguns poucos escolhidos a serem respeitados por sua minúcia nas etapas finais da extração do óleo que dá ao extrativismo de andiroba um toque peculiar. Diferentemente do que é defendido em algumas literaturas, segundo as quais as mulheres são associadas ao conhecimento mais apurado acerca do extrativismo de andiroba, sendo praticamente organizadoras solitárias deste processo produtivo, no campo de pesquisa a realidade observada diferiu destes registros.

Alguns homens, mesmo não encabeçando as decisões referentes ao extrativismo de andiroba, apareceram como figuras recebedoras de extrema estima nos círculos relacionais da

atividade, por serem considerados competentíssimos amassadores, capazes de obter quantidades expressivas de óleo, muito além de algumas mulheres que, por mais insistentes que fossem em suas tentativas, não conseguiam deixar de ser vistas como ineptas.

A dificuldade em conseguir estabelecer um nível produtivo satisfatório de óleo de andiroba é tão notável, aliás, que outras explicações são formuladas para as diferentes ocorrências do cotidiano dos extrativistas. Em relação especificamente às mulheres, ouviram-se opiniões do tipo:

“Tem gente que não tem mão. Pode até juntar, mas não sai uma gota de óleo. Para as [mulheres] menstruadas, pode até sair o óleo, mas é um óleo fedido.”

Percebe-se, aí, a ideia de que, durante os períodos menstruais, por mais que seja regularmente considerada como uma boa amassadora, a mulher perde seu dom, gerando, caso insista em proceder ao amassamento do bolo da andiroba, um decaimento de sua produção.

Alguns, mais radicais, chegam a descrer em qualquer outro tipo de mito, apenas para enfatizar a fragilidade produtiva da mulher menstruada: *“Qualquer um pode trabalhar com a andiroba, menos se for mulher e estiver menstruada.”*

Talvez, porém, esta colocação seja, sim, menos radical que as outras, pois o interlocutor desqualifica qualquer tipo de crença que, simbolicamente, esconda as reais categorias classificatórias e analíticas segundo as quais operem os esquemas interpretativos dos extrativistas crentes na ciência oculta da andiroba. A ênfase, para este entrevistado, passa a ser nas mudanças experimentadas pela mulher durante seus períodos.

A fisiologia, como disciplina biológica bem estabelecida na ciência ocidental, é clara ao descrever as mudanças por que passam as mulheres alguns dias antes da menstruação. São mudanças não apenas em seu corpo, mas, em alguns casos, preponderantemente em seu comportamento, que passa a ser irritadiço, inconstante e menos delicado e paciente que aquele verificado quando a mulher goza de seus humores habituais. Tais discontinuidades periodicamente instaladas são bastante acentuadas em algumas pessoas, que passam a tratar suas ocupações de modo diferente daquilo que lhes é normal.

O processamento das sementes de andiroba em suas etapas finais, requerendo grande dedicação, atenção, paciência e minúcia, pode ser afetado pela mudança de humores feminina, e a produtividade da atividade pode ser abalada. Esta cadeia de causas e efeitos, embora certamente abrigue desdobramentos mais complexos, ajuda a entender o porquê é possível

haver quem desacredite dos mitos em geral, porém corrobore com opiniões que apontam mulheres menstruadas como arruinadoras potenciais do extrativismo de andiroba.

Enfrentando uma série de pré-noções que podam a atuação de alguns segmentos familiares em determinadas etapas do extrativismo de andiroba, tais extrativistas são moldados em papéis característicos dentro dos circuitos produtivos. Aqueles que ocupam posições de destaque no processamento final das sementes e/ou na organização da produção e dos processos decisórios refinam sua prática, conscientes de sua centralidade e confortáveis com seu status de sabedores colocados em estratos superiores de importância local, mesmo que esta consciência apresente níveis amplamente variáveis de clareza (mas não de aceitação, em casos de grande clareza).

Quando se ouve a constatação de que *“Esse serviço é para poucas pessoas. Só os mais velhos podem tirar o óleo, por que eles têm os conhecimentos e os macetes.”*, percebe-se a conversão de um *status* socialmente construído e historicamente reconstruído, portanto cultural, em uma simbologia mitificada que atribui a algumas das pessoas mais velhas o domínio não apenas daquilo que está acessível a qualquer um (“meros” conhecimentos técnicos), mas também do conteúdo não muito bem definível, identificado com seu traquejo na lida com questões que requeiram expertise.

Na impossibilidade de definir com exatidão o algo a mais que habilita alguns poucos “escolhidos” a assim se compreenderem e serem compreendidos, são delineadas descrições poucos precisas, porém dignas de nota, que buscam se remeter a características da própria andiroba. Esta tentativa de personificação parece figurar como o deslocamento da responsabilidade de definir quem amassa bem a andiroba e quem não o faz, partindo da formulação coletiva dos trabalhadores locais, e sendo substituída em direção a uma determinação mais naturalizada da escolha, desenhada a partir de forças da natureza.

Assim:

“Não é todo mundo que pode trabalhar com a andiroba, tem que conhecer o segredo. Pra algumas pessoas, não sai. Pessoas do olho doído e mulheres menstruadas não podem. E também não pode ter muita gente vendo.”

Esta colocação guarda a crença em que existe um segredo, e esta mensagem misteriosa, desconhecida, pode ser completamente acessada por apenas algumas pessoas, mas o que determina quem são essas pessoas não é a coletividade social, e sim as próprias

características pessoais dos escolhidos, quando se compatibilizam com as demandas apenas relativamente cognoscíveis da misteriosa semente. A decodificação, portanto, nasce do alinhamento entre as características naturais da espécie e as características naturais de dado extrativista, não tendo, nesta concepção, menção a nenhuma noção de construção social ou possibilidade de repasse da decodificação, vista como totalmente inteligível a poucos e parcialmente transmissível aos demais, conquanto mantenham seus humores equilibrados.

Também:

“Nem todos podem trabalhar com a andiroba: tem que ter a técnica e tem que ter mão boa. Tem gente pra quem o óleo não sai, por que a andiroba é muito melindrosa.”.

E:

“A andiroba é mufina. Pra algumas pessoas, ela não sai. Se ficar olhando ou se estiver menstruada, pode esquecer.”.

Estas são opiniões que associam conjuntos de crenças a características conscientemente delimitadas pelos interlocutores. Quando vista como melindrosa e mufina, a andiroba passa a poder ser personificada como uma entidade cujos humores são facilmente abalados, devendo ser amansada por pessoas caprichosas, capazes de abrandar sua voluntariosidade. Como nem todos apresentam a sensibilidade necessária para aprender com as demandas minuciosas desse serviço, pode, aí, residir a chave para que se compreenda as simbologias que residem na constituição dos mitos locais a respeito do extrativismo de andiroba.

Apenas quando personificada, entendida a partir de seus entendedores como entidade capaz de entender e entender-se, julgando o mérito de seus próprios codificadores, a andiroba permite que determinados extrativistas se sintam confiantes em trabalhar com ela, respeitando seu ser, em uma relação autêntica de troca, em que, se por uma via, o extrativista emprega real esmero, dedicação e paciência, harmonicamente, consegue obter resultados favoráveis a partir de seu esforço concreto. Sem o aparato linguístico para traduzir sua experiência cognitiva de autoconstituição, o extrativista bem afamado como portador da ciência e dos macetes incorpora essas simbologias, tomando como explicações verdadeiras os mitos que suavizam as sólidas construções sociais.

Levando-se em consideração o fator religioso, percebe-se que ele não é automaticamente relacionável com a crença ou a descrença nos conhecimentos míticos do extrativismo. Para uma interlocutora do Camará, pareceu bastante claro que aqueles mitos eram vazios de significado, pois, por ser seguidora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, ela declarou acreditar “no poder de Deus e no trabalho dos homens”. Por outro lado, nenhum dos demais interlocutores se disse ausente das religiões cristãs, mesmo os que endossaram a crença nos mitos, o que demonstra a observação já mais do que estabelecida no forte sincretismo presente nos sistemas de fé praticados no Brasil.

De modo intermediário, porém, foram encontrados alguns relatos versados na importância da racionalização do conceito de dom, o qual deveria ser apurado através do conhecimento e refinamento das técnicas relacionadas ao processamento das sementes de andiroba. Devido a este pensamento, torna-se bastante compreensível por que o círculo de extrativistas bem referenciados não se constitui em grupo hermeticamente fechado, muito pelo contrário, aceitando, através de mecanismos próprios de reconhecimento social comunitário, a passagem, até de pessoas novas, ao status de possuidores de conhecimentos consistentes e válidos acerca do extrativismo ora tratado.

8.4 NOÇÃO DE SUCESSO NO TRABALHO COM A ANDIROBA

No outro extremo, há quem simplesmente não acredite nos mitos levantados até então. Parte dos descrentes baseia sua descrença no modo como ocorreu sua socialização neste serviço, que não contou com elementos de mitificação do trabalho, tanto no nível organizacional quanto propriamente no nível operacional. Não tendo sido instruídos ou encucados a observar e acreditar naqueles princípios anteriormente narrados, os extrativistas então em formação não puderam optar por absorver tais aspectos de crença. Nestes casos, houve ênfase, durante o processo formativo, no fazer manual, não no espiritual.

Mesmo as pessoas que foram sociabilizadas dentro de sistemas de educação familiar que prezavam a observação dos mitos podem ter decidido não reproduzir, na sua práxis, o crédito a explicações alheias ao corpo de atuação técnica do extrativismo de andiroba. Tendo sido efetivamente verificado, tal caso ilustra claramente a natureza apenas relativamente determinística dos métodos de inserção das gerações mais novas nos sistemas produtivos familiares locais.

Exemplos interessantes da ênfase nas técnicas puderam ser vistos durante determinados relatos, em que alguns interlocutores informaram acreditar que a peculiaridade que poderia tornar alguém melhor extrativista que os demais residia na perícia com que realizava determinadas etapas do extrativismo. Houve quem dissesse ser necessário possuir

uma boa capacidade de observação, para conseguir diferenciar sementes inviáveis logo na coleta, descartando-as, evitando assim carregar peso sem valor e ocupar inutilmente o espaço que poderia ser ocupado por uma semente mais viável. Obviamente, uma boa capacidade de observação garante coletas com maior qualidade, com menor desperdício de energia humana e potencial para obter mais volume de bolo de andiroba a ser amassado, podendo adquirir, portanto, mais óleo.

Em relação às demandas para se tornar um extrativista de andiroba, uma fala emblemática foi assim proferida: *“Quem tem cabeça aprende.”*. Essa sentença destaca o julgamento tecnicista que atribui a capacidade de inserção nos quadros do extrativismo apenas aos caracteres cognitivos do sujeito, imprimindo uma noção altamente racionalista à prática do processamento da andiroba. A capacidade de entender as instruções sobre as etapas do extrativismo seria, dessa forma, suficiente para se tornar um bom extrativista.

Mas se houve intencionalidade familiar em não assumir como reais as crenças relativas aos mitos ou intencionalidade individual em realizar a ruptura com as crenças familiares nas explicações extranaturais, a falta de ênfase espiritual não acarreta supremacia única da ênfase nas técnicas. A ênfase pode também recair nos sentimentos despertados pelo extrativismo de andiroba, tendo como base uma autoimagem moldada em termos da valorização do trabalho e do esforço, pretendidamente associada à concepção coletiva da função moralizante do trabalho.

O trabalho, sendo visto, em níveis relativamente constantes de consciência pelos interlocutores, como o instrumento através do qual as pessoas se tornam dignas de alcançar a reprodução biológica individual e a reprodução social das unidades produtivas das quais são membras, atinge um caráter significativo nas representações que os extrativistas fazem de si enquanto trabalhadores dedicados. Veem, portanto, o vigor para o trabalho como requisito fundamental para o envolvimento com o extrativismo de andiroba, e, com isso, querem dizer que, por já se encontrarem intimamente pertencentes a esse universo de ocupação, são, desse modo, pessoas trabalhadoras e, assim, corretas.

Quando relatam ser preciso possuir “coragem” para trabalhar com o extrativismo de andiroba, antes de querer enfatizar a sabida penosidade relativa à extração do óleo, pretendem se mostrar como pessoas de fibra, como lutadores persistentes, por submeterem-se, ano após ano, a um trabalho demorado, minucioso e, apesar de tudo, com produção, em alguns anos, bastante incerta. Descartam, sem concessões, a participação de pessoas que não se disponibilizem a abrir mão de sua comodidade, pois as etapas de processamento das sementes de andiroba exigem comprometimento e senso de objetivo, o qual guia os extrativistas à

conclusão de cada fase e prosseguimento à fase seguinte, levando o tempo e empenhando a força que forem necessários.

A percepção da disponibilidade, que se quer enxergar naqueles que se propõem a integrarem-se nos círculos de extrativistas de andiroba, então, deixa de compreender apenas a demanda por disponibilidade de tempo ou de energia, mas abrange, também, a demanda por disponibilidade emocional do candidato, de pretender identificar-se com o ideal da moralidade trabalhista dos colegas extrativistas. Esta vontade de aprender não é bem vista quando se baseia apenas na vontade de gerar renda monetária para si através da atividade, pois deve ser respaldada pelo senso de dedicação que possibilita a disponibilização de um recurso trazido por forças da natureza para o uso por pessoas, sendo tal conversão de materiais vista como prática de assistência à saúde, e, portanto, à vida, devido às propriedades medicinais do óleo de andiroba.

O senso de responsabilidade e a consciência construída de que o papel desempenhado pelos extrativistas não é o de aquecer a economia, embora a obtenção de renda a partir da atividade não seja de modo algum condenada, mas de prestar assistência à saúde das pessoas através de um sistema de disponibilização de recursos naturais e de outro sistema de saberes tradicionais cultural e historicamente construídos e familiarmente repassados e reconstruídos possibilita o delineamento de algumas características-chave para a realização do trabalho extrativista de qualidade, ao menos para aqueles que não acreditam nos mitos. A paciência, a dedicação e o desprendimento são as características principais.

A paciência para ser extrativista de andiroba é mobilizada para dialogar com a demora na obtenção do produto final da atividade para quase todas as famílias, o óleo. Desde a etapa de coleta, que pode ser caracterizada por incursões de até seis horas de duração, passando pela quebra das sementes e descascamento da amêndoa, que pode levar até uma semana, e considerando também a fase de amassamento do bolo de andiroba, que jamais dura menos que uma semana e pode levar até a um mês, com cerca de três amassamentos diários de mais ou menos meia hora, a espera parece longa demais.

Essas etapas, embora possam parecer enfadonhas, não podem ser assim consideradas pelos extrativistas, caso contrário, poderiam facilmente perder seu interesse. Para ajudar a fortalecer sua motivação, recorrem à moralidade do trabalho, e se incumbem de praticar cada ato relacionado ao extrativismo com a máxima dedicação possível. Esta dedicação se configura por verdadeira admiração pela realização do extrativismo de andiroba, que, mesmo não acreditando em mitos ou segredos obscuros, reconhece a necessidade de que o trabalho

seja feito com atenção, boa vontade e tanto prazer quanto for possível. Isto pode ser percebido em:

“Eu prefiro pescar, mas também gosto de trabalhar com a andiroba. Do jeito que cansa, se não gostar, não faz.”.

Caso fosse realizado apenas mecanicamente, sem laços emocionais, visto meramente como trabalho penoso e sacrificante que, além de tudo, dificilmente gera retorno financeiro vultoso, o extrativismo de andiroba estaria seriamente ameaçado de perder seus engajados trabalhadores. Mas, por serem engajados, esses extrativistas se identificam com a espécie com a qual já mantém uma longa relação produtiva e emocional, retirando, dessa relação, não apenas remédio e alguma renda, mas também, em algum nível, parte de sua própria identidade.

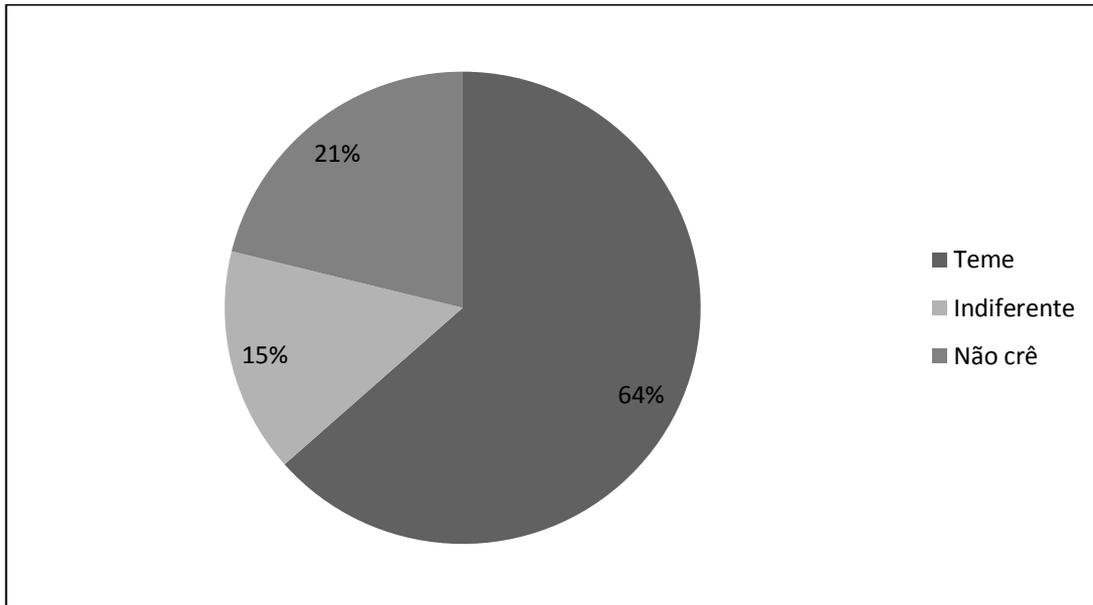
Esse desprendimento em dedicar tanto tempo na execução de tarefas relacionadas ao extrativismo de andiroba implica na ocupação de um tempo que poderia estar sendo utilizado na realização de atividades mais lucrativas e menos sacrificosas. Formulando uma percepção de mundo diferenciada das lógicas vigentes nos grandes centros urbanos, os interlocutores de Marapanim consideram absurdas as sugestões de que se dediquem a outras atividades que, por suas exigências, impeçam a continuação do processamento da andiroba, pois o óleo da sua semente é considerado como produto de primeira necessidade no local.

8.5 A PERCEPÇÃO DE FRAGILIDADE DO SERVIÇO COM A ANDIROBA

Por esta disponibilidade da andiroba, surgida da sua imensa demanda ser restrita a pequenas doses para autoconsumo, são emitidas declarações que demonstram temor em relação ao fim da chegada deste recurso natural. Dos 52 extrativistas individualmente entrevistados, 64% disseram ter medo de que a andiroba algum dia faltasse e que fossem obrigados a parar de extrair o óleo. Opostamente, 15% dos entrevistados declararam não se importar se isso viesse a acontecer, enquanto 21% informou não acreditar que isso algum dia aconteça (Gráfico 14).

Não devemos considerar, porém, que as respostas dadas sejam tão diretas quanto podem fazer crer as simplificações requeridas por gráficos sintéticos. Seria mais coerente eleger uma dupla de critérios axiais, a partir dos quais se tornasse mais clara a visualização das opiniões expressas pelos extrativistas, levando em conta a correta dimensão dos relatos e seus fundamentos existenciais subjacentes.

Gráfico 14 – Opiniões dos extrativistas sobre o suposto fim da chegada de andiroba nas localidades visitadas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

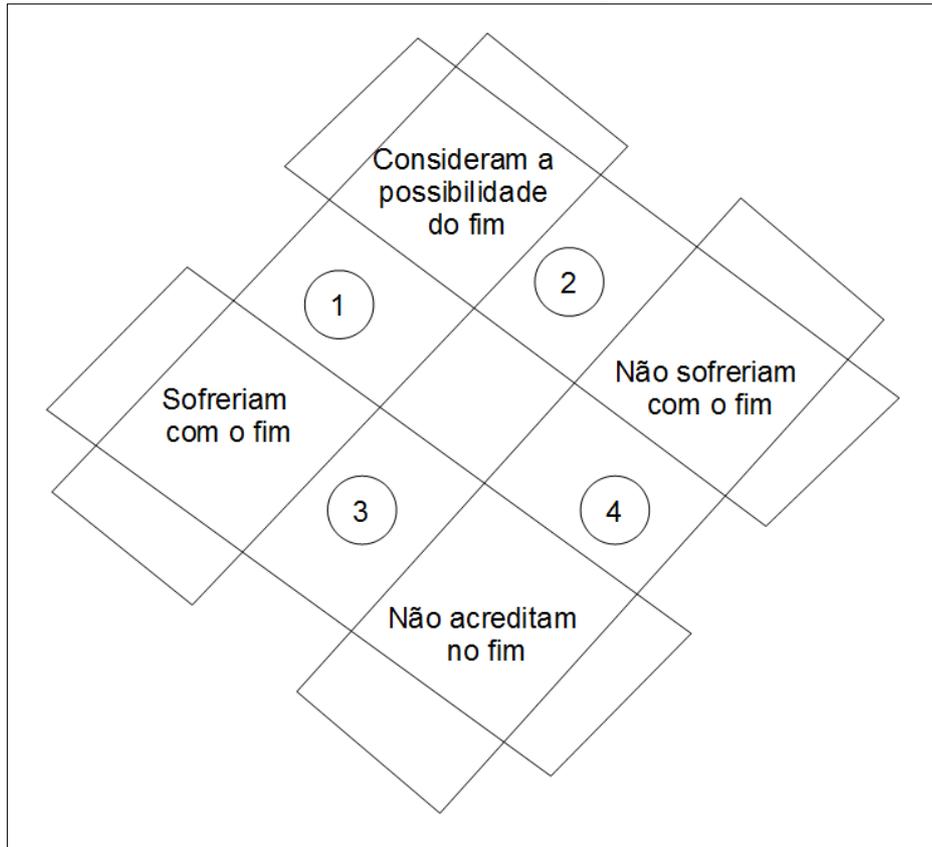
Já é um pressuposto da pergunta feita aos extrativistas buscar uma análise cruzada entre duas percepções complementares. Os questionamentos “Você tem alguma preocupação com o fim das sementes na praia? Tem medo que acabem?” sinalizam, em um primeiro momento, a dúvida que o entrevistado pode ou não ter acerca da plausibilidade do fim das sementes de andiroba na praia. Oculto nesta pergunta, porém, está o questionamento acerca do modo como o extrativista se sentiria emocionalmente afetado caso este acontecimento viesse a se estabelecer.

O primeiro critério norteador desta análise, portanto, é simplesmente a crença ou descrença em que as sementes de andiroba algum dia se tornem escassas ou simplesmente inexistentes nas praias das localidades visitadas. O segundo critério, subentendido na questão, é a repercussão deste evento no sistema de emoções do extrativista. Esta análise é interessante por permitir que ambos os critérios sejam cruzados entre si, gerando um entendimento mais amplo das opiniões expressas. Dessa forma, é possível agrupar as respostas dadas pelos extrativistas em quatro grupos maiores, com grande peso significativo e classificatório, de acordo com o Esquema 13.

O primeiro grupo de respostas se caracteriza por acreditar, em diferentes graus, na possibilidade de que as sementes deixem de estar disponíveis aos extrativistas, o que afeta estas pessoas de modo direto, provocando a declamação de lamentações e alegação de perdas irreparáveis. Algumas pessoas, apreensivas com a mera suposição de que possam ser

obrigadas a abrir mão de uma atividade tão importante, informam já detectar sinais de que a andiroba está se tornando cada vez mais escassa naquelas localidades. Baseiam-se em comparações feitas a partir da contagem da quantidade de sacas coletadas por ano e concluem que, nos últimos anos, vêm experimentando uma queda neste quesito.

Esquema 13 – Esquema de análise cruzada referente à crença dos extrativistas no fim das sementes de andiroba nas localidades habitadas e suas repercussões emocionais.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Uma das razões mais citadas para justificar a redução da quantidade de sementes de andiroba que chegam às praias de Marapanim é o desmatamento nas áreas de produção das sementes, onde estão localizadas as árvores de andiroba. Há quem relate que esteja sendo construída uma cerca nas áreas produtoras de sementes, para impedir que as sementes sigam seu curso através das águas, garantindo às pessoas e populações residentes nas áreas produtoras a exclusividade no uso das sementes produzidas. Em ambos os casos, é notável a angústia oriunda da natureza peculiar deste extrativismo, em que os extrativistas não têm acesso à fonte de seu produto de interesse. Nesta situação, surgem suposições, repetidas por muitas pessoas, e, ao mesmo tempo, anônimas, uma vez que não há quem saiba dizer de onde nasceram tais ideias especulativas.

Outras pessoas, porém, atribuem a acontecimentos locais a diminuição da quantidade de sementes de andiroba disponíveis na faixa de areia. Sem fazer menção a causas distantes, se referem à ganância das pessoas, que se comportam sem cuidado e desequilibram as relações bem estabelecidas entre famílias tradicionalmente extrativistas e o produto de seu extrativismo. Assim foi declarada uma resposta deste tipo:

“Está diminuindo a quantidade [de sementes], por que o valor aumentou, e tem muita gente juntando. Tem até pessoas misturando com banha de galinha, para render e ganhar mais dinheiro.”.

Em todas essas facetas desse primeiro caso, é perceptível a sensação de impotência que permeia o discurso dos extrativistas, que chegam a dizer que *“Talvez acabe. Antes dava mais. É uma pena, mas e aí?”*. Isso demonstra como essas pessoas se sentem incapazes de tomar alguma atitude a respeito de uma situação que começa a se desenhar como problema. Não pensam que podem fazer algo por que as sementes de andiroba que chegam à praia não possuem dono conhecido, sendo um recurso que pode ser utilizado por qualquer um que se interesse.

Se nas áreas de produção de sementes houver mesmo algum dono, este pode achar mais interessante derrubar as árvores de andiroba para utilizar a terra para outro serviço, ou pode, de fato, tentar reter as sementes para seu uso exclusivo, como sugerido por alguns interlocutores, no entanto, enquanto nada disso for feito, sementes de andiroba continuarão chegando e aos extrativistas tradicionais não será garantida qualquer exclusividade de acesso às sementes de andiroba. Enquanto isso, os extrativistas nada fazem para descobrir a origem de produção das sementes, assim como não relatam nenhum pedido para que alguém os faça, inclusive aos pesquisadores que por ali andam. Preferem, talvez, não saber e manter as esperanças, manter seu ritmo.

Nesse contexto, foram feitas previsões sobre as prováveis consequências que seriam enfrentadas caso o fim das sementes se tornasse realidade. Primeiramente, as pessoas teriam que enfrentar a falta de um produto tido como remédio de importância fundamental no local. Igualmente, perderiam a chance de aumentar sua renda durante alguns meses. E pior do que perder autonomia no apoio à própria saúde e na estratégia produtiva familiar, as pessoas teriam que se render a um expediente até então evitado, por desnecessário que atualmente o é:

comprar certos tipos de medicamentos nas farmácias. Disseram: *“Se acabar as sementes, eu imagino que a gente vai ter que gastar mais dinheiro na farmácia.”*

Mais contraditório ainda foi: *“Se parar, vamos ter que gastar dinheiro para comprar o óleo, e isso é muito ruim.”*. Deixariam, assim, de ser produtores-consumidores e passariam a ser meros consumidores alienados de sua autonomia. Diferentemente, outras pessoas não chegam a se afetar com a possibilidade de terem que comprar óleo de andiroba caso faltem as sementes localmente, pois dizem que poderiam conseguir o óleo de fora, *“O problema é que ia ficar mais caro”*.

Este é um cenário que, para algumas pessoas, não gera desconforto, pois em determinados casos, a produção de óleo é tão ínfima que pode causar esforços extenuantes nos extrativistas, sem dar-lhes a sensação de ganho real com a atividade. Dessa forma, passamos a falar de um segundo grupo de respostas, aquelas cujos conteúdos refletem a crença de que o fim das sementes possa ocorrer, porém sendo incapaz de atingir o bem estar emocional dos interlocutores.

Uma das explicações dadas para a indiferença em relação a um suposto fim da andiroba se dá pelo papel atribuído ao extrativismo da espécie, de fonte de prazer. A já mencionada importância que o extrativismo de andiroba tem de conferir, a seus praticantes, bem estar, como algum tipo de terapia ocupacional auto-recomendada, apesar de refletir o apreço com que essa atividade é encarada, não parece ser suficiente, em alguns casos, para fazer com que as famílias se mostrem profundamente abaladas caso não possam mais exercer esta função, como expresso em: *“Se acabasse, eu não ia me afetar. Pra mim, é só um esporte, pra ocupar o tempo.”*

Por outro lado, esta é uma exceção, pois a maioria dos interlocutores que declararam ter o extrativismo de andiroba como terapia se manifestaram com pesar emocional quando postos frente a um cenário de escassez do produto explorado.

Adiante, também foi possível observar que algumas pessoas não se sentiriam emocionalmente afetadas caso o extrativismo de andiroba fosse inviabilizado devido à escassez das sementes, devido ao caráter complementar da atividade na composição da renda familiar. Dada esta situação, foi dito que não seria difícil encontrar outra atividade que pudesse substituir o extrativismo de andiroba, como por exemplo: *“Eu não fico preocupada com o fim das sementes, por que eu tenho outras opções [financeiras].”*

Uma forma de compensar o vazio deixado pelo extrativismo de andiroba, caso não fosse a substituição direta por uma nova atividade, poderia ser a mera potencialização de

algum serviço que já fosse realizado, visando recuperar as perdas. Isso seria possível através da disponibilização de força de trabalho e de alguns meios de produção.

Opostamente, quando não há opções disponíveis para realizar substituições, podem ser tomadas algumas atitudes que visem prever as contingências de uma possível escassez de sementes. Uma interlocutora disse:

“Eu não estou preocupada que acabe, pois já estou até plantando aqui no meu quintal. Além do mais, se a Natura tem interesse, é claro que ela não vai deixar acabar.”.

Ela e sua família, por estarem um passo à frente das demais famílias, se sentem seguros para afirmar não ter motivos para se preocupar com boatos sobre a escassez ou desaparecimento da andiroba por aquela região.

Alguns extrativistas que não obtêm grande retorno financeiro da atividade também declararam se sentir alheios ao sofrimento caso as sementes de andiroba viessem a faltar. Certa pessoa assim falou:

“Eu não tenho medo que acabe, por que a gente trabalha só para o gasto. O óleo, a gente vende barato. Cada vez tem menos castanha por causa do desmatamento, e dá muito trabalho.”.

Geralmente esse tipo de relato foi feito por homens que realizavam somente a coleta, pois suas mães, tias, esposas e avós, envolvidas nas etapas mais adiantadas do processamento, sempre mostraram mais apreço pelo extrativismo da andiroba, baseando-se no valor medicinal do óleo para explicar a dor que sentiriam caso não mais pudessem produzi-lo em casa.

Independentemente dos argumentos que procuram atestar ou contrapor a escassez da andiroba, alguns extrativistas se veem progressivamente incapacitados de realizar esse extrativismo, por apresentarem condições físicas debilitadas, de modo que, como podem ser obrigados, a qualquer momento, a suspender esse trabalho, passam a ver com amargura os temas a ele referentes. Quando dizem *“Pra mim, tanto faz. Minha idade também já não me permite mais...”*, pretendem demonstrar que a descontinuidade de seu envolvimento com o extrativismo de andiroba faz com que a percepção de importância da atividade seja alterada.

Diferentemente das pessoas que consideram possível que algum dia as sementes de andiroba parem de chegar naquelas localidades, existe um grupo que duvida desta hipótese.

Alguns desses fazem alegações empiristas, tais como: “*Eu não me preocupo [com o fim das sementes], por que todo ano vem.*” e “*Eu tenho pra mim que não vai acabar não, por que tem muita árvore por aí.*”.

Esses relatos trazem uma forte carga de habitualidade, de crença na continuidade das coisas do modo como estão, porém apresentam ausência de formulação de imbricações com o contexto mais amplo onde essa questão se insere. Parece-se estar esquecendo que as sementes vêm de outro local, o qual também deve estar sendo ativamente modificado por populações humanas, e as ações das famílias que moram longe podem afetar as oportunidades das famílias locais. Desta feita, a falta de crença no fim das sementes de andiroba pode ser associada com a falta de conexão lógica nos modelos mentais constituídos por alguns interlocutores.

Em um nível acima, pôde ser constatada a seguinte formulação: “*Nem penso sobre isso. Depende só das enchentes na várzea.*”. Esta afirmação deixa de meramente atribuir a chegada das sementes de andiroba ao hábito, ao costume, e passa a correlacionar os eventos de modo lógico, preocupando-se em inserir esta análise em um contexto mais amplo que somente o local. Esta observação, porém, ainda falha no momento em que se mostra incapaz de perceber a influência que a andiroba sofre a partir da intervenção humana, antes mesmo de passar pelas mãos de qualquer conhecido nas localidades visitadas.

Um caso particular, porém representativo, foi quando uma interlocutora e sua família abriram mão de análises minuciosas para colocar a questão em termos de religiosidade: “*Não sei se vai acabar. Eu acredito no destino da vontade de Deus.*”. Ao dar este relato, a interlocutora não necessariamente mostrou desconhecimento dos fatores humanos envolvidos nesse processo, mas preferiu expor sua visão de mundo, segundo a qual mesmo as ações dos homens podem ser, em diferentes graus, guiadas pela ação divina, de modo que, para ela, mesmo que os seres humanos agedissem a natureza de alguma forma, o poder de Deus ainda seria suficiente para impedir-lhes de prosseguir com seus atos.

De maneira contundente, por fim, houve um relato de que a escassez das sementes era uma incógnita, porém, se ocorresse, seria lastimável: “*Não sei se algum dia vai acabar. Tomara que não, pra mulher continuar se enfeitando.*” Nesse caso, percebe-se que o dinheiro obtido com a venda de óleo de andiroba é utilizado para que a mulher compre roupas e joias, e arrume seu cabelo, e a continuidade desses cuidados parece, aos olhos do marido, necessário, sendo somente possibilitado pelo extrativismo de andiroba. Portanto, mesmo que ele não saiba se algum dia ocorrerá escassez de andiroba no local onde mora, este acontecimento seria desagradável.

8.6 EM BUSCA DE UMA NOVA SÍNTESE...

O uso de números tem a vantagem de convencer com mais facilidade até os mais incrédulos, porém, para as questões mais subjetivas, é necessário lançar mão de raciocínios menos analíticos e se debruçar sobre um esforço de síntese teórica. Neste ponto, é válido recapitular o título desta dissertação, cujo significado pode, até este momento, ter ficado nebuloso. Quando expressa-se a dúvida entre a catação ou o extrativismo, revelam-se, desde então, as primeiras pistas para a dedução a que ora se pretende chegar.

Não faria sentido iniciar este estudo com explicações que, àquela hora, pareceriam irremediavelmente abstratas e frágeis. De posse das informações até aqui divulgadas, finalmente há condições para que seja possível aproveitar um dos pontos centrais a ser levantados nesta pesquisa. O título original do trabalho, pensado como uma denominação mais sóbria, mais direta, fazia referência ao extrativismo de andiroba de modo certo, acima de qualquer objeção.

Uma segunda reflexão, no entanto, foi suficiente para que questionamentos bastante válidos viessem à tona. Esta reflexão se baseia na fala de um dos interlocutores da pesquisa, já citado, confuso quanto à sua classificação como extrativista. Tal confusão, ou incerteza, foi gerada pelo fato de que ele não tinha acesso às áreas onde estavam as andirobeiras. Nesse caso, por não coletar as sementes de andiroba diretamente debaixo da árvore-mãe, pensou, não seria digno de ser considerado como extrativista. E seria considerado como o que, então?

Desse modo, sentiu-se a necessidade de recorrer ao recurso discursivo da dicotomização, para chamar a atenção à incerteza demonstrada por várias pessoas entrevistadas. Lançada no título, esta dúvida apenas agora ganha corpo, também por que, no processo de elaboração deste texto, apenas muito perto da finalização deu-se conta da importância destas considerações.

Poderíamos, afinal, taxar arbitrariamente os interlocutores como extrativistas, mesmo que nem todos se vejam como tal? É realmente possível ou coerente denominá-los extrativistas de andiroba, se eles não extraem as sementes de andiroba de seu ecossistema de origem? Eles apenas coletam sementes trazidas de algum lugar desconhecido, e não estariam, desse modo, se comportando como geralmente se comportam os extrativistas, que têm noção de seu lócus de atuação, têm capacidade de intervir sobre o meio ambiente de onde extraem os recursos de interesse e podem, inclusive, discutir sobre estratégias para conservar a fonte de sua atividade produtiva.

As sementes de andiroba deixariam, teoricamente, de ser vistas como produtos florestais não-madeireiros, e passariam a ser consideradas, analogamente, como algum tipo de

“marisco vegetal”. O uso da palavra “extrativismo”, embora, para este caso, não esteja incorreto, pode suscitar interpretações equivocadas acerca da situação concreta que os interlocutores vivenciam em relação ao recurso natural de que tratamos. O termo “catação”, por sua vez, embora incorreto do ponto de vista meramente técnico, vem carregado de maior valor semântico, e representa com maior precisão o caso observado em campo.

Com esta contraposição, torna-se fácil notar a ausência de um conceito em que se pudesse inserir de modo completo o contexto da utilização das sementes de andiroba em Marapanim, pois tanto visto como extrativismo vegetal, quanto visto como catação (principalmente), faltarão o cumprimento de critérios classificatórios básicos, sem os quais, o uso de um ou outro hiperônimo se mostra inadequado em graus variados. Talvez em um trabalho futuro, alguém possa se ocupar com esta questão que, de tão complexa, pode constituir, em si, um problema particular. Por hora, tal percepção ressalta o cuidado com que devem ser mobilizados os conceitos-chave nas ciências, negando, desse modo, a subestimação da análise conceitual.

Como ilustração do vazio trazido pela falta de uma nomenclatura que confira identidade de grupo, de classe, pela falta de uma classificação que abarque a devida especificidade de ação humana, em termos práticos, o que se verifica é a incerteza existencial contida nos discursos de uma parcela considerável de entrevistados. Caso não tivesse sido perguntado de modo direto, a cada um dos interlocutores, se se consideravam extrativistas, quantos deles teriam exprimido essa faceta na construção consciente do seu ser, expresso na fala? Registre-se que, dentre aqueles autointitulados extrativistas, alguns foram muito pouco convincentes no seu “sim”.

Antes que as grandes empresas de cosméticos voltassem os olhos para os “produtos da floresta”, aproveitando a tendência do *ecobusiness*, a coleta de sementes de andiroba em Marapanim era mais fácil, menos concorrida, pois os únicos interessados eram motivados pela necessidade de conseguir o óleo de andiroba para uso doméstico ou para vendê-lo pra clientes certos. Com o *boom* propagandístico, corporificado pelas dezenas de chamadas comerciais ao longo da programação televisiva, a andiroba, assim como outros “produtos da floresta”, passou a ser bastante visada. Pessoas que não possuíam o hábito de coletá-la nas praias mudaram de atitude, às vezes, sem nem saber realizar o processamento das sementes.

O produto mágico, as sementes misteriosas, como que dadas de presente, eram uma dádiva divina. Sem andirobeiras à vista, nem notícias de que por ali houvesse quem tivesse visto alguma, a chegada das sementes parecia uma fábula. Mas a ganância de alguns “neoextrativistas” fragilizou a percepção que os coletores tradicionais tinham da andiroba,

pois sua coleta passou a ser concorrida, difícil. A quantidade de sementes coletadas, por ano, diminuiu.

Lembrados, por este evento desagradável, de que não podiam reclamar, por não serem donos das áreas de produção das sementes (e nem saberem onde elas ficavam), alguns passaram a assumir uma postura de desencantamento. As sementes, vistas como bens comuns, públicos, não poderiam ser “monopolizadas por aqueles que se julgavam donos delas”. A ausência de um nome exato, de uma classificação pertinente, certamente não é a principal razão para a descontinuidade percebida na construção das identidades dos coletores de sementes em Marapanim, porém entra no rol das razões relevantes para a configuração de tal quadro.

Assim sendo, um esforço teórico no sentido de buscar uma metáfora capaz de dar forma à ideia ora apresentada suplantará o mero exercício filosófico, constituindo-se em verdadeiro processo de resgate de uma identidade que, para alguns dos interlocutores, está cada vez mais fragilizada e incerta de si. Tal empreendimento requer um tempo de reflexão que supera o tempo disponível para a confecção de uma dissertação, posto que precise da mobilização de um extenso corpo teórico.

Talvez se pudesse pensar que, em vez de apenas buscar por um novo conceito, uma nova metáfora, seria mais útil encontrar onde estão estas áreas de produção de sementes, para prover os “extrativistas” de uma resposta concreta. É ingênuo acreditar nisso, pois pouco de tangível poderia ser feito de posse dessa informação. Os interlocutores não iriam se deslocar de suas vilas e distritos para locais distantes apenas pelo desejo de juntar as sementes de andiroba debaixo das andirobeiras, podendo, com facilidade muito maior, juntá-las nas areias das praias próximas.

Pareceu mais apropriado, portanto, desenvolver a exposição das percepções até este clímax, em que toma forma a reflexão segundo a qual se percebe que alguns interlocutores desta pesquisa não sabem o que são, estão em busca de seu lugar, e têm suas dúvidas potencializadas, devido ao sentimento de perda causado pela imposição de uma visão capitalista sobre um conhecimento que sentem ser tradicional, sentem ser próprio, mesmo sem saber exprimir precisamente. Agora, além de faltar precisão, falta certeza.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de buscar a análise extenuante de um ou outro aspecto pontual do extrativismo de andiroba em praias, neste trabalho partiu-se da concepção de que o conhecimento sobre a relação que os extrativistas de andiroba mantêm com seu produto de interesse não deveria ser encarado de modo isoladamente economicista ou subjetivista, mas deveria integrar algumas formas complementares de síntese.

Após analisar os aspectos organizacionais, técnicos, monetários, de conferência de importância e formulação de representações e construção de mitos, chegou-se a algumas conclusões sobre a atividade relativa às sementes de andiroba em Marapanim. Tecnicamente, o extrativismo de andiroba é extenuante, requer certa dedicação, disponibilidade de tempo e de força de trabalho, para aumentar em 5% ou menos a renda mensal de cerca de metade das famílias que realizam sua comercialização. Dessas famílias, 70% não utilizam o dinheiro para comprar comida, remédios ou outros itens relatados, pelos próprios extrativistas, como ‘necessidades’.

A importância desta atividade é prioritariamente identificada pelo uso medicinal do óleo de andiroba, mas a quantidade requerida para autoconsumo é tão pequena (um litro chega a durar até mais de um ano, em uma casa com quatro moradores), que a compra desse item seria menos dispendioso do que sua produção. O que explicaria, então, a persistência de famílias que se envolvem em todas as etapas desse serviço, para obter, após um mês e meio, apenas dois litros de óleo de andiroba?

A forte identificação dos interlocutores com a imagem de extrativistas poderia ser uma resposta para a pergunta anterior, mas as informações trazidas por esta pesquisa contradizem este pensamento, ao revelarem as incertezas existentes nos esquemas de pensamentos dos interlocutores. A inconsistência, neste caso, deve estar relacionada à imagem mental que se tem do extrativista, construído como aquele que tem livre acesso ao seu recurso visado.

Por outro lado, também foi possível perceber que os mitos formulados pelos marisqueiros de andiroba (já não mais compreendidos como quaisquer extrativistas) ajudam a compor uma dada visão de mundo e visão de si próprios. Quase metade dessas pessoas encontram, nas histórias míticas, formalizações de suas visões de mundo, de seus ideais de comportamentos, naturalizados, para reduzir os graus de questionamento das condutas desejadas, socialmente construídas, porém mistificadas. Àqueles que se adequam a estas condutas, cabe o reconhecimento enquanto pessoas predestinadas, com capacidade de lidar até com um “ser” tão volúvel quanto a andiroba. A intenção de garantir a reprodução deste

sistema de condutas dentro de cada localidade ajuda a explicar a manutenção das atividades referentes à mariscagem da andiroba, por ser o meio de revalidação desta visão cosmológica.

Conclui-se, portanto, que a motivação para a realização da mariscagem da andiroba não se baseia na facilidade técnica (que não existe), nem na retribuição monetária (que não é representativa para grande parte das famílias). Ela se baseia, sim, na percepção de necessidade (autoconsumo do óleo), na base social (constituição de espaços de convivência e aquisição de reconhecimento social) e cosmológica (representações impressas na “pré-visão” conceitual da mariscagem da andiroba e na formulação de mitos associados) subjacentes à atividade.

Em relação às aplicações práticas e diretas da pesquisa, em forma de resposta às pessoas que habitam as localidades visitadas, verificou-se que os processos de beneficiamento das sementes de andiroba e extração do óleo, embora tenham rendimento expressivo (conforme literatura citada) de acordo com as técnicas empregadas por algumas famílias, apresentaram rendimentos comparativamente menores no caso de outros estabelecimentos produtivos. Com o acompanhamento feito em cada uma das casas, foi possível obter roteiros detalhados dos procedimentos empregados por cada família para processar a andiroba. Os processos de transformação das sementes, embora tenham apresentado certa uniformidade, também apresentaram grande discrepância em alguns casos, como no tempo de duração de cada etapa.

Devido à percepção de que alguns procedimentos adotados estavam claramente associados a técnicas que, segundo a literatura científica existente, não geram bom rendimento na produção de óleo de andiroba, decidiu-se que aquelas famílias que apresentassem menor rendimento seriam aconselhadas, durante o momento de restituição da pesquisa, a rever seus procedimentos, para obter resultados mais satisfatórios do extrativismo de andiroba. As dicas dadas, aliás, deveriam não apenas tratar da extração do óleo, mas também da produção do sabão da andiroba, pois a maioria dos interlocutores da pesquisa informou não saber produzir o sabão, havendo diversas lamentações declaradas por este desconhecimento.

Em vez de simplesmente dizer que eles deveriam mudar suas práticas por que os artigos científicos traziam informações mais verdadeiras do que o conhecimento por eles recebidos de pessoas experientes, buscar-se-ia mostrar como alguns dos próprios moradores locais conseguiam mais sucesso com o extrativismo de andiroba, alcançando rendimentos expressivos na produção de óleo, pela adoção de procedimentos peculiares. Dessa forma, os extrativistas se sentiriam estimulados a seguir o exemplo de seus vizinhos e compadres, pois perceberiam como possíveis e contextualizadas as “novas” propostas.

Como a safra da andiroba ocorre no início do ano, houve a preocupação para que o retorno da equipe de pesquisa se desse ainda no final do ano de 2011, para que os extrativistas não se sentissem abandonados, o que poderia fazer com que os pesquisadores perdessem credibilidade no lócus de trabalho. Esse momento de retorno foi bastante proveitoso, e os extrativistas se mostraram extremamente receptivos às informações apresentadas, ficando interessados em aplicar as dicas já à safra de 2012. Com cada um dos interlocutores, foi também deixada uma pequena lista de checagem (Figura 2), para garantir que as informações apresentadas não caíssem no esquecimento. A lista possuía linguagem de fácil entendimento e continha apenas as informações principais, para não tornar o texto confuso ou prolixo.

Figura 1 – Lista de sugestões entregue aos extrativistas.

Trabalhando com a ANDIROBA

Na coleta, pressione a semente com o dedo polegar. Se a semente espocar, está podre e não serve para tirar óleo.

- As sementes coletadas devem ser armazenadas em um recipiente **com água** para não perder a umidade.
- **Ferva as sementes** até amolecerem (mínimo de 40 minutos). Quebre algumas e verifique, usando a unha, se a massa está grossa e oleosa. A unha deve atravessar a massa com facilidade.
- Retire as sementes da água e deixe-as **empilhadas no chão**, abafadas por folhas verdes.
- Após **45 dias**, abra todas as sementes com uma faca e retire a massa.
- A massa retirada das sementes deve ficar **3 dias** abafada no plástico.
- A massa deve ser amassada e agrupada em bolinhos.
- Coloque as bolinhas em uma bica de madeira forrada com plástico inclinada para o chão, à **sombra**. Coloque um fiozinho de algodão no fim da massa inclinada e uma vasilha no chão; assim, o óleo que sai da massa cai certinho dentro da vasilha.
- Amasse todos os dias, 6 vezes por dia (mínimo de 10 minutos por vez).
- Quando a massa ficar dura e seca, ponha-a **ao sol** pra obter mais óleo.
- Armazenar o óleo extraído em **vidros escuros fervidos**.
- **Para fazer o sabão:**
- Ferva 1 litro de óleo de andiroba com 4 Kg de sebo de gado derretido por 30 minutos e depois acrescente 250 gramas de breu (ou silicato, ou ainda soda cáustica).
- Coloque oriza ou catinga-de-mulata.
- Ferva até atingir uma textura grossa. Deixe a solução esfriar e coloque-a numa fôrma.
- Em seguida, corte o sabão em pedaços e guarde. Pode-se acrescentar à andiroba a cinza da casca do cacau misturada com água.
- Pra fazer a cinza do cacau, queime a casca seca do fruto. A cinza fina e branca (muito ácida e forte) deve ser guardada numa vasilha em local seco.



Apesar das contribuições trazidas por esta pesquisa, é preciso reconhecer suas limitações. Primeiramente, é necessário salientar que as quantificações referentes às coletas de sementes, horas de trabalho, itinerário técnico, rendimento do óleo de andiroba e renda monetária adquirida se referem somente ao ano de 2011 e sua safra única de andiroba, de modo que seria incorreto dizer que tais valores são fixos e imutáveis. De acordo com os interlocutores, a safra de 2011 foi média, tendo sido melhor que a safra de 2010 e 2009, porém menos produtiva que a safra de 2008. Positivamente, o fato de 2011 ter sido um ano considerado mediano (pelos próprios interlocutores) possibilitou que fossem evitadas medições extremas, que gerassem um perfil irreal e exageradamente deslocado dos valores normais vivenciados nas localidades visitadas.

Outro limite deste estudo é a representatividade da realidade verificada enquanto modelo ilustrativo de extrativismo de recursos naturais com fontes de produção não locais. Embora seja um exemplo bastante rico e capaz de ser abordado a partir de diferentes aspectos, a comparação dos locais pesquisados com outros locais requer que sejam tomados cuidados referentes às devidas relativizações e considerações acerca dos contextos observados. Isto se dá pela metodologia de estudo de caso, que apenas permite o conhecimento aprofundado de determinada situação, concretamente rastreada. Este pilar pode servir, no entanto, como elemento para formulação de futuras teorias mais abrangentes, sintéticas, portanto, acerca desta interessante modalidade de acesso e mobilização de recursos naturais na agricultura familiar.

Por fim, a última limitação que representou motivo para reflexões acerca de cuidados necessários para a manutenção da consistência metodológica refere-se à incompatibilidade entre o tamanho da amostra e o acompanhamento integral dos processos extrativistas desenvolvidos pelas famílias interlocutoras. Devido ao tamanho consideravelmente extenso da amostra, constituída por 52 interlocutores, distribuídos em 39 famílias, foi operacionalmente impossível acompanhar todas as etapas do extrativismo de andiroba junto a todas as famílias, inclusive devido ao relativamente curto período de duração da safra de andiroba. Para contornar esta dificuldade, procuraram-se mecanismos compensatórios, como o maior cuidado na locução e interlocução com os extrativistas das famílias cujos processos não puderam ser acompanhados mais de perto. Famílias mais aparentadas também possibilitaram que as referências cruzadas e com tendências confirmativas concedessem a devida licença à equipe de pesquisa para se furtar ao acompanhamento rígido de processos que parecessem redundantes, quando não equivalentes.

Expostas as principais limitações que, acredita-se, devam ser ressaltadas neste exercício de reflexão e autocrítica, também se pensa ser de grande interesse que sejam explicitadas algumas sugestões para pesquisas futuras no local ora estudado, assim como em relação à temática aqui abordada. De princípio, uma exploração horizontal que buscasse traçar comparações entre vários anos seguidos em Marapanim no que tange à safra de andiroba e suas quantificações subjacentes seria bastante bem-vinda, pois poderia ilustrar como as variáveis relacionadas ao extrativismo de andiroba se comportam com o passar do tempo, obedecendo a quais parâmetros.

Para além de Marapanim, poderiam ser feitas pesquisas comparativas em outras localidades para onde também haja afluxo de sementes de andiroba com origens de produção não locais. É o caso dos municípios de Ponta de Pedras, Soure, Joanes e Salvaterra no Marajó e da RESEX Caeté-Taperaçu, em Bragança, assim como também deve ser o caso de outros lugares, até hoje não informados pelos meios de comunicação científica ou popular. Além do caso da andiroba, anseia-se saber quais outros recursos naturais podem experimentar fluxos similares, sendo mobilizados produtivamente distantes de suas origens de produção, as quais podem, inclusive, ser desconhecidas pelos utilizadores finais dos produtos.

Haja vista tantas possibilidades e conjecturas levantadas pelo tema trabalhado nesta dissertação, conclui-se ser necessário avançar no entendimento acerca dos modos de vida e estratégias de reprodução familiar de populações humanas residentes em regiões costeiras e que acessam conhecimentos que os capacitam a serem reconhecidos como agricultores familiares. Seja por sua diversidade sócio-produtiva-existencial, seja por sua importância para a dinamização das redes econômicas monetárias e não-monetárias locais, a agricultura familiar se mostra em mais essa faceta, possibilitada pelos fluxos migratórios e variadas modalidades de repasse dos conhecimentos tradicionais, e parece, novamente, constituir-se a si própria, não independentemente do contexto mundial globalizado, ou à margem desse processo, porém, no caso apresentado, com autonomia suficiente para reconhecer-se como construto cultural peculiar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Biologismos, geografismos e dualismos: notas para uma leitura crítica de esquemas interpretativos da Amazônia que dominam a vida intelectual. In: _____. **Antropologia dos Archivos da Amazônia**. Rio de Janeiro: Fundação Universidade do Amazonas, 2008. p. 15-126.
- AMARAL, Dário Dantas do et al. Restingas do litoral amazônico, estados do Pará e Amapá, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências naturais**, Belém, v. 3, n. 1, p. 35-67, 2008.
- ANDRADE, Girlaine Fernandes de. **Turismo e desenvolvimento socioeconômico: realidade ou mito em um destino marajoara**. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Universidade de Brasília, 2009.
- BALZON, Dalvo Ramires; SILVA, João Carlos Garzel Leodoro da; SANTOS, Anadalvo Juazeiro dos. Aspectos mercadológicos de produtos florestais não madeireiros – análise retrospectiva. **Floresta**, v. 34, n. 3, p. 363-371, 2004.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade objetiva. In: _____. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. p. 69-172.
- BOUFLEUER, Neuza Terezinha. **Aspectos ecológicos da andiroba (*Carapa guianensis* Aublet., MELIACEAE) como subsídio ao manejo e conservação**. 2004. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais) – Universidade Federal do Acre, 2004.
- BRASIL. **Plano de desenvolvimento territorial sustentável do arquipélago do Marajó**. 2006. Disponível em: <www.integracao.gov.br>. Acesso em: 28 mar 2011.
- CARNEIRO, Diogo Borges; BARBOZA, Myrian Sá Leitão; MENEZES, Moirah Paula. Plantas nativas úteis na vila dos pescadores da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, Pará, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 24, n. 4, p. 1027-1033, 2010.
- CHAYANOV, Alexander V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não-capitalistas. In: SILVA, José Graziano da; STOLCKE, Verena. (Org.). **A questão Agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 133-163.
- COELHO-FERREIRA, Márlia. Medicinal knowledge and plant utilization in an Amazonian coastal community of Marudá, Pará State (Brazil). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 126, p. 159-175, 2009.
- CORRADI, Analaura; SANTANA, Antonio Cordeiro; LUÍNDIA, Luiza Azevedo. A viabilidade das fazendas rurais nos municípios de Soure e Salvaterra, ilha do Marajó – PA. **Rosa dos ventos**, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2009.
- CUCHE, Denis. Introdução. In: _____. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 9-15.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. Assentamentos rurais: espaços masculinos/femininos na construção de um novo modelo de vida. In: ABRAMO, Laís; ABREU, Alice Rangel de Paiva. **Gênero e trabalho na sociologia latino-americana**. Rio de Janeiro: ALAST, 1998. p. 257-271.

FERRAZ, Isolde Dorothea Kossmann; CAMARGO, José Luís Campana; SAMPAIO, Paulo de Tarso Barbosa. Sementes e plântulas de andiroba (*Carapa guianensis* Aubl. e *Carapa procera* D.C.): aspectos botânicos, ecológicos e tecnológicos. **Acta Amazonica**, v. 32, n. 4, p. 647-661, 2002.

FERRAZ, Isolde Dorothea Kossmann. **Informativo técnico Rede de sementes da Amazônia**: Andiroba (*Carapa guianensis* Aublet.). Manaus: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), 2003. 2 p.

FURTADO, Lourdes Gonçalves et al. Formas de utilização de manguezais no litoral do estado do Pará: casos de Marapanim e São Caetano de Odivelas. **Amazônia: Ciência & Desenvolvimento**, v. 1, n. 2, p. 113-127, 2006.

GUEDES, Marcelino Carneiro et al. Produção de sementes e óleo de andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) em área de várzea do Amapá. In: SEMINÁRIO DO PROJETO KAMUKAIA: Manejo sustentável de produtos florestais não-madeireiros na Amazônia, 1., 2008, Rio Branco-AC. **Anais...** Rio Branco: EMBRAPA Acre, 2008. p. 111-119.

GUERRA, Gutemberg Armando Diniz; MENEZES, Maria de Nazaré Ângelo. Do conceito de fertilidade ao de sustentabilidade. **Novos Cadernos NAEA**, v. 2, n. 2, p. 139-157, 1999.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida**: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 164 p.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **O desenvolvimento da agroindústria no Estado do Pará**. 2005. Disponível em: <www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/secex/sti/indbras/opodesafios/saber/alfredohomma.pdf>. Acesso em: 7 abr 2011.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama; MENEZES, Antônio José Elias Amorim de. O histórico do sistema extrativo e a extração de óleo de andiroba cultivado no município de Tomé-açu, Estado do Pará. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 43., 2005, Ribeirão Preto -SP. **Anais...** Ribeirão Preto: SOBER, 2005. p. 1-11.

JARDIM, Mário Augusto Gonçalves; MEDEIROS, Toni D.S. Plantas oleaginosas do Estado do Pará: composição florística e usos medicinais. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 87, n. 4, p. 124-127, 2006.

KLIMAS, Christie Ann et al. Estrutura populacional e dinâmica da regeneração de andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) em dois tipos de ambientes, em Rio Branco, Acre. In: SEMINÁRIO DO PROJETO KAMUKAIA: Manejo sustentável de produtos florestais não-madeireiros na Amazônia, 1., 2008, Rio Branco-AC. **Anais...** Rio Branco: EMBRAPA Acre, 2008. p. 81-86.

- LIMA, Deborah. A economia doméstica em Mamirauá. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. (Org.). **Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: AnnaBlume, 2006. p. 145-172.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2001. 219 p.
- MAUÉS, Márcia Motta. Fenologia da andiroba (*Carapa guianensis* Aublet.) na Floresta Nacional do Tapajós, Belterra, Pará. In: SEMINÁRIO DO PROJETO KAMUKAIA: Manejo sustentável de produtos florestais não-madeireiros na Amazônia, 1., 2008, Rio Branco-AC. **Anais...** Rio Branco: EMBRAPA Acre, 2008. p. 67-74.
- MAYR, Ernst. **O que é a evolução?** São Paulo: Rocco, 2001. 300 p.
- MELLINGER, Larissa Lopes. **Aspectos da regeneração natural e produção de sementes de *Carapa guianensis* Aubl. (andiroba), na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, AM**. 2006. 94 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Tropical e Recursos Naturais) – Universidade Federal do Amazonas, 2006.
- MENDONÇA, Aandrea P.; FERRAZ, Isolde Dorothea Kossmann. Óleo de andiroba: processo tradicional da extração, uso e aspectos sociais no estado do Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**, v. 37, n. 3, p. 353-364, 2007.
- NEVES, Delma Pessanha. Assentamento rural: confluência de formas de inserção social. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 13, p. 5-28, 1999.
- OLIVEIRA, Mariana Gomes de. **Manejo florestal comunitário da andiroba (*Carapa guianensis*, Aubl.): integrando o conhecimento local à pesquisa-ação no sudeste do Pará**. 2008. 55 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Agronomia) – Universidade Federal do Pará, 2008.
- OLIVEIRA, Mariana Gomes de; ARAÚJO, Claudionísio de Souza; SANTOS, G.C. Construindo caminhos para a valorização das sementes de andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) a partir da integração entre o saber local e a pesquisa-formação-desenvolvimento no sudeste do Pará. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 2, p. 2587-2590, 2009.
- PINTO, Adriana Araújo. **Avaliação de danos causados por insetos em sementes de andiroba [(*Carapa guianensis* Aublet) e andirobinha (*C. procera* DC.) (Meliaceae)] na Reserva Florestal Adolpho Ducke em Manaus, AM, Brasil**. 2007. 73 f. Dissertação (Mestrado em Entomologia). Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), 2007.
- PLOWDEN, Campbell. The ecology and harvest of andiroba seeds for oil production in the brazilian Amazon. **Conservation and Society**, v. 2, n. 2, p. 251-272, 2004.
- RAHMEIER, Clarissa Sanfelice. Sociedade, corpo e cultura: a materialidade e a formação identitária na perspectiva da arqueologia fenomenológica. In: **Opsis**, v. 7, n. 8, p. 33-42, 2007.
- RAPOSO, Andréa et al. Diversidade genética de populações de andiroba no baixo Acre. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 42, n. 9, p. 1291-1298, 2007.

RIZEK, Maytê Benício. **A comercialização de óleos vegetais na Reserva Extrativista do Médio Rio Juruá, Carauari-AM:** de uma estratégia de “desenvolvimento sustentável” à mercantilização de comunidades tradicionais extrativistas. 2006. 74 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2006.

SANTOS, Anadalvo Juazeiro dos et al. Produtos não madeireiros: conceituação, classificação, valoração e mercados. **Floresta**, v. 33, n. 2, p. 215-224, 2004.

SANTOS, Anadalvo Juazeiro dos; GUERRA, Fabíola Gisela Pinto de Queiroz. Aspectos econômicos da cadeia produtiva dos óleos de andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) e copaíba (*Copaifera multijuga* Hayne) na Floresta Nacional do Tapajós – Pará. **Floresta**, v. 40, n. 1, p. 23-28, 2010.

SCHMAL, Bárbara et al. **Óleos da Amazônia:** o cheiro da floresta em vidrinhos – Manejo comunitário de produtos florestais não madeireiros e fortalecimento local no município de Silves-AM. Manaus: Provárzea/IBAMA/MMA, 2006. 32 p.

SCHULZE, Mark; GROGAN, Jimmy; VIDAL, Edson. O Manejo florestal como estratégia de conservação e desenvolvimento socioeconômico na Amazônia. In: BENSUSAN, Nurit; ARMSTRONG, Gordon. (Org.). **O Manejo da Paisagem e a Paisagem do Manejo**. Brasília: IIEB, 2008. p. 163-213.

SCHWARTZ, Gustavo; NASCIMENTO, Nazarino Assunção; MENEZES, Antônio José Elias Amorim de. Estrutura populacional de espécies de interesse florestal não-madeireiro no sudeste do Pará, Brasil. **Amazônia: Ciência & Desenvolvimento**, v. 4, n. 7, p. 117-130, 2008.

SHANLEY, Patrícia. Andiroba (*Carapa guianensis* Aublet.). In: SHANLEY, Patrícia; MEDINA, Gabriel. (Org.). **Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica**. Belém: CIFOR-IMAZON, 2005. p. 41-50.

STROPASOLAS, Wilson L. O trabalho no cotidiano dos jovens. In: STROPASOLAS, Wilson L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 243-311.

TONINI, Hélio et al. Estrutura populacional e produção de castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) e andiroba (*Carapa sp.*) no sul do estado de Roraima. In: SEMINÁRIO DO PROJETO KAMUKAIA: Manejo sustentável de produtos florestais não-madeireiros na Amazônia, 1., 2008, Rio Branco-AC. **Anais...** Rio Branco: EMBRAPA Acre, 2008. p. 15-24.

TONINI, Hélio; COSTA, Patrícia da; KAMISKI, Paulo Emílio. Estrutura, distribuição espacial e produção de sementes de andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) no sul do estado de Roraima. **Ciência Florestal**, v. 19, n. 3, p. 247-255, 2009.

WADT, Lúcia Helena de Oliveira et al. Produção de sementes de andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) no período de 2004 a 2008, em dois ambientes de floresta natural, em Rio Branco, Acre. In: SEMINÁRIO DO PROJETO KAMUKAIA: Manejo sustentável de produtos florestais não-madeireiros na Amazônia, 1., 2008, Rio Branco-AC. **Anais...** Rio Branco: EMBRAPA Acre, 2008. p. 75-80.

WITKOSKI, Antônio Carlos. Organização social do trabalho da família camponesa. In: _____. **Terras, florestas e águas de trabalho**: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas – EDUA, 2007. p. 160-185.

WOLF, Eric. Aspectos sociais do campesinato. In: **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 88-113.